



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA-UNILAB
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
INSTITUTO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES
MESTRADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES-MIH**

DANIEL DOS SANTOS CARNEIRO

TRABALHO, SECAS E EPIDEMIAS EM SOBRAL-CE (1877-1925)

REDENÇÃO-CE

2019

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Carneiro, Daniel Dos Santos.

C287t

Trabalho, secas e epidemias em Sobral-CE 1877-1925 / Daniel Dos Santos Carneiro. - Redenção, 2019.
100f: il.

Dissertação - Curso de , Programa De Pós-graduação Interdisciplinar Em Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2019.

Orientador: Prof. Dr. Edson Holanda Lima Barboza.

1. Seca. 2. Peste. 3. Saúde coletiva. 4. Cura. I. Título

CE/UF/BSCA

CDD 631.67

DANIEL DOS SANTOS CARNEIRO

TRABALHO, SECAS E EPIDEMIAS EM SOBRAL-CE (1877-1925)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB, como exigência parcial para obtenção do título de mestre em Humanidades, sob orientação do Prof. Dr. Edson Holanda Lima Barboza.

REDENÇÃO-CE

2019

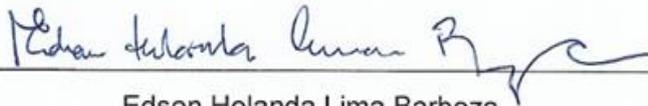
DANIEL DOS SANTOS CARNEIRO

Trabalho, secas e epidemias em Sobral-CE (1877-1925).

Dissertação apresentada ao Mestrado Interdisciplinar em Humanidades (MIH) Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre. Área de concentração: Humanidades.

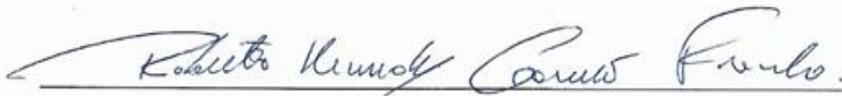
Aprovada em: 29 / 04 / 2019.

BANCA EXAMINADORA



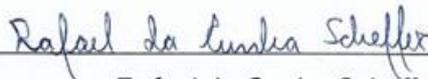
Edson Holanda Lima Barboza

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)
Presidente



Roberto Kennedy Gomes Franco

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)
Examinador Interno ao Programa



Rafael da Cunha Scheffer

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)
Examinador Externo ao Programa

Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus pais, Luiz da Silva Carneiro e Antônia Roseno dos Santos; ao meu Padim Ciço e demais amigos e familiares que, à sua maneira, contribuíram para a concretização desta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

A Deus que, além de me dar forças, permitiu minha chegada até aqui para apresentar meu objeto de pesquisa, o qual foi fruto de minhas diversas vivências desde a infância até minha vida como discente dos cursos de História (UVA), Administração Pública (UNILAB) e Acordeão (IFCE), em que, a partir deste último, mantive contato com a expressão artística do sertanejo, permitindo-me diversos olhares e questionamentos acerca do flagelo da Seca no Ceará e sobre as formas como tal fenômeno encontra-se impresso em nosso DNA.

Ao meu orientador, Dr. Edson Holanda Lima Barboza, por acreditar em minha proposta de pesquisa e, principalmente, por sua forma precisa de me orientar durante esta jornada e por suas cobranças constantes, que foram decisivas para o desenvolvimento desta pesquisa.

À PROPPG-UNILAB, pela concessão da bolsa de estudos durante o mestrado, e à Instituição UNILAB (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira), pela oportunidade de proporcionar a realização de um objetivo pessoal, além da riqueza na pluralidade cultural com que mantive contato durante o curso.

Aos professores do Programa, Carlos Henrique Lopes Pinheiro, Francisco Vitor Macedo Pereira, Ivan Maia de Melo, Larissa Oliveira e Gabarra, José Weyne de Freitas, Fabio Cressoni, e Roberto Kenedy, que sempre se mostraram empenhados em minha formação enquanto discente do mestrado interdisciplinar e com os quais mantive contato durante o curso.

Aos membros do Grupo de Pesquisa *Trabalho, Cultura e Migrações no Ceará*, Professor Rafael da Cunha Scheffer e Edson Holanda Lima Barboza, e aos colegas do GT, Liana Cavalcante, Mayara Martins, Edmar Luiz e Jean Carlos Barbosa, por todas as contribuições acadêmicas e enriquecedores momentos de discussões, que contribuíram para a minha formação acadêmica e possibilidades de me fazer lançar novos olhares e reflexões sobre antigas questões.

À Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), pela contribuição em meus processos de Pesquisa, especialmente ao Professor Me. Dênis Melo Carvalho (UVA), que, em momentos difíceis, sempre contribuiu com seu conhecimento.

À Ma. Viviane Prado Bezerra (UVA), por suas contribuições desde a minha graduação.

À (UVA), por suas contribuições e considerações no que diz respeito a minha pesquisa

e pelos diálogos e sua forma didática de passar conhecimento.

Ao (UVA), por incentivar e contribuir para as minhas pesquisas quando eu ainda era discente do curso de História na UVA.

À Ma. Milvane Vasconcelos (UEVA), por ter sido uma grande amiga de curso durante a graduação e por sua ajuda e contribuição em momentos difíceis, estando sempre ao meu lado, apesar da distância.

Aos amigos, Me. Gustavo Maciel, conhecido desde a docência no curso de História da UVA e que tem contribuído de forma imensurável com seu conhecimento teórico-prático, ajudando-me a trilhar este caminho delicado que decidi percorrer, e Afrânio Vieira de Holanda, que, a partir de sua formação e contribuições enriquecedoras, trouxe questões até então não exploradas por mim no processo de pesquisa.

*E a linda pequena, tremendo de medo:
– Mamãe, meus brinquedo!
Meu pé de fulô!
Meu pé de rosêra, coitado, ele seca!
E a minha boneca
Também lá ficou.
E assim vão dexando, com choro e gemido,
Do berço querido
O céu lindo e azu.
Os pai, pesaroso, nos fio pensando,
E o carro rodando
Na estrada do Su.
Chegaro em São Paulo – sem cobre,
quebrado.
O pobre, acanhado,
Percura um patrão.
Só vê cara estranha, da mais feia gente,
Tudo é diferente
Do caro torrão.
Trabaia dois ano, três ano e mais ano,
E sempre no prano
De um dia inda vim.
Mas nunca ele pode, só veve devendo,
E assim vai sofrendo
Tormento sem fim.
Se alguma notícia das banda do Norte
Tem ele por sorte
O gosto de uvi,
Lhe bate no peito sodade de móio,
E as água dos óio
Começa a caí.
Do mundo afastado, sofrendo desprezo,
Ali veve preso,
Devendo ao patrão.
O tempo rolando, vai dia vem dia,
E aquela famia
Não vorta mais não!
Distante da terra tão seca mas boa,
Exposto à garoa,
À lama e ao paú,
Faz pena o nortista, tão forte, tão bravo,
Vivê como escravo
Nas terra do su.*

Antônio Gonçalves da Silva (Patativa do Assaré)

TRABALHO, SECAS E EPIDEMIAS EM SOBRAL-CE (1877-1925)

RESUMO

Esta pesquisa foi conduzida a partir da metodologia de pesquisa interdisciplinar e paradigma indiciário, também descrito como método “Moreliano”, cuja proposta avalia a veracidade das obras de artes a partir da observação dos pequenos detalhes, a fim de se distinguir das características mais vistosas, mais facilmente imitáveis. Partindo de tais pressupostos, emprega-se a mesma lógica de abordagem ao analisar a relação entre trabalho, saúde pública e doenças que acometeram a população cearense e sobralense nos períodos de estiagem, estabelecendo assim a relação dessas conjunturas de controle, com as políticas imperialistas liberais, desenvolvidas nas regiões do mundo afetadas pela seca global no cinturão tropical. Delimitar o estudo entre 1877 a 1925 é necessário para compreender as diversas modificações e adaptações do processo de institucionalização da seca e das formas de socorro praticadas no decorrer dos períodos. Consideram-se no decorrer da pesquisa: formas de adoecimentos; as políticas de gestão de diferentes classes sociais; ações de caridade provenientes da Igreja Católica e demais esferas da sociedade; a seca nas diversas regiões do mundo, como parte da China, norte da África, e Ásia, durante o mesmo período; apresentação de um panorama da seca, da fome e do liberalismo e o surgimento das epidemias. O estudo apresenta como fonte os seguintes dados: relatórios do Presidente de Província e Estado; os jornais *A Lucta*, *Correio da Semana*, *Mão Negra*, *O Retirante*, *O Cearense*, *A República*, *Jornal do Ceará*, e *Diário do Ceará*; e as obras *A Seca de 1915*, *Variola e Vacinação*, *História da Seca no Ceará (1878-1880)*, do farmacêutico Rodolfo Teófilo, *Salubridade*, do médico Thomaz Pompeu de Sousa Brasil, e *História das Secas – séculos XVII a XIX*, do odontólogo e Inspetor Regional do Ensino Joaquim Alves; e relatórios da Santa Casa de Fortaleza (1877-1879), direcionados ao presidente da província e às revistas do Instituto do Ceará. Assim, problematizaram-se as ações no campo da saúde e os dogmas da Igreja empregados pela Santa Casa de Misericórdia de Sobral e demais ações encabeçadas pela Igreja católica em Sobral, valendo-se dos preceitos da Igreja e práticas de caridade como forma de tentativa de manutenção da ordem.

Palavras-chave: Seca. Peste. Saúde Pública. Saúde Coletiva. Cura.

WORK, DRY AND EPIDEMICS IN SOBRAL-CE (1877-1925)

ABSTRACT

This research was conducted using the methodology of interdisciplinary research and indiciary paradigm, also described as "Moreliano" method, which proposed to evaluate the veracity of the art works from the observation of the small details, in order to distinguish besides the most showy characteristics, more easily imitated. Based on these assumptions, the same logic of approach is used when analyzing the relationship between work, public health and the diseases that affected the population of Ceará and Southeastern Brazil during the dry periods, thus establishing the relationship of these control conjunctures with the imperialist policies liberals, developed in regions of the world affected by the global drought in the tropical belt. Delimiting the study between 1877 and 1925 is necessary to understand the various modifications and adaptations of the process of institutionalization of the drought and the forms of relief practiced during the periods. The following are considered during the research: forms of illness, the management policies of different social classes; charitable actions from the Catholic Church and other spheres of society. As well as drought in various regions of the world as part of China, North Africa, and Asia during the same period, seeking to present a panorama of drought, hunger and liberalism and the emergence of epidemics. The study presents as a source the following data: reports of the President of Province and State; the newspapers A Lucta, Mail of the Week, Black Hand, The Retirement, The Cearense, The Republic, Jornal do Ceará, and Diário do Ceará; and the works The Drought of 1915, Smallpox and Vaccination, History of the Drought in Ceará (1878-1880), the pharmacist Rodolfo Teófilo, Salubridade, the doctor Thomaz Pompeu de Sousa Brazil, and History of Droughts - 17th- and Regional Inspector of Teaching Joaquim Alves; besides the reports of Santa Casa de Fortaleza 1877-1879, directed to the president of the province and the magazines of the Institute of Ceará. Thus, the actions in the field of health were discussed, and the dogmas of the Church employed by the Holy House of Mercy of Sobral and other actions headed by the Catholic Church in Sobral, relying on the dogmas of the church and practices of charity as a way of trying of order maintenance.

Keywords: Drought. Plague. Public health. Collective Health. Cure.

LISTA DE IMAGENS

Mapa 1 - Curso do Rio Acaraú.....	11
Figura 2 - Pico da Serra Branca.....	11
Figura 3 - Centro de Monsenhor Tabosa.....	12
Figura 4 - Igreja Matriz de São Sebastião.....	12
Figura 5 - Mapa do Ceará e localização do município de Monsenhor Tabosa.....	13
Figura 6 - Mapa do município de Sobral e demais municípios que compõem a Região Metropolitana de Sobral.....	15
Figura 7 - Encontro do Rio Acaraú e Rio Jaibas	16
Figura 8 - Regiões afetadas pela Seca Global.....	50
Figura 9 - Região do Nordeste brasileiro afetada pela seca.....	51
Figura 10 - Estação da Estrada de Ferro de Sobral.....	60
Figura 11-Estrada de Ferro de Sobral - Estação Camocim.....	61
Figura 12-Santa Casa de Misericórdia de Sobral.....	73
Figura 13- Diocese de Sobral - Sede do Jornal Correio da Semana.....	80
Figura 14- 1º Bispo de Sobral - Dom José Tupinambá da Frota.....	83

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

(SEOCS) Secretaria de Estudos e Obras Contra as Secas

(IOCS) Inspeção de Obras Contra as Secas

(IFOCS) Inspeção Federal de Obras Contra as Secas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I - SECA, MIGRAÇÃO E DISCIPLINARIZAÇÃO DOS ESPAÇOS E CORPOS	33
1.1 A seca no Ceará: aspectos ambientais e sociais	32
1.2. Secas e Epidemias no Ceará.....	36
1.3 Combate às doenças: entre a higienização e o controle social	42
1.4 A sincronia da Seca.....	49
CAPÍTULO II - A CIDADE E A INDÚSTRIA DA SECA: Abordagem das relações de poder e política em Sobral-CE.....	56
2.1 O Ceará e Indústria da Seca.....	55
2.2 A micropolítica do retirante e a mecânica do poder.....	62
2.3 Doença, cura e fé: a disciplina e a Santa Casa de Misericórdia em Sobral.....	69
CAPÍTULO III - CARIDADE E CONTROLE SOCIAL: A Igreja e o combate às epidemias em Sobral.....	76
3.1 Epidemias e isolamento	78
3.2 A Santa Casa de Misericórdia de Sobral	81
3.3 Apelo contra a "apathia" ou sobre as formas ocultas de resistência.....	85
CONCLUSÃO.....	87
FONTES E BIBLIOGRAFIA.....	87
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	92

INTRODUÇÃO

Desde criança sempre convivi entre serra, sertão e praia. Por conservar boas memórias da minha infância, lembro-me dos momentos difíceis que passávamos com o advento da seca. Mesmo muito pequeno, percebia que nossos costumes eram moldados pelas estiagens e enchentes: a forma como meus avós maternos cuidavam da roça, colhiam algodão, feijão, milho e fava; a alternância entre os banhos como forma de gerenciamento da água reservada; os alimentos que tínhamos disponíveis no período de estiagem, como peixe seco, feijão da seca, fava e ‘caldo de caridade’, entre outros alimentos particulares à época. Nos períodos de inverno bom, em que havia fartura de milho na forma de pão (cuscuz, que era chamado de pão de milho) assado e cozido, beiju, manzape, manteiga, coalhada e queijo. Portanto, desde cedo, entendi que a seca era sentida de diferentes maneiras a depender dos locais. As formas de alimentação a que me referi provêm do município de Monsenhor Tabosa, pois, em Sobral, terra de meus avós paternos, parte da alimentação era bem diferente devido às condições do clima quente e seco, o que piorava no período de secas.

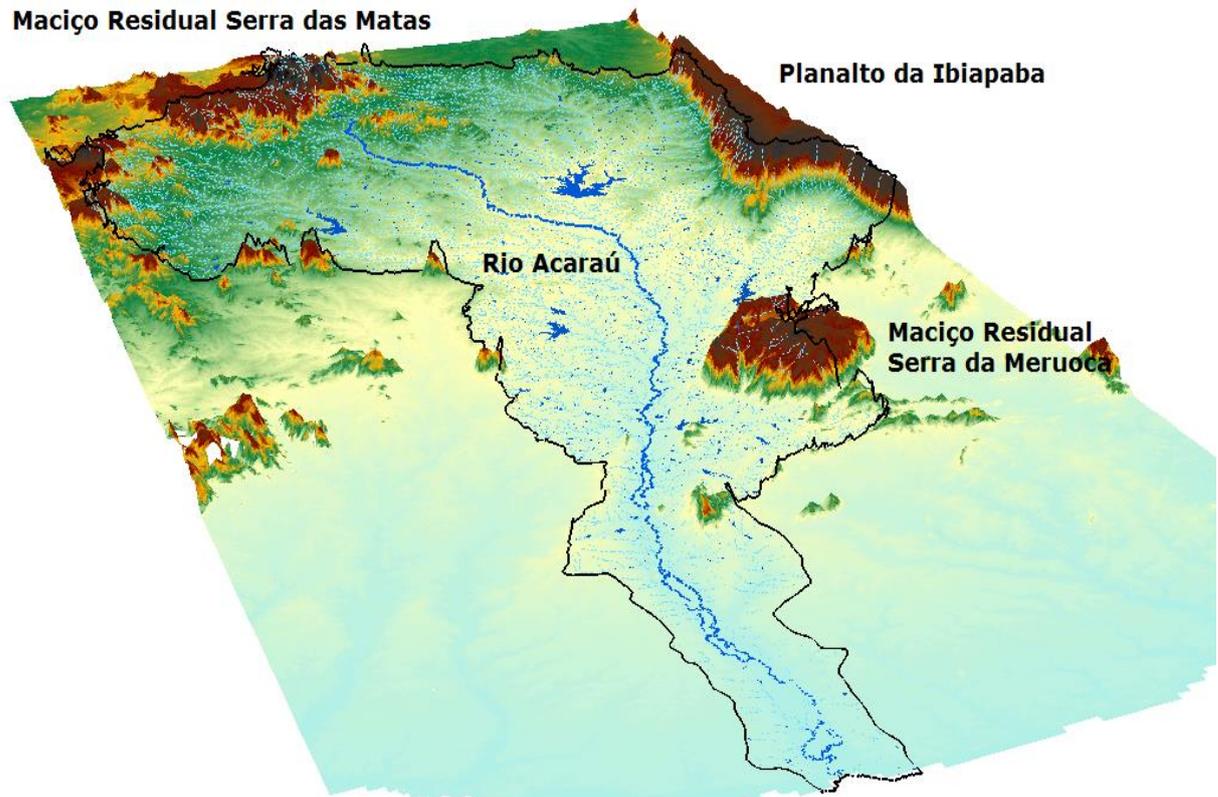
Lembro-me das vezes em que meus tios e avós paterno e materno (ambos eram agricultores nos seus respectivos municípios) levavam-me para colher feijão, milho e algodão, pescar ou caçar. Para mim, era uma diversão que eu esperava contando as horas, mas para eles tratava-se de um trabalho árduo de sobrevivência cotidiana. As minhas lembranças não se limitam somente ao processo de colheita, mas à forma como meus avós estocavam alimentos, como o peixe seco, a carne seca, o feijão, o milho e a fava, em caixões de madeira com tamanho equivalente ao cômodo de uma casa (tonéis). Por vezes, a curiosidade me fazia ultrapassar os limites de tentar compreender de onde vinham o feijão e o milho que saíam pelas torneiras dos caixões. A curiosidade e o fato de que as casas antigas não tinham paredes até o telhado (era necessário que o ar circulasse pela casa) permitiam que eu subisse pela divisa entre os quartos, onde descobri que os grãos que saíam pela “torneira” eram na verdade uma grande “piscina” de armazenamento de feijão e milho (os grajaus).

Entre outras lembranças de infância, lembro que, quando as cisternas já haviam secado, íamos buscar água no chafariz central. Tais memórias referem-se à convivência na Serra, mais precisamente no município de Monsenhor Tabosa¹, cidade localizada na Serra das Matas, local das nascentes do Rio Acaraú e também local de residência de parte da minha família materna. A seguir, encontram-se breves descrições do município e imagens de

¹ Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/monsenhor-tabosa/panorama> >

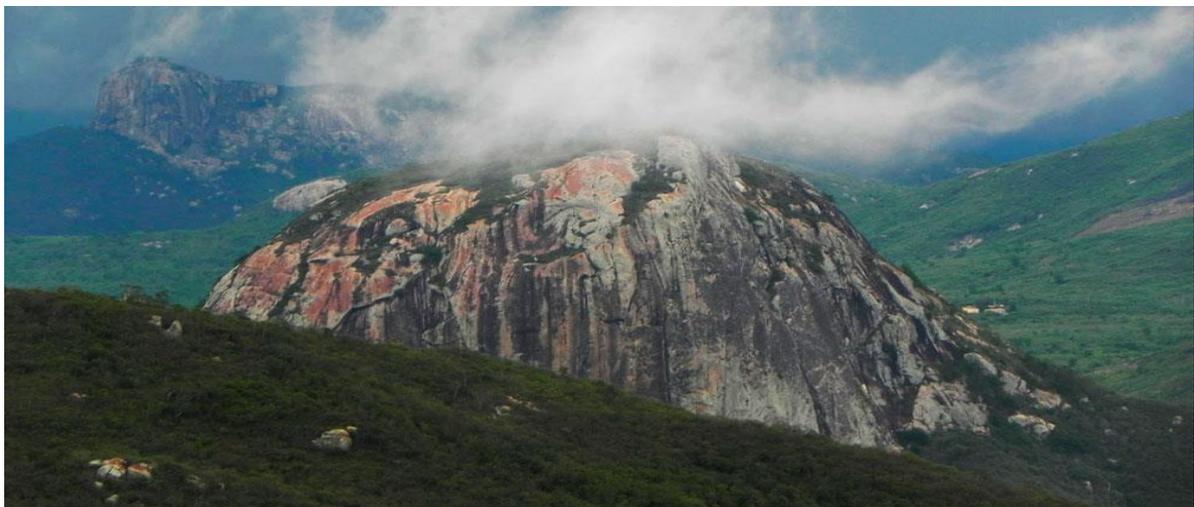
Monsenhor Tabosa, a localização das nascentes do Rio Acaraú no Ceará e seu respectivo percurso, bem como o Pico da Serra Branca, localizado na Serra das Matas.

Figura 1 - Curso do Rio Acaraú



Fonte: http://blogs.diariodonordeste.com.br/zonanorte/sobral_/zona-norte-projeto-busca-revitalizacao-do-rio-acarau/#images-1

Figura 2 - Pico da Serra Branca (localizado na Serra das Matas)



Fonte: <http://blogdescalada.com/wp-content/uploads/2017/11/Pico-da-Serra-Branca.jpg>

Figura 3 - Centro de Monsenhor Tabosa



Fonte: http://br.geoview.info/vista_centro_da_cidade,35020522p

Figura 4 - Igreja Matriz de São Sebastião



Fonte: http://br.geoview.info/monsenhor_tabosa_ce_wluiz,61790968p

Figura 5 - Mapa do Ceará e localização do município de Monsenhor Tabosa



Fonte:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Monsenhor_Tabosa#/media/File:Ceara_Municip_MonsenhorTabosa.svg

Monsenhor Tabosa foi elevada à categoria de município pela lei estadual nº 1.153, de 2 de novembro de 1951, desmembrado de Tamboril, sede do antigo distrito de Monsenhor Tabosa. Também constituído de Distrito-sede e instalado em 25 de março de 1955, possuía uma população estimada entre 17.167 habitantes, em 2018. Na área do município, encontra-se o ponto mais alto do Estado do Ceará, o Pico da Serra Branca, com 1.154,56 metros, local onde grande parte da água consumida pela população era obtida por meio do sistema de cisternas. O próprio chão da cozinha de minha avó era uma grande cisterna acoplada ao restante da casa, cujo barulho oco ao pisar já me despertava profunda curiosidade (talvez uma predisposição para a música). Além disso, existiam outras duas cisternas localizadas no quintal e dois tanques reservatórios para o consumo dos animais.

A outra parte de minha infância foi vivida no sertão, na cidade de Sobral², em que, por vezes, carregando os hábitos da pequena cidade serrana, sentia-me numa Metrópole. Mesmo com o calor escaldante, os momentos de diversão compensavam. Além das mesmas lembranças relacionadas à roça, recordo-me de ficarmos até três dias sem tomar banho por conta da falta d'água, uma vez que a gestão era diferente no semiárido sobralense.

Além desses trechos de memórias, cresci ouvindo relatos de minha bisavó e avó paternas sobre viagens que meu bisavô fazia para trabalhar em obras públicas, horrores das secas, e suas rotinas enquanto moças jovens e pobres da zona rural e, posteriormente, periferia de Sobral. É importante frisar que a parte de ser pobre quando moça nunca aparece diretamente nas narrativas de minha avó, devido a uma preocupação maior com a 'honra' (virgindade e pureza), porém, conhecendo-a como conheço, sei que toda sua vida foi marcada pela pobreza.

Seus relatos focam em sua infância difícil, regada à fome, à desnutrição e à espera do meu avô, por causa de seu trabalho em obras públicas nas secas do Piauí, retornando com alimentos, como farinha, carne seca, goma etc. Ademais, suas histórias relatavam a vida difícil das mulheres que ficavam com os filhos (que eram muitos), sobrevivendo um dia de cada vez, administrando a escassez de alimentos e a esperança pela volta de seus companheiros, caso não fossem acometidos pelas febres reinantes ou outras moléstias da época, como o caso de meu bisavô, que falecera com menos de 40 anos de idade por conta de uma febre reinante que acometeu o local onde trabalhava. Segundo relatos de minha avó, tal enfermidade “cozinhou seus órgãos internamente”, ceifando sua vida e deixando minha

² < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/sobral/historico>>, <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/sobral/panorama>> <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2013-agencia-de-noticias/releases/15123-ibge-atualiza-a-listagem-dos-municipios-que-integram-os-recortes-territoriais-brasileiros-3.html>> acesso em: 05/09/18

bisavó com 10 filhos. Suas memórias de mocinha retratam os passeios pelas praças de Sobral, tateando entre o lado das moças ricas e o lado das moças pobres denominadas de “cunhãs”, além de apreciar de fora os bailes e festas noturnas regadas à pompa sobralense.

Figura 6 - Mapa do município de Sobral e demais municípios que compõem a Região Metropolitana



Fonte: <http://www2.ipece.ce.gov.br/atlas/capitulo1/11/159.htm>

Figura 7 - Imagem do encontro do Rio Acaraú e Rio Jaibaras (à direita)



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=vO3L3dEHsuU>

Esses relatos sobre a minha vivência enquanto adolescente e adulto, seguido da vida acadêmica e musical-acordeão, sempre despertaram grande curiosidade em compreender a vida no semiárido, as formas de viver frente à seca, os movimentos de migração, adoecimento e trabalho no flagelo da seca. Tendo em mente a grande curiosidade e o conhecimento acadêmico que se faz em porções de contribuições para se compreender o problema de pesquisa, minha reflexão sobre chegar até o problema de pesquisa não foi fácil. Dessa forma, a elaboração do problema de pesquisa foi pensado com a finalidade de compreender o processo de adoecimento nos períodos de seca, considerando o mundo do trabalho. O levantamento bibliográfico foi dividido em obras voltadas para as secas, trabalho, adoecimento e saúde pública.

Quanto à teoria da metodologia, Dante Gaeffi³ afirma que, necessariamente, uma metodologia qualitativa é configurada a partir das experiências humanas. Entende-se que os conceitos de totalidade vivente e totalidades segmentárias são as formas como devem ser pensados e analisados os problemas relacionados às Ciências Humanas e Sociais, como os apresentados aqui: a cidade, os cidadãos e a seca, pois é na natureza configurada a partir das

³ GALEFFI, Dante; MACEDO, Roberto Sidnei., **Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciências**. Salvador: EDUFBA, 2009.

experiências humanas (necessariamente, considerando as experiências de “auto-sócio-eco-organização”), que se pode chegar à relação corpo-mente e exterior-interior. Não se trata de uma totalidade totalizante, mas de compreender a cidade na perspectiva totalizante vivente, considerando a totalidade segmentada⁴, que consiste em uma totalidade baseada em estágios históricos que tratam das vivências corporais afetivas e mentais de determinado período.

Dos limites e das possibilidades da pesquisa qualitativa de natureza fenomenológica o esforço do pensamento humano em conectar-se com a totalidade do vivido e do vivente, tendo-se em vista a auto condução responsável e consequente da vida de relação presente.⁵

Com base no trecho citado, entende-se que a pesquisa fenomenológica é um tipo de abordagem que leva em consideração o homem e suas ações. Entretanto, compreende-se que não se trata de sair buscando ações sem rigor. A pesquisa qualitativa é inviável sem um determinado rigor, mas não um rigor preestabelecido e rígido, como nas abordagens quantitativas, mas um rigor que delimita, e não fragmenta; ou seja, um rigor que investiga a natureza, considerando mente e corpo (quantitativo e qualitativo), sem levar em conta a separação, e sim a delimitação dentro da totalidade.

Dessa forma, entende-se que as cidades são entrelaçadas e ordenadas com base nas relações políticas e de poder. Porém, no caso de uma cidade como Sobral, localizada no semiárido cearense, de pequeno porte, com uma parcela significativa da população de origem rural, as relações de poder são perpassadas por outras forças além daquelas que se passam somente no espaço urbano. De acordo com David Harvey⁶, essas forças produzem o espaço da ilusão, do teatro, da interpretação e da reinvenção. Em Sobral (e em todo o Ceará), não apenas as áreas rurais, mas o processo de organização da cidade está perpassado pelo ciclo das secas e da interação da população com os eventos climáticos.

Ainda referente à metodologia, esta pesquisa é conduzida com base no paradigma indiciário, descrito a partir do chamado método morelliano, que consiste em reconhecer a autoria e a veracidade das artes plásticas. Tal método surgiu a partir de uma série de artigos que propunham avaliar a veracidade de obras de artes. Quanto ao método, Morelli atribuía a

⁴ GALEFFI, Dante; MACEDO, Roberto Sidnei., **Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa...** *Op. Cit.* p.66

⁵ GALEFFI, Dante; MACEDO, Roberto Sidnei., **Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa...** *Op. Cit.* p.15

⁶ HARVEY, David. **A Condição Pós-Moderna:** Uma pesquisa sobre as origens da Mudança Cultural. São Paulo: Edições LOYOLA, 1992.

necessidade de observar pequenos detalhes para distinguir além das características mais vistosas, mais facilmente imitáveis, fazendo assim uma interpretação de sinais:

É necessário examinar os pormenores mais negligenciáveis e menos influenciados pelas características da escola a que o pintor pertencia: os lóbulos das orelhas, as unhas, as formas dos dedos das mãos e dos pés. [...] a importância característica dos detalhes secundários, das particularidades insignificantes, como a conformação das unhas, dos lobos auriculares, da auréola e os outros elementos [...] creio que o seu método está estreitamente aparentado à técnica da psicanálise médica. Esta também tem por hábito penetrar em coisas concretas e ocultas através de elementos pouco notados ou despercebidos⁷.

Com base no enunciado, busca-se no decorrer desta pesquisa lançar tal olhar investigativo, de reinterpretação e releitura, uma vez que as fontes levantadas para explicar os problemas apresentados valem-se dos documentos e das narrativas oficiais. Portanto, busca-se nas entrelinhas dos “letrados” e dos representantes compreender o que não está dito, as vozes dos silenciados, e não letrados.

Em *O fio e os rastros*⁸, além da atenção ao se interpretar fontes, Ginzburg (2007) alerta a compreensão de que em alguns casos há necessidades ou intenções de que a verdade deva ser encoberta, narrando assim coisas falsas como verdadeiras. Trazendo essa perspectiva para esta pesquisa, percebe-se a necessidade por parte do poder público de esconder determinadas epidemias durante a grande seca dos três setes, como o surto de febre amarela, em que houve um acirrado debate entre médicos que buscavam enquadrar tal moléstia como sendo ou não febre amarela. Não parando por aí, houve também o surto do “falso” beribéri, em que também foi amplamente discutido e associado o acometimento da doença ao clima, umidade etc., para que tal enfermidade não fosse enquadrada como o “verdadeiro” beribéri. Inúmeras pestes foram determinadas como febres reinantes, com objetivo de não serem classificadas as doenças. Portanto, investigar esses discursos pormenores também é parte do processo de compreensão das epidemias durante as secas para compreender sua relação com o trabalho.

Nessa perspectiva de revisitar antigas fontes e empregar novos olhares, Elisângela Maria e Roberto Kenedy⁹ (2017) apresentam o paradigma indiciário como ferramenta de

⁷ GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais:** morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 144-147.

⁸ GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros:** verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

⁹ RICARDO, M. L; FRANCO, R. K. O Paradigma Indiciário como Ferramenta metodológica de Investigação Interdisciplinar em Humanidades. Ensaio Interdisciplinares em Humanidades. 1º Edição. Ed. UECE. Fortaleza. 2017.

pesquisa interdisciplinar em Humanidades, que entrelaça análises do primeiro Inquérito da Subversão Militar em Parnaíba (PI) de 1964 encontrados no site do Projeto Brasil Nunca Mais (BNM) nº 349:

Onde constam os interrogatórios de 34 pessoas, em sua maioria sindicalistas e estudantes, considerados subversivos, com suas narrativas no tempo presente, possibilitando, assim, a emergência de outras histórias sobre o período da ditadura civil-militar no Brasil em (1964-1985) [...]. Assim, em hipóteses, ao seguirmos os rastros das fontes em análises, teremos a oportunidade de problematizar a memória dessa época na cidade de Parnaíba¹⁰.

Os autores apresentam a necessidade de seguir rastros e pormenores, considerando, além do contexto, a necessidade de ler os depoimentos às avessas. Empregando tal metodologia, fazem uma revisita e apresentam uma realidade mais profunda, problematizando assim a memória do passado por meio dos depoimentos, tomando por base detalhes aparentemente marginais, em que, a partir de tais minúcias, apresentam novas conclusões:

Melo ressalta que passou de quatro a cinco dias preso, dormindo no chão. Na madrugada do segundo dia preso, foi acordado pelo então capitão Gladstone Weyne Rodrigues [...] e levado para o alto de um morro de frente para o mar, em uma praia na cidade de Luis Correia [...]. Melo contou que: ele puxou um revolver 38 e disse: ‘olha tem uma muriçoca aqui na sua orelha’. Tudo aquilo pra me intimidar [...] ‘de vez em quando dava um tiro aqui perto do meu ouvido, né, mas para o mar, para a bala cair no mar. Mas eu estava assim como anestesiado. Aquilo não me causava medo’.¹¹

Na citação, o detalhe captado pelo emprego do paradigma indiciário por parte dos autores contrapõe a afirmação de Melo, que, a partir da análise de suas palavras, demonstra seu medo de ser lançado ao mar, assim como o emprego do termo “anestesiado” denota medo. Outro desafio tão importante quanto considerar os pormenores, os detalhes e os elementos marginais que giram em torno do problema na perspectiva interdisciplinar é a sua delimitação, uma vez que está ligado a inúmeros fatos.

Assim, o saber/fazer interdisciplinar do paradigma indiciário nas pesquisas se mostra dialeticamente e cotidianamente mais significativo e necessário, na tentativa de que o conhecimento seja ampliado por meio da troca entre os diversos saberes interdisciplinares para compor um pensamento complexo.

¹⁰ RICARDO, M. L; FRANCO, R. K. O Paradigma Indiciário como Ferramenta metodológica de Investigação Interdisciplinar em Humanidades. *Op. Cit* .p.16

¹¹ RICARDO, M. L; FRANCO, R. K. O Paradigma Indiciário como Ferramenta metodológica de Investigação Interdisciplinar em Humanidades. *Ensaios Interdisciplinares em Humanidades*. 1º Edição. Ed. UECE. Fortaleza. 2017. p. 107.

Esse movimento epistemológico da interdisciplinaridade se processa na região de fronteiras.¹²

A perspectiva apresentada vai ao encontro da necessidade na pesquisa interdisciplinar ao se lançar um olhar complexo, que busque o problema (e suas ramificações) e as pessoas a serem pesquisados. Trata-se de um olhar de adequação pela complexidade, portanto a pesquisa interdisciplinar é necessariamente um movimento de abandono do enquadramento e isolamento, para o diálogo pautado na complexidade e fronteiras:

O princípio determinista já há algum tempo, tem sido sistematicamente extirpado dos princípios epistemológicos das ciências ditas exatas, em particular a física e biologia. No entanto, é estranho que este princípio não tenha sido igualmente pelas ciências humanas. Particularmente quando se toma em consideração que os fatos e acontecimentos da sociedade são visivelmente menos previsíveis e mais plásticos. Objetos e fenômenos que, todos sabemos, são particularmente fragmentados, imprevisíveis, aparentemente caóticos.¹³

Alfredo Pena-Veja e Elimar Pinheiro do Nascimento apontam a necessidade das Ciências Humanas de saírem do determinismo, de suas zonas de conforto e de seus enquadramentos e regras, que, apesar de importantes para a produção do conhecimento, precisam enxergar além das necessidades dos problemas a serem pesquisados. Conforme os autores, os fenômenos são fragmentados, porém também estão imbricados e são caóticos. Entretanto, também há uma lógica no caos, portanto o abandono de velhos princípios não implica na total ruptura, mas na sensibilidade de se aplicar os devidos diálogos para se compreender e explicar um problema de pesquisa. A respeito de tais diálogos:

Como é possível, nos dias de hoje, não ver a necessidade de um desenvolvimento do conhecimento científico nas ciências humanas, que as conduza gradativamente a restituir o diálogo direto entre as disciplinas, entre o sujeito e o objeto ou entre o observador e aquele que é observado? O problema do sujeito (seja ele considerado como ator ou agente) é inelutável nas ciências humanas. Em uma época de mudança do paradigma científico, a verdadeira questão não é simplesmente o enriquecimento do espírito, nem simplesmente a consciência de sentido, mas uma radical e profunda reforma do pensamento, segundo a expressão de Edgar Morin, que supere todas as formas de reducionismo.¹⁴

¹² RICARDO, M. L; FRANCO, R. K. O Paradigma Indiciário como Ferramenta metodológica de Investigação Interdisciplinar em Humanidades. *Op. Cit* P.96.97.

¹³ PENA-VEJA, Alfredo; ALMEIDA, Elimar Pinheiro de. (Org.). **O pensar complexo**: Edgar Morin e a crise da modernidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2000. p.7-8

¹⁴ PENA-VEJA, Alfredo; ALMEIDA, Elimar Pinheiro de. (Org.). **O pensar complexo**. *Op. Cit.* p. 8-9.

Além de alertar para a necessidade de reformulação do pensamento para o caminho contrário ao reducionismo, este trecho ajuda a explicar a condução desta pesquisa, em que, à medida que se olha para a seca enquanto fenômeno climático, é lançado um olhar sobre as próprias questões econômicas e sociais. À medida que se estuda a relação entre o trabalho e o adoecimento nas secas, busca-se olhar também para o operário e a população inseridas nesses contextos, o que inevitavelmente apresenta ramificações nas práticas de caridade empregas pela Igreja e sociedade civil, como algumas das formas de socorro, amparo e controle social. Portanto, caminha-se do centro para a periferia e do problema para a fronteira:

E de fato, o limite principal da ciência é a sua insistência em abordar e comunicar suas instâncias separadamente e para superar isso, entre outras coisas, que uma reforma do pensamento torna-se imprescindível, por intermédio da qual seja possível reintegrar um personagem que ela, a ciência do Homem, ignorou totalmente- isto é, o próprio Homem. [...] Sabemos também que nos encontramos atualmente em uma encruzilhada epistemológica e, por isso as ciências humanas não podem continuar consagrando tanta energia e/ou conhecimentos na esperança de reduzir a complexidade do mundo, mesmo que seja pesada e oprimente para nós todos. É impossível, para a ciência, eliminar ou mesmo reduzir a complexidade.¹⁵

Portanto, a condução da pesquisa apresentada caminha para o problema e olha para as pessoas, pois compreende-se que o problema da seca é complexo, sendo reducionismo tentar analisar os problemas relacionados ao flagelo da seca e entendê-los a partir de um único campo de pesquisa.

Na perspectiva de estabelecer o diálogo entre as ciências humanas, de maneira a não reduzir a complexidade do problema, enxergando-o em sua periferia e fronteiras, ocorreu o desenvolvimento desta pesquisa, considerando a seca enquanto fenômeno climático, sem perder de vista a ação de homens e mulheres, seja por atos cotidianos ou estruturas institucionais como Igreja, e a política. Portanto, no decorrer desta pesquisa busca-se uma investigação a partir da perspectiva interdisciplinar, conduzida pelo olhar complexo e paradigma indiciário, de modo a compreender como o trabalho e as epidemias nas secas contribuíram para as tentativas de controle por parte do Estado, por meio da institucionalização da seca, das obras públicas e do adoecimento, para a reorganização e disciplinarização dos espaços.

¹⁵ PENA-VEJA, Alfredo; ALMEIDA, Elimar Pinheiro de. (Org.). **O pensar complexo**: Edgar Morin e a crise da modernidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2000. p.8-9

Nessa perspectiva, situa-se o problema a partir do contexto Ceará-Sobral, apresentando a situação da saúde pública relacionada com o trabalho e a seca a partir de 1877¹⁶, período que não somente o Ceará mas outras províncias do Nordeste, nas décadas finais do Império, enfrentaram dois períodos de secas bastante rigorosas, que deixaram marcas na sociedade, na cultura e na memória social.

O primeiro momento em que a seca ultrapassou os limites de calamidade climática e surgiu como um fenômeno social foi durante os anos de 1877 até 1879, quando migrações em massa para a capital e outros centros urbanos. Saques em comércios e epidemias tomaram conta de toda a Província Cearense. Somente em Fortaleza, no dia 10 de dezembro de 1878, mais de 1.000 pessoas morreram de varíola, cena que se repetiu na seca de 1888. Em 1889, o próprio Presidente de Província, Antônio Caio da Silva Prado, faleceu em decorrência da Febre Amarela, apresentando um contexto que demonstra como as autoridades locais estavam despreparadas para enfrentar as epidemias e grandes aglomerados populacionais. Sobre tal questão, Frederico de Castro Neves aponta:

No entanto, esta irregularidade de chuvas não seria um problema se as relações estabelecidas entre os homens estivessem de acordo com as capacidades da natureza. As estruturas organizadas no interior dos limites do semi-árido-incorporando também as características naturais-jamais permitiram uma relação com tais limites de modo a garantir para todos os homens uma vida segura diante da irregularidade de chuvas. Ao contrário, estas estruturas caracterizam-se especialmente pela vulnerabilidade.¹⁷

Completando a ideia sobre tal fragilidade e das relações que não estariam de acordo com a natureza:

A escassez de chuvas ainda não representava um problema para o Estado brasileiro que se tornou independente em 1822. Era um fator climático localizado, que não afetava sobremaneira as estruturas do poder e da economia. Essa situação mudou na metade do século XIX. Neste momento uma série de fatores ocorreu para o “fechamento” das terras disponíveis para a “retirada” dos homens e do gado.

¹⁶ Ver: TEÓFILO, Rodolfo. **História da Secca do Ceará**. 1877-1880. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922; NEVES, Frederico de Castro. **A multidão e a história**: saques e outras ações de massa no Ceará. Fortaleza: Secult; Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

¹⁷ NEVES, Frederico de Castro. A seca na história do Ceará. In: SOUSA, Simone de (org.). **Uma nova história do Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000. p. 76

Mesmo não sendo parte da discussão compreender as origens mas o motivo da seca ter-se tornado uma questão social extremamente relevante após a segunda metade do século XIX, é necessário compreender, conforme Frederico de Castro Neves, os movimentos e acontecimentos que culminaram com tal questão dentre inúmeros aspectos foram:

1) A valorização das terras como bem econômico, provocada pela Lei de Terras de 1850, que ao mesmo tempo, retirou das tribos indígenas remanescentes o controle de algumas áreas protegidas por aldeamentos; 2) o impressionante avanço da cultura algodoeira por toda a província do Ceará, motivado pelo súbito aumento de preços no mercado internacional em função da Guerra de Secessão nos EUA.

Esse avanço de uma agricultura comercial, sedentária, que buscava um excedente mercantil, tornou subitamente impossível a “retirada” dos moradores para terras úmidas durante os períodos de irregularidades de chuvas, pois elas não estavam mais “disponíveis para isso, ocupadas agora com a cultura do algodão e valorizadas monetariamente. A proteção partenalista devido à dimensão da demanda tornou-se insuficiente[...] neste momento, a irregularidade da chuva deixou de ser “apenas” uma questão climática e se tornou uma questão social, que afeta e que o Estado brasileiro não poderá mais ignorar.¹⁸

Tão longas quanto a necessidade da citação apresentada são as ramificações de tal seca. Nesse trecho, Frederico de Castro apresenta os fatores que foram decisivos para tornar a seca em questão como um problema social, abrindo assim as possibilidades para pesquisar de forma investigativa o trânsito entre trabalho e adoecimento, criando um movimento de micro-macro e fronteiras, como será apresentado no primeiro capítulo, em que a seca aparece em sincronia com pestes e fome em caráter global, espalhando um rastro de horrores e socorro público por meio da exploração pelo trabalho.

Reservados os direitos de considerações e assimilações, a lei de terras, a valorização das terras úmidas e férteis retiradas dos povos, modificando assim as retiradas do gado, compartilha determinada semelhança com os processos da política dos cercamentos de terras na Inglaterra do XVIII, em que os pequenos proprietários de terras eram obrigados a migrarem para as cidades em busca de sobrevivência, virando assim mão de obra barata. “Coincidências” à parte, os nordestinos (e em particular os cearenses) desceram rumo ao litoral e demais centros urbanos em busca de socorro público e “por acaso”, no primeiro ciclo da borracha, por meio do monopólio da exploração da seiva preta, a Inglaterra tinha o soldado

¹⁸ NEVES, Frederico de Castro. A seca na história do Ceará. In: SOUSA, Simone de (org.). **Uma nova história do Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000. p. 79

da borracha como mão de obra barata na Amazônia¹⁹ (o que será apresentado com mais detalhes no decorrer da pesquisa), além do povoamento das províncias do norte do Brasil, frente ao fracasso da colonização por estrangeiros que tinham dificuldade de adaptação (não que fosse o caso do cearense):

As iniciativas de colonização e incentivo à introdução de imigrantes europeus, após a década de 1850, não alcançaram os resultados esperados. A política Imperial de privilegiar o Centro-Sul, bem como questões ambientais e a aclimatação obstaram os desejos de “civilizar” a Amazônia com imigrantes europeus²⁰.

Ainda sobre a finalidade do processo migratório:

A introdução de retirantes, após 1877, tinha por objetivo impedir a rearticulação do quilombo, projeto derrotado pela logística difícil e pelas alianças entre migrantes e antigos quilombolas. Ao invés da fixação de cearenses, o desfecho foi o ataque ao depósito da diretoria, seguida por fuga de colonos em direção às matas em rotas orientadas por “pretos velhos”²¹

É necessário apresentar esses dois pontos pelo fato de incentivo à migração, em que se percebem projetos maiores, como povoamento em colônias e a tentativa de impedir a formação de quilombos. A tônica está no fato não de se perceber mais um ponto para se somar à pesquisa em forma de tópico, mas o movimento de massas. Na medida em que se incentiva o processo migratório, caracterizado como uma política de socorro, surge a demanda pelo trabalho nos seringais, portanto mudanças e permanências nas formas de controle e políticas públicas desenvolvidas para combater a seca.

Prosseguindo com a bibliografia, o diálogo com as Ciências da Saúde a partir da História é uma tentativa de equilibrar o olhar para o resultado da ação e o modo de enxergar também as pessoas: observador e observado. Trata-se de olhar para a política do trabalho e para o homem que adocece pelo trabalho, pela fatalidade da seca, ou por questões que envolvem mão de obra e imperialismo. Ademais, é não reduzir a complexidade da seca e de questões internacionais, que a transformaram no ‘bode espiatório’ para justificar o flagelo. O

¹⁹ BARBOZA, Edson Holanda Lima. **Ida ao inferno verde**: experiências da migração de trabalhadores do Ceará para a Amazônia (1942/1945). Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005. 189f.

²⁰ BARBOZA, Edson Holanda Lima. **Da Diáspora Cearense**: Classificações raciais e alianças em rotas entre o Ceará e a Amazônia. Projeto História, São Paulo, n. 56, pp. 117-148, Mai.-Ago. 2016. P.120-121

²¹ BARBOZA, Edson Holanda Lima. *Ida ao Inferno Verde*: experiências da migração de trabalhadores do Ceará para a Amazônia. (1942/1945). ...*Op. Cit.* p.30

fenômeno sempre foi existente no Ceará e no Nordeste, e, à sua maneira, o cearense sobrevivia dentro da estrutura vigente.

Apresentando-se parte da complexidade do problema que envolve a Seca, a bibliografia e as fontes levantadas para a produção foram divididas em materiais voltados para a saúde pública e coletiva, trabalho, urbanização, adoecimento e epidemias. Além disso, foi apresentada a teoria acerca do paradigma indiciário, pesquisa interdisciplinar e políticas públicas.

Em 1906, com a Secretaria de Estudos e Obras Contra as Secas (SEOCS), seguido da Inspetoria de Obras Contra as Secas (IOCS), em 1909, e a Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS), em 1919, ao apresentar o processo de institucionalização do trabalho e da seca por meio da comissão de socorros, atuando a partir da criação dos abarracamentos por zoneamento.

As aglomerações de retirantes trouxeram para o cenário urbano o medo das doenças, que abre margens para a interpretação do problema desta pesquisa e a relação entre trabalho e adoecimento nas estiagens. Sidney Chalhoub²² apresenta o conceito de “classes perigosas” no Rio de Janeiro, na segunda metade do século XIX, para se discutir a questão dos retirantes no Ceará. Ao expor o processo de higienização, adoecimento e combate às classes perigosas do Rio de Janeiro, Sidney Chalhoub contribuiu para se pensar o surgimento das classes perigosas no período das secas no Ceará e seus processos de controle e combate por parte do poder público, possibilitando a compreensão acerca da relação classes-trabalho-adoecimento.

Além de referência bibliográfica, Rodolfo Teófilo²³ é apresentado como fonte da pesquisa. Suas contribuições descrevem os horrores das pestes, formas de adoecimento e da situação da saúde pública no Ceará, corroborando com a reflexão sobre possíveis mudanças ou permanências das formas de adoecimento e enfrentamento das secas da segunda metade do século XIX a 1915.

Seguindo o contexto, Joaquim Alves²⁴ apresenta dados voltados para as características da seca no Ceará, além de aspectos políticos e geográficos. Os argumentos apontados por Joaquim Alves contribuem para problematizar sobre a história da seca no contexto estudado.

²² CHALHOUB, Sidney. “Cortiços”. In: **Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte imperial**. São Paulo, Cia da Letras, 1996.

²³ THEOPHILO, Rodolfo (1883). **História da seca do Ceará** (1877-1880). Fortaleza, CE, Typ. do Libertador. _____ (1898). **Secas do Ceará** (Segunda metade do século XIX).

_____. **A seca de 1915**. Fortaleza: Tipografia Moderna, 1919.

_____. **Variola e vacinação no Ceará**. [1904]. Ed. fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997.

²⁴ ALVES, Joaquim. **História das secas**. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1953

Ao apresentar as formas cotidianas de resistências, James Scoot²⁵ proporciona uma maneira de pensar os processos de visibilidade e invisibilidade de homens e mulheres retirantes, notados apenas ao se apresentarem a partir da articulação cotidiana pautada em ações de resistências.

Na visão anti-heroica, Keila apresenta Michel Foucault e suas interpretações sobre a medicalização da vida, o controle social pelo saber médico e o uso desse saber médico para a disciplinarização dos indivíduos e espaços, expondo nessa visão o caráter normativo e controlador das ciências médicas sob as condutas sociais. Nessa perspectiva, as doenças epidêmicas são apresentadas como fomentadoras da autoridade do Estado, em que ocorre um estabelecimento de regras de convívio a serem cumpridas tanto na esfera pública como individual.

Apresentando as duas grandes visões, Keila argumenta a necessidade de se pensar além dessas duas visões, sendo necessária uma análise na perspectiva sociocultural, em que a dimensão biomédica é penetrada tanto pela subjetividade humana como pelos fatos objetivos relacionados ao controle da vida e dos corpos. As novas teorias apresentadas têm forte influência da antropologia e estudos culturais, tendo o higienismo como ciência, a higiene como cultura, e as práticas e os praticantes de curas e outras medicinas, as instituições e os instrumentos de controle social como temas recorrentes.

Dessa forma, o novo campo apresentado faz críticas à concepção tradicional do caráter meramente biológico das doenças, devendo relacionar os contextos aos fatores socioculturais, e os significados atribuídos às doenças em diferentes tempos históricos, chegando à compreensão das doenças como construção social, analisando as dimensões sociais das doenças e pelos fatos produzidos pela ciência médica.

Keila fala da construção social da doença por parte do saber médico científico, aplicando esquemas conceituais. Tratam-se de formas da ‘emolduração’ da doença, criando assim um responsável pela promoção do diagnóstico, portanto materialização e crença coletiva, tendo por base o processo de quadro sintomático, classificação, caracterização e processo de cura, estabelecendo a criação do domínio sob a criação da doença e do processo de cura.

Com o monopólio do diagnóstico e materializando-se a existência da doença, são estabelecidas as formas de tratamento, controle e combate. Portanto, o saber médico científico emoldura a doença, cria a ideia coletiva de doença, com base em sinais, e posteriormente

²⁵ SCOTT, James. C. “Formas cotidianas da resistência camponesa. **Raízes**, vol. 21, n. 01, 2002.

parte para o processo de intervenção na doença por meio da aprovação social das entidades, interferindo assim na vida privada e social.

Continuando sobre o referencial teórico voltado para a saúde, a partir da visão médica sobre adoecimento, Cristina Gurgel²⁶ apresenta a história das doenças e curas do Brasil nos primeiros séculos. Suas contribuições auxiliam a explanação sobre adoecimento, formas de infecção e práticas de curas que serão apresentadas no decorrer da pesquisa. Seguindo a mesma linha, a partir da infectologia apresentada nas histórias das doenças infecciosas, Antônio Carlos de Castro Toledo Junior²⁷ auxilia na explicação do surgimento e formas de infecção e contágio de doenças como as febres e a varíola.

Quanto à saúde voltada para o controle social, Isabel dos Guimarães Sá²⁸ apresenta o processo de implantação da Primeira Casa de Misericórdia, fundada em Lisboa, em 1498, que entre vários aspectos constituiu-se em um modelo para a fundação da rede de Hospitais nos domínios portugueses, mesmo depois da Independência. No decorrer de sua obra, Isabel trata de pontos como a Independência das Misericórdias em relação ao poder eclesiástico e à Coroa (representantes do poder local), absorvendo assim parte das elites sociais e políticas de quem recebiam recursos. Vale ressaltar que a principal razão de existir das Misericórdias era o exercício da caridade aos pobres.

Assim como o negócio de salvação e devoção leiga, o processo da criação do purgatório apresentado constituía-se em um vasto circuito financeiro que validava a riqueza por um lado e alimentava a salvação por outro. Dessa forma, agindo por meio dos dogmas da igreja e pautados na caridade, salvação e penalização, o surgimento das misericórdias e sua função enquanto instituições organizadoras e disciplinadoras permite possibilidades de se pensar a ação das misericórdias aqui no Ceará, como instituições que também agiram organizando e disciplinando os espaços pelo negócio da fé, salvação, devoção, a partir das ações de caridade. Assim, interferiam na explosão demográfica, no aumento da pobreza no semiárido e especificamente no período das secas.

Francisca Gabriela Bandeira²⁹ apresenta alguns exemplos de isolamento compulsório, aspectos biopolíticos, segregação, medidas profiláticas e cobrança por parte da população da

²⁶ GURGEL, Cristina. **Doenças e curas: O Brasil nos primeiros séculos**. 1º ed., 2º reimpressão. São Paulo: contexto, 2011.

²⁷ TOLEDO, Júnior Antônio de Castro. **Pragas e Epidemias: História de doenças infecciosas**. Belo Horizonte: Folium, 2006.

²⁸ SÁ, Isabel dos Guimarães. **As misericórdias portuguesas, séculos XVI A XVIII**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

²⁹ BANDEIRA, Francisca Gabriela. A lepra em Fortaleza por meio das páginas do jornal O Nordeste na década de 1920.

capital do Ceará por uma atitude intervencionista, como a edificação do leprosário para isolamento. A adoção de medidas profiláticas ajuda a discutir como o processo de adoecimento modificou as relações sociais e buscou institucionalizar a doença tanto na seca dos anos de 1877-1879 como durante as duas primeiras décadas do século XX no Ceará e em Sobral.

Francisca Gabriela também apresenta o processo de modernização de Fortaleza e as inúmeras tentativas, a partir da segunda metade do século XIX, do processo de modernização da Capital do Ceará. Nesta pesquisa, a reflexão é empregada para emitir uma reflexão acerca de situações similares na cidade de Sobral. Também pode-se perceber o processo de isolamento como um dos fundamentos da ordem e da disciplina, que, além de destinar um lugar para cada coisa, atua na disciplinarização da vida privada, dos espaços, costumes e corpos.

Nesse contexto, a hanseníase também é apresentada como uma doença social, deixando sua marca impressa no corpo como uma espécie de signo respectivamente distintivo e marcador da pobreza e da insalubridade. Entretanto, a lepra acometia somente as populações às margens da sociedade, mas era tratada como um marcador da pobreza. Portanto, aspectos biopolíticos, doença social, intervenção do Estado na Saúde Pública e disciplina são pontos apresentados por Francisca Gabriela Bandeira e que auxiliam a discussão sobre o processo de adoecimento e disciplinarização.

Ainda na perspectiva da saúde e meio social, ao pesquisar os aspectos biopolíticos nas obras de Rodolfo Teófilo, André Brayan Lima Correia³⁰ apresenta as relações entre adoecimento, saúde pública e organização social, apontando a partir de sua concepção sobre a preocupação de Teófilo em frisar sobre a importância do desenvolvimento de uma política de saúde preventiva de forma a medicalizar os retirantes e demais populações de Fortaleza e do interior, garantindo assim por meio da vacinação, da profilaxia e da gestão de resíduos a saúde pública para o desenvolvimento da população cearense.

Georgina Gadelha³¹ trata do processo de formação da elite médica cearense a partir da instituição do Centro Médico do Ceará (CMC), passando pelos problemas locais de saúde, à fundação da Faculdade de Medicina do Ceará (1932-1948), além do processo de instauração do controle das doenças e dos doentes. O CMC é exposto como o embrião das entidades

³⁰ CORREIA, André Brayan Lima. “**O Ceará é uma terra condenada mais pela tirania dos governos do que pela invlemência da natureza**”: aspectos biopolíticos nas obras de Rodolfo Teófilo (1901-1922 Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016. 153f.

³¹ GADELHA, Georgina da Silva. **Sob o signo da distinção: formação e atuação da elite médica cearense (1913-1948)** Fortaleza: EdUECE, 2017.

ligadas à saúde, ao ensino, à assistência e à organização profissional da medicina no Ceará. Entre outros aspectos, Georgina trata de apresentar o processo de construção de formação da elite demonstrando que:

Os membros do CMC são denominados de elite médica porque restringiram a si o monopólio do discurso sobre a saúde coletiva e oficializaram sua representação enquanto profissionais habilitados à orientação do bem-estar referente à doença e à saúde coletiva sobre a sociedade e seus pares. Portavam ainda elementos típicos das elites brasileiras: formação intelectual, origem social e familiar. Tais elementos que permitiram aos membros do CMC o diálogo constante com outros grupos que detinham o poder e/ou influência de decisão.³²

Além de consolidar-se a partir do conhecimento popular, essa elite apresentada estava inserida em esferas estratégicas como o mundo da política. Tal denominação também se estenderia para a desconstrução da imagem e das práticas populares de cura, além da criação da ideia de domínio sobre o conhecimento, diagnóstico e cura.

No decorrer de seu trabalho, Georgina expõe os cargos políticos ocupados pelos membros da CMC, que iam desde de deputados a prefeito de Fortaleza. Georgina aponta ainda a fragilidade dessa busca de dominação do processo de cura e controle das doenças e dos doentes, sendo que esse saber médico oficial não conseguia chegar a todos os lugares do Ceará. Ao tratar da fome, da seca e da gestão dos abarracamentos implantados em 1878, Georgina Gadelha detalha sobre a que profissional cabia a gestão da área (no caso, qual médico).

Na suposta condição de detenção do saber médico e das práticas de cura, a autora expõe as estratégias desenvolvidas pela elite médica para desvalorizar a práticas de medicina popular:

como representantes que eram das profissões da saúde, de expor a precariedade da situação da saúde pública no Ceará e de questionar as práticas dos curadores populares, que eram presentes na sociedade [...]. Para fazê-lo, dispunham de meios como: relatórios, artigos em periódicos e mensagens enviadas aos representantes do governo [...] domínio de técnicas, buscaram construir sua autoridade cultural através da imposição da credibilidade de sua formação. A saúde pública foi definida como sendo “(...) a aplicação dos conhecimentos médicos em proveito da

³² FERREIRA, Luciana de Moura. **A Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza**: acolhimento de enfermos e educação para a saúde pública (1861-1889). Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2017. 126f.

collectividade”.⁹⁷ As profissões de saúde eram apresentada pelos membros do CMC como “uma vítima constante desse nosso <<defeito inato>>”⁹⁸ de qualquer pessoa se sentir apta a medicar³³.

São apresentados os seguintes argumentos: a construção do saber médico científico e seu processo de consolidação apoiaram-se em diversos aspectos como meios de divulgação, descredibilidade das práticas populares de cura e do processo de institucionalização e controle da doença, do doente e da cura. Tais argumentos ajudam a pensar as formas desenvolvidas ao longo dos tempos pela medicina científica para controlar o corpo, a vida e as doenças.

Ao apresentar a Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza entre os anos de 1861 a 1889 como uma instituição de acolhida de efêmeros e educação para a saúde pública, Luciana Moura³⁴ demonstra o quanto a Igreja e a saúde já eram pensadas na perspectiva do controle, da educação e da disciplina. Isso caracteriza-se pela perspectiva do controle, da medicalização e da continuidade da função das misericórdias iniciadas em Portugal, as quais uniam fé, salvação, fundamentação da riqueza e inclusão social a partir da caridade, exercendo assim controle e poder tanto para os desafortunados como para os mais abastados.

Na perspectiva de investigar a presença negra no município de Aratuba, ao adentrar os espaços das benzedeira, curandeiros, videntes e feiticeiros, buscando marcadores de africanidades, Mayara Martins de Lima Silva³⁵ apresenta a relação entre a cultura negra, indígena e as práticas populares de cura. Além disso, expõe a relação entre tais práticas, religiosidade e tradição oral e elementos da natureza.

Quanto ao levantamento das fontes, foram analisados arquivos oficiais, como obras da época, e documentos oficiais, como os ofícios da Câmara Municipal de Fortaleza, de 1878, e jornais, como *O Cearense*, *A República*, *A Lucta*, *Correio da Semana* e *Mão Negra*. A forma de coleta das respectivas fontes aconteceu *in loco*, no arquivo público do Ceará, Biblioteca Menezes Pimentel, e no NEDHIS da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA. Algumas obras foram utilizadas, como *Insalubridade*, de Tomaz Pompeu, que foi coletada na

³³ GADELHA, Georgina da Silva. **Sob o signo da distinção...** *Op. Cit.* p.129.

³⁴ FERREIRA, Luciana de Moura. **A Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza:** acolhimento de enfermos e educação para a saúde pública (1861-1889). Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2017. 126f.

³⁵ SILVA, Mayara Martins de Lima. S586p. **A Presença Negra em Aratuba:** Memórias e Práticas de Cura / Mayara Martins de Lima Silva. - Redenção, 2018. 146f: il. Dissertação - Curso de Programa De Pós-graduação Interdisciplinar Em Humanidades, Coord. Do Curso De Mest. Interdisciplinar Em Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2018. Orientador: Dr. Edson Holanda Lima Barboza.

Biblioteca da Universidade Estadual do Ceará (UECE), e as obras *A seca*, de 1915, e *História das Secas do Ceará 1877-1889*, de Rodolfo Teófilo³⁶.

O acervo de revistas do Instituto do Ceará foi outro suporte para a pesquisa³⁷, que proporcionou diversos periódicos com temas sobre as epidemias, as secas e aspectos ambientais e sociais do Ceará. Portanto, tais assuntos serviram de base para uma reflexão acerca da relação entre epidemias e trabalho no período das secas.

A dissertação organiza-se da seguinte forma: o primeiro capítulo intitulado “Seca, migração e disciplinarização dos espaços e corpos” é apresentado a seca da segunda metade do século XIX (1877-1879) conhecida como a seca dos três setes. Esse momento está dividido em quatro tópicos: no primeiro, são apresentadas as características da seca no Ceará, da geografia e pluviometria; no segundo, são apresentados os anos de seca e as primeiras, e o ressurgimento, passando pelos primeiros socorros públicos e formas de adoecimento e agravamentos que culminaram em epidemias; no terceiro tópico, são discutidas as formas de intervenção do poder público e os impactos de tais políticas na vida social, no combate às doenças, higienização e controle social; no quarto tópico, a seca é relacionada de forma sincrônica com os demais flagelos gerados pelas secas em outras regiões do planeta, como China e África. Neste tópico, apresenta-se a relação da seca no Ceará e Nordeste com o restante do mundo e a influência do capital inglês, o que aponta para o desenrolar do segundo capítulo, que trata do trabalho e indústria da seca.

Intitulado de “Socorro Público: Trabalho e Adoecimento”, o segundo capítulo apresenta: as cidades de Sobral e Fortaleza; a relação entre trabalho, seca e as primeiras epidemias do Século XX; o advento da modernidade iniciado ainda na segunda metade do século XIX; os conceitos e impactos na vida urbana; os processos de remodelação do espaço a partir do contexto das estiagens e dos aspectos micropolíticos, biopolíticos e relações de

³⁶ TEÓFILO, Rodolfo. **História da seca do Ceará** (1877-1880). [1883]. 2. ed. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922.

_____. **Libertação do Ceará**: queda da oligarquia Accioly. [1914]. Ed. fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001.

_____. **A seca de 1915**. Fortaleza: Tipografia Moderna, 1919.

_____. **A seca de 1919**. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922.

_____. **Secas do Ceará** (segunda metade do século XIX). Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1901.

_____. **Variola e vacinação no Ceará**. [1904]. Ed. fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997.

_____. **Variola e vacinação no Ceará** (nos anos de 1905 a 1909). Fortaleza: Tipografia Minerva, 1910.

_____. 1853-1892. **A fome**: cenas da seca do Ceará; organização e notas de Waldemar Pereira Filho; posfácio de Lira Neto.- São Paulo: Tordesilhas, 2011.

³⁷; 1902;. Edições: Ano III 1º trimestre de 1889, tomo III; edição 1913, TOMO XVII ANNO XXVII edição 1º, 2º, 3º e 4º trimestres de 1919 ; edição de 1913, 1º, 2º, 3º e 4º trimestres Edição 1º, 2º, 3º, e 4º trimestres de 1915; A edição de 1920 1º, 2º, 3º e 4º trimestres ; edição do ano de 1925; edição de 1987

poder que moveram o Ceará e a cidade de Sobral no início do Século XX, considerando as relações entre os discursos de poder, industrialização, elitização/marginalização; biodivisão e segmentação dos espaços em classes; e a Estrada de Ferro de Sobral, bem como sua relação com o capital inglês.

Intitulado “Caridade e controle social: A Igreja Católica e o Combate às Epidemias em Sobral”, o terceiro capítulo trata de elucidar as intervenções no campo da saúde, pautadas no discurso da caridade exercida pela Igreja Católica em parceria com setores da sociedade sobralense entre os anos de 1915 a 1925.

Devido ao quadro de desigualdade social, as ações de caridade focavam em combater a fome e o caos social promovido pelas grandes aglomerações de retirantes que migravam para as cidades de maior porte, principalmente aquelas que ficavam próximas às estradas de ferro ou portos da região litorânea (como foi o caso de Sobral), passagem de trilhos e estradas com conexões ao porto de Camocim, além das relações com as áreas das Serras da Ibiapaba e da Meruoca, tornando Sobral um dos locais que atraía migrantes, aglomerações e, por consequência, o risco de disseminação de doenças.

Assim, busca-se a compreensão de como ocorreu a participação institucional da Igreja e da população nos processos de socorro públicos e praticados por meio das ações de caridade católica, portanto, paralelamente exercido pelo Estado, observando assim as formas de controle, os tipos de doenças e os processos de institucionalização das ações sociais e de tentativas de controlar e tratar doenças e epidemias.

Em Sobral, cidade localizada na zona norte do Ceará, acompanham-se os debates e construção da Santa Casa de Misericórdia, analisando-se as iniciativas, dificuldades e resistências contra processo de institucionalização do saber médico, associado ao domínio do poder da igreja católica. Esse capítulo está dividido em três tópicos: o primeiro trata dos limites da ação estatal, caridade e controle social em relação às secas; o segundo tópico busca esclarecer as medidas tomadas pelo poder público em relação à saúde pública e saúde coletiva; o terceiro tópico apresenta a Santa casa de Misericórdia de Sobral, em que é apresentado o processo de arrecadação de fundos para a construção da edificação e seu período para construção; no quarto tópico, é discutida a sua função como instituição de controle e os discursos de apelo à sociedade em prol da edificação da instituição, as formas ocultas de resistência e administração da Casa de Misericórdia.

CAPÍTULO I - SECA, MIGRAÇÃO E DISCIPLINARIZAÇÃO DOS ESPAÇOS E CORPOS.

1.1 A seca no Ceará: Aspectos Ambientais e Sociais

Enquanto fenômeno climático a seca é um fator natural que ocorre em diversas partes do mundo, com diferentes impactos. O Ceará está situado na porção sertão, chamado Polígono das Secas, no Nordeste semiárido. As demais sub-regiões do Nordeste são o Meio Norte, a Zona da Mata e o Agreste³⁸, áreas que recebem chuvas abundantes. Já na sub-região em que se situa o Ceará as chuvas são irregulares, com índices pluviométricos baixos em períodos de seca, o que torna a seca ainda mais voraz e marcante por ser o único estado do Nordeste a não receber águas de rios com nascentes em estados vizinhos, caracterizando-se como uma espécie de ilha regional, marcando a paisagem, a vida social e os índices pluviométricos em extremos.

Outro ponto que merece ênfase é o fato de que, além da ausência por vezes total de chuvas, a seca se caracteriza pela distribuição pluviométrica irregular no tempo e espaço. Como exemplo dessa anomalia, Rodolfo Teófilo³⁹ aponta o ano de 1876, cujos índices pluviométricos marcaram 1.637 milímetros, e nos anos de 1877, 1878 e 1879 foram marcados 473, 580 e 596 milímetros, respectivamente.

Os grandes invernos são às vezes tão fatais como as secas: entre os mais notáveis citam-se os de 1776, 1782, 1793, 1805, que deixaram tradição tão geral e penível quanto a seca de 1792: o de 1889, o de 1826, de mais de 6 meses, os de 1823, 1839, 1824, 1886, 1872, um dos mais extensos, que começou na capital a 25 de novembro de 1871 e quase sem interrupção continuou até junho, o de 1873.⁴⁰

Com base na citação, podem-se perceber as características extremas do clima no Ceará, em que se apresenta a irregularidade de chuvas. Do ponto de vista topográfico, o Ceará é dividido em litoral, serras (ou montanhas) e sertão (ou parte central). Considerada como a estação mais longa, a definição do verão (ou estação seca) comumente começa em junho e se estende até dezembro. Vale salientar que as chuvas ocorridas entre dezembro e janeiro são consideradas de pré-estação, pois acontecem principalmente no Cariri, influenciadas pela

³⁸ MONTEIRO, Hamilton Moreira. **Nordeste Insurgente**. 1850-1890. São Paulo...1981

³⁹ TEÓFILO, Rodolfo. **História da seca do Ceará** (1877-1880). [1883]. 2. ed. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922. P.12-13

⁴⁰ TEÓFILO, Rodolfo. **História da seca do Ceará ...Op. Cit.** P.13.

frente fria que se posiciona na Bahia, sul do Maranhão e Piauí, no mesmo período.⁴¹ Sobre as características geográficas do Ceará, observa-se que:

Este terreno, principiando baixo e quase alagado em muitas partes da costa do mar, se vai elevando dali de cinco para oito léguas como em amphitheatro à proporção que caminha para o interior e se afasta da mesma costa até chegar aquela cordilheira da Serra Grande, tendo ali talvez a elevação absoluta sobre a superfície do mar de 300 para 400 toézas.⁴²

A cordilheira citada por Paulinho Nogueira refere-se a uma espécie de muralha natural formada de norte a sul pela Serra Grande ou Serra da Ibiapaba, sendo que, ao sul, a serra abaixa e torna a erguer-se com o nome de Araripe no Cariri⁴³. Segundo Tomaz Pompeu, tal serra encontra-se no limite com o Estado do Piauí, e juntamente com a Serra Grande e Chapada do Apodi formam uma espécie de muralhas em torno do Ceará, caracterizando aquilo que Caio Lóssio Botelho chama de terreno em forma de coliseu. Esse traço do relevo do Ceará faz com que parte das suas águas possa escoar em direção ao litoral, não permitindo assim o acúmulo de água. De maneira geral, há pouca variação no clima, e as duas estações características são o inverno (estação chuvosa) e o verão como a ausência total de chuvas, variando o nível dos rios de acordo com as precipitações.

A margem do Jaguaribe, e em geral rasos os rios, os terrenos de aluvião, negros, pantanosos, nos invernos copiosos, poeirentos no verão, alagam-se muitas vezes por 4, 6, 8 e mais quilômetros de cada margem do rio [...]. Logo após as chuvas, quando as moscas varejeiras e os insetos daninhos são varridos pelos ventos frios e secos, o gado pode nutrir-se sossegadamente, abundantemente, adquirindo corpulência e gordura⁴⁴.

Na citação, Tomaz Pompeu referiu-se ao rio Jaguaribe, que fica localizado no Sertão Central do estado, porém as características apontadas servem para descrever os rios do norte do estado, como é o caso da cidade de Sobral, localizada no noroeste cearense. Cercada pela Serra do Rosário, Serra da Meruoca e Serra da Barriga, a cidade ergue-se no Vale do Acaraú, sendo cortada pelo rio do mesmo nome.

Apesar de os aspectos ambientais da seca serem importantes, os aspectos sociais como cotidiano, trabalho e o adoecimento são influenciados também pela condição climática.

⁴¹http://www.funceme.br/produtos/script/chuvas/Grafico_chuvas_postos_pluviometricos/totalchuvas/index.htm
ACESSO EM: 20 /10 /2018

⁴² NOGUEIRA, Paulinho. Revista do Instituto do Ceará. ANO III – TOMO III- 1889 – 1º TRIMESTRE DE 1889. p.8

⁴³ BRASIL, Tomaz Pompeu Sousa. Trechos do livro "O Ceará" no principio do Século XX. Revista do Instituto do Ceará – ANNO e TOMO XXIX – 1915 . Referente aos semestres 1º, 2º, 3º 3 4º. P.323.

⁴⁴ *Ibidem*. p. 325. Acesso em: 10 /10 /2018

Enquanto fenômeno social, a seca tem contribuído ao longo do tempo para os processos de migração para outras regiões do país. Porém, Caio Lóssio Botelho⁴⁵ apresenta o índice pluviométrico da Alemanha, que é de 690 mm em todo o país, demonstrando que tal índice é inferior ao do Ceará, que varia de 250 a 1500 mm ao ano, mostrando que, mesmo com o índice inferior ao da Alemanha, não se constitui como fenômeno climático e social semelhante ao do Ceará. A diferença apresentada por Caio encontra-se basicamente na distribuição irregular e curta de chuvas ao longo do tempo, em que 90% das chuvas caem no segundo trimestre do ano, sendo a característica mais marcante do fenômeno das secas. Acrescenta-se aos aspectos ambientais a forma predatória em que ocorreu o processo de colonização e exploração econômica nas regiões de pecuária:

A seca e a teoria de Arnold Toynbee, O desafio da seca no nordeste brasileiro teve durante os cinco séculos de ocupação demográfica, cultural econômica e política, várias respostas, como: o êxodo, as migrações, a civilização do couro, a estrutura patriarcal dos clãs, a estrutura fundiária com seus latifúndios e minifúndios, o fenômeno Padre Cícero, Antônio Conselheiro e de Lampião; porém, sua resposta no plano institucional nos legou os seguintes organismos: DNOCS-1909.⁴⁶

Ao apresentar as formas de resistência às secas no Nordeste brasileiro bem como no Ceará, Caio Lóssio Botelho justifica a exponenciação da seca à cultura do boi e do couro, porém, como será apresentado mais à frente, o flagelo está intimamente ligado ao fenômeno *El Niño*. Quanto às estruturas religiosas, sociais, processos migratórios e a institucionalização da seca, como o DNOCS (apontado como um legado), se o pensarmos como algo positivo, a seca não seria até hoje um problema. Quanto às demais formas de resistência à seca, como os “fenômenos Padre Cícero e Antônio Conselheiro”, perceberemos que, além de desenvolverem uma política de socorro paralela à ineficiência do Estado, estes foram alguns dos exemplos envolvidos em suas ações pautadas nos valores cristãos e que, se não resolviam, amenizavam o sofrimento, a fome e falta de amparo. Porém, ainda se tratava de mais uma das inúmeras políticas de controle social, desenvolvida pela Igreja (apresentado no terceiro capítulo), que tem suas raízes ainda nas misericórdias portuguesas. Quanto aos processos migratórios anteriores ao primeiro ciclo da borracha, conforme aponta Edson Holanda Lima Barboza, suas raízes ganharam reforço a partir da produção da seiva:

⁴⁵ BOTELHO, Caio Lóssio. Os desafio da posição e do espaço cearense. Revista do Instituto do Ceará - TOMO ESPECIAL 1987 - 1º. Centenário do Instituto do Ceará. Acesso em: 15 /08 /2018.

⁴⁶ BOTELHO, Caio Lóssio. Os desafio da posição e do espaço cearense...*Op. Cit.* p. 435.

Antes do declínio da borracha amazônica, existiram outras formas de controle social sob os flagelados da seca. A emigração para o trabalho nas lavouras de café, apresentavam-se como uma dessas alternativas, ou a criação dos campos de concentração que impediam o trânsito livre dos flagelados pelas ruas da cidade, mantendo-os no interior. Abarracamentos para retirantes surgiram na seca de 1877. Em 1915, eles foram utilizados de forma sistemática para impedir a chegada de retirantes na capital. Sendo alvo de duras críticas por parte dos sanitaristas, dentre eles Rodolfo Teófilo que os chamou de *campo santo*, devido à mortalidade ali existente.⁴⁷

No trecho apresentado, além de serem uma forma de controle social os abarracamentos também eram focos de epidemias. Os processos migratórios já haviam iniciado em direção aos cafezais do sudeste e ganharam reforços com a seca de 1877 e com o primeiro ciclo da borracha. Portanto, tem-se o controle de retirantes pelos dogmas religiosos, pelos processos de abarracamentos e pelos processos migratórios que pregavam a possibilidade de riquezas, porém:

Rodolfo Teófilo, em seu romance *A Fome*, narrou aquilo que possivelmente passaram os retirantes da seca que buscavam o ouro negro: lá o esperava o trabalho e a doença. O organismo estranhou o clima quente e úmido, e o estômago recusou a alimentação do pirarucu e tartaruga. [...] dois meses de sofrimentos foram o tributo de aclimação naquele clima insalubre. O patrão, no dia que deu por pronto continuou a trabalhar, disse-lhe que não perdesse tempo, pois estava grande o seu débito [...] O paludismo foi o único provento que tirara do Amazonas e que o flagelaria para o resto da vida, de parceria com a pugente mágoa que nele haviam produzido as últimas palavras para sua esposa, grande mártir do amor e do dever. Nunca mais deixaria de ouvir estas inolvidáveis palavras-morreram todos de fome.⁴⁸

Assim, observa-se que as dificuldades enfrentadas com as epidemias e doenças acabaram perseguindo os migrantes cearenses em seus pontos de partida ou de acolhida.

1.2 Secas e epidemias no Ceará

As secas registradas a partir do Século XIX foram as de 1808 a 1809, 1816 a 1817, 1824 a 1825, 1830, 1833, 1844 a 1845, 1877 a 1879 e 1888 a 1889.⁴⁹ Apesar de ser assolado pela irregularidade climática, o Ceará apresentava prosperidade na indústria extrativa de

⁴⁷ BARBOZA, Edson Holanda Lima. **Ida ao Inferno Verde**: experiências da migração de trabalhadores do Ceará para a Amazônia. (1942/1945). Dissertação/ Mestrado em História Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. PUC. São Paulo. 2005. p. 30-31.

⁴⁸ BARBOZA, Edson Holanda Lima. **Ida ao Inferno Verde**: experiências da migração de trabalhadores do Ceará para a Amazônia. (1942/1945). *Op. Cit* p. 29-30.

⁴⁹ TEÓFILO, Rodolfo. **História da seca do Ceará**. (1877-1880)... *Op. Cit.* . p.11.

borracha, cera de carnaúba, cera de abelhas, madeiras, agrícola e comércio. Na indústria agrícola, produtos como algodão, café, cana, fumo, farinha de mandioca, arroz milho e feijão sustentavam a prosperidade econômica do Ceará. Entretanto, a ideia de prosperidade econômica sempre era interrompida pelas secas. As imagens da última seca da primeira metade do século XIX (1844-1845) trouxe caos, pestes e uma leva de retirantes em busca de socorro público. Todavia, a economia de subsistência em 1845 ajudou a reduzir os impactos sociais causados pelas secas que só voltaram a assolar o Ceará três décadas depois.

Rompendo a ilusão de prosperidade decorrente de uma situação econômica dependente da regularidade das chuvas e em número populacional relativamente grande, seguindo o processo de modernização encabeçado pela Capital do Império, a grande seca de 1877 chegou ao Ceará de maneira voraz, combinando fome e adoecimento. Mesmo que na forma de casos esporádicos, no primeiro ano de seca, a varíola torna a aparecer:

A 16 de junho, apareceram alguns casos de varíola na capital, entre os retirantes; os enfermos foram imediatamente recolhidos ao Lazarento da Lagoa-Funda. O desembargador Estellita, temendo que a varíola tomasse caráter epidêmico, ordenou ao Dr. João da Rocha, inspetor da saúde pública, que propagasse a vacina o quanto fosse possível. A solicitude do Dr. Moreira no cumprimento d'esta ordem foi impotente ante a repugnância dos retirantes. Por mais que se mostrassem as vantagens da vacina, não se convenciam: "Deus nos livre de meter a peste no corpo diziam eles".⁵⁰

Percebe-se que, de fato, mesmo com o advento da seca, a varíola ainda não estava caracterizada de forma epidêmica. Porém, algumas questões foram cruciais para que no segundo ano de seca tal moléstia tomasse forma epidêmica: a resistência da população de retirantes ao processo de vacinação, a ineficiência e os processos de contenção em forma de abarracamento e as frentes de trabalho.

As obras públicas com trabalhos para retirantes não estavam restritas à capital. Dentre os melhoramentos e obras feitas na província pelos socorros públicos, Sobral foi 'agraciada' com obra de açude e cadeia pública. Em todos os locais da província foram estabelecidas obras, pois o caos gerado pelo corte de socorros públicos para o interior apenas aumentou os danos na capital:

Quando o conselheiro Aguiar tomou conta da administração, encontrou na capital uma população de 42.931 retirantes, dividida em cinco distritos [...]. A 31 de dezembro, trinta de quatro dias depois do ato da presidência restringindo os socorros para o interior, a população advéncia da capital elevava-se a 83 mil almas. Tínhamos mais de 40 mil pessoas desabrigadas.

⁵⁰ TEÓFILO, Rodolfo. **História da seca do Ceará.** (1877-1880)... *Op. Cit.* p.99

Foi então que o conselheiro Aguiar refletiu em seu erro, mas já era tarde. Aproximava-se o inverno e o que viria a ser dos infelizes sem teto: construir abarracamentos não era a medida que fosse realizada com a presteza exigida pela necessidade.⁵¹

Como resposta, o governo geral nomeou uma comissão de engenheiros para mapear toda a província afim de:

[...] conseguir-se o resultado de abastecê-la d'água de modo que, nas épocas das grandes secas, a população encontre aquele elemento em quantidade suficiente, não só para suprir as necessidades da vida, mas ainda para a manutenção do gado, e para o estabelecimento de um sistema de irrigações, que torne sempre possível a cultura das terras.⁵²

Tal comissão também se encarregaria de examinar os açudes existentes, investigar locais no Ceará (ou vizinhanças) que fossem favoráveis para abrigar as pessoas na falta de meios de subsistência. Contudo, enquanto as aglomerações só aumentavam, ao caos social somava-se o pavor contra as doenças, como a varíola.

Conforme o médico infectologista Antônio Carlos de Castro Toledo Junior⁵³, o termo *varíola*, também conhecido como bexiga, vem do latim: *varius* = mancha ou *varus* = pústula. Posteriormente, no século XV o termo *smallpox* (pústula pequena) foi empregado para diferenciar-se da sífilis (pústula grande). A distinção referia-se tanto ao tamanho da lesão como à população acometida, pois no século XV as crianças eram as principais vítimas da varíola. É muito controverso dar precisão ao surgimento específico da varíola, sendo poucos os indícios de sua existência anterior ao século X, sugerindo que a determinação de suas causas poderiam confundir-se com os relatos acerca das demais pragas na História antiga. Toledo relata que um determinado grupo de epidemias poderiam estar relacionadas à varíola e a outras pragas como a peste negra ou a praga dos Hititas, originária do Egito. O fato é que diversas epidemias foram relatadas ao longo da história, sugerindo varíola.

Uma teoria apresentada por Antônio Carlos de Castro sugere que, no Egito, mesmo não havendo relatos do acometimento da população pela varíola anterior à era cristã, achados de lesões cicatriciais em múmias indicaram a doença em três múmias entre 1580 e 1100 a.C. Outra teoria defendida em 1767 pelo médico Howell⁵⁴, com base no Atharva Veda⁵⁵,

⁵¹ TEÓFILO, Rodolfo. **História da seca do Ceará**. (1877-1880)... *Op. Cit.* p. 140-141

⁵² TEÓFILO, Rodolfo. **História da seca do Ceará**. (1877-1880)... *Op. Cit.*.p.142.

⁵³ TOLEDO JUNIOR, Antônio Carlos de Castro. **Pragas e Epidemias: Histórias de doenças infecciosas**. – Belo Horizonte: Folium, 2006.

⁵⁴ Médico da British East Índia Company.

⁵⁵ Livro Sagrado do Hinduísmo.

acreditava que a Varíola existia há séculos na Índia. Tal teoria foi questionada pelo historiador e antropólogo Sir Nicholas, que afirmou que a *masurika* (Varíola) apenas viria a ser descrita na medicina indiana no século VI, sendo defendida por Nicholas a teoria de que a varíola foi introduzida na Índia no primeiro milênio antes de Cristo por mercadores egípcios.

No que diz respeito à expansão da varíola no mundo, entre os séculos XI e XIX, a doença atingiu toda a Europa, com exceção da Rússia. Em relação a tal peste:

Era possível observarem-se dois padrões epidemiológicos distintos. Em grandes cidades ou em regiões densamente povoadas, ela tinha caráter endêmico, atingindo quase que exclusivamente crianças, com grandes epidemias em intervalos variáveis. Já nas cidades menores, e em regiões de baixa densidade populacional, apresentava caráter exclusivamente epidêmico, com surtos ocorrendo de tempos em tempos e atingindo todas as faixas etárias.⁵⁶

Dessa forma, “A varíola era, portanto, importante problema de saúde pública na Europa, [...] em alguns locais, a criança só era considerada membro da família e so recebia seu direito de herança e o nome da família após sobreviver à varíola”.⁵⁷

No Ceará, desde o mês de janeiro de 1877, a varíola já aparecia de forma esporádica. A transmissão de pessoa para pessoa, por meio do convívio e pelas vias respiratórias, não sendo transmitida por animais.

A transmissão ocorre de pessoa para pessoa por meio do convívio e geralmente pelas vias respiratórias. Uma vez dentro do organismo, o vírus da varíola permanece incubado de sete a 17 dias. A seguir, ele se estabelece na garganta e nas fossas nasais e causa febre alta, mal-estar, dor de cabeça, dor nas costas e abatimento, esse estado permanece de dois a cinco dias, para finalmente atingir sua forma mais violenta: a febre baixa e começa a aparecer erupções avermelhadas, que se manifestam na garganta, boca, rosto e que depois espalham-se pelo corpo inteiro. Isso ocorre porque *o variolae* parasita as células do tecido epitelial para se reproduzir. Com o tempo, as erupções evoluem e transformam-se em pústulas (pequenas bolhas cheias de pus), que provocam coceira intensa e dor – nesse estágio o risco de cegueira é maior, pois, ao tocar o olho, o enfermo pode causar uma inflamação grave.⁵⁸

O processo de tentativa de medicalização tardia, aliada ao aumento da emigração, resistência, avanço da seca e desnutrição formam uma combinação perfeita para o aumento da incidência da doença transmitida pela *Orthopoxvirus variolae*⁵⁹, sendo um vírus resistente às

⁵⁶ TOLEDO, Júnior Antônio Carlos de Castro. **Pragas e Epidemias...** Op. Cit. p. 20.

⁵⁷ TOLEDO, Júnior Antônio Carlos de Castro. **Pragas e Epidemias...** Op. Cit. p. 22.

⁵⁸ TOLEDO, Júnior Antônio Carlos de Castro. **Pragas e Epidemias...** Op. Cit. p. 22.

⁵⁹ <http://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/infantil/bioterrorismo.htm> acesso em: 10 /07 /2018

variações externas, como calor e umidade e variações de temperatura. Como se não bastasse a resistência às variações climáticas, a doença também se manifestava em diversas formas. Na epidemia apresentada, a forma predominante foi a confluyente, uma das formas mais graves da doença, deixando o doente de forma desfigurada. A confluyente apresentava inúmeras variações, com destaques para pele de lixa, tabardilha, *canudo* e hemorrágica⁶⁰.

No ano de 1878, a varíola tornou-se uma questão de saúde pública, frente a uma população de aproximadamente 110 mil retirantes, sendo que a Capital tinha pouco mais de 20 mil habitantes.

A população de Fortaleza podia-se calcular em 130 mil pessoas das quase 110 mil eram retirantes, que acossados [...]. Desta grande massa de famintos noventa e cinco por cento não eram vacinados. Nunca em parte alguma do mundo um *morbus* encontrou terreno mais apto a sua germinação e desenvolvimento [...] dessa multidão que além de não ter a imunidade [...] vivia na mais completa infração dos mais rudimentares preceitos de higiene. [...] imagine-se uma população da qual apenas em cem mil pessoas existiam cinco mil preservadas pela vaccina.⁶¹

Como citado anteriormente, a varíola é resistente às oscilações de clima e temperatura. Portanto, houve uma espécie de união microbiana pela combinação do caos perante a falta de estrutura da urbes, aliada à ausência ou mesmo à eficiência de uma política de higienização eficiente. Logo, às estatísticas do primeiro ano de seca somavam-se a cada dia mais retirantes, que eram mantidos aglomerados por meio do trabalho e abarracamentos. Um dos motivos justificados por Teófilo para o agravamento da varíola era a ausência de vacinação, porém: “Não tínhamos um instituto *vaccinogenico* e a *lympha vaccinica*, que era enviada de tempos a tempos pela repartição da Higiene Pública do Rio de Janeiro, raramente dava resultados⁶²”. Portanto, era uma questão maior que vacinar; além da resistência à vacina, havia ainda as dúvidas quanto ao seu efetivo resultado.

Nesse período, atitude por parte do governo da província foi de solicitar ao Rio de Janeiro o início do processo de vacinação junto aos abarracamentos⁶³. Porém, além da

⁶⁰ De acordo com Rodolfo Teófilo, a forma de canudo além de ser a forma mais dolorosa na pele de lixa e tabardia apareciam inicialmente como pústulas inchadas que posteriormente estouravam, permanecendo em forma de fendas a escorres pus. Na de canudo a pele se cobria de vergões seguido de febre alta. Os vergões queimavam. Posteriormente os vergões erguiam-se de forma cilíndrica na altura de 20cm de diâmetro, deformando desde o couro cabeludo à planta dos pés, deixando o enfermeiro com mal cheiro insuportável ao estourarem. A hemorrágica era altamente letal, matando o indivíduo em 24 horas.

Ver mais em: TEÓFILO, Rodolfo. **Varíola e vacinação no Ceará**. [1904]. Ed. fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997. p.15-16.

⁶¹ TEÓFILO, Rodolfo. **História da seca do Ceará (1877-1880)**. ... *op. Cit.* p. 6-7.

⁶² TEÓFILO, Rodolfo. **Varíola e vacinação no Ceará**... *Op. Cit.* p.8

⁶³ TEÓFILO, Rodolfo. **Varíola e vacinação no Ceará**.... *Op. Cit.* p.8.

qualidade da vacina, ainda havia processo de resistência por parte da população. Outro ponto considerado marcante para o período era medicalizar quando o problema já estava fora de controle. Nesse contexto, surgiram as iniciativas para isolar doentes na tentativa de impedir a infecção de outros setores da população.

Além da Santa Casa de Misericórdia, a capital contava com o Lazarento da Lagoa funda, projetos para acomodar 300 doentes em condições de isolamento, situado a três quilômetros de Fortaleza.⁶⁴

A varíola não era a única ameaça, e a febre amarela também recebia destaque no noticiário provincial: “Os jornais continuavam a classificar de febre amarela as febres biliosas que então reinavam. Assim noticiavam eles, de 1 a 20 de agosto, quarenta óbitos feitos por aquela terrível doença”.⁶⁵

As moléstias que então grassavam, e de preferência nos emigrantes, eram febres remitentes e intermitentes, disenteria e a terrível inchação (anasarca) na maioria dos casos devida ao envenenamento pela mucunã. Para curar esta enfermidade o povo, em sua medicina, aplicava o cozimento de laranja da terra com mel de furo, e o chamam caco. Davam neste último na dose de uma pitada em uma xícara d’água morna ao deitar-se [...] quando a moléstia não estava muito adiantada, conseguia-se restabelecer o doente com drásticos tônicos.⁶⁶

Outra moléstia muito comum no período foi a Tísica, nome popular para a tuberculose. Pensando etimologicamente, o termo *tísica* deriva do grego *phthiso*, que significa decair, definhar. Ao logo do tempo, também foi denominada como “peste branca” e “mal do peito”. Não se sabe especificamente a origem, mas acredita-se que remota de oito mil anos, e a forma de contágio ocorreu a partir do contato com auroques, uma espécie de boi que foi extinto no século XVII, supostamente contaminado com a espécie da tuberculose bovina, a *Mycobacterium bovis*.

Tendo uma manifestação de forma endêmica e epidêmica entre a população brasileira a tuberculose foi apontada desde o período pré-colombiano,⁶⁷ especialmente na forma óssea, entretanto, podendo atingir pulmões, rins, pele e intestinos, dentre outros órgãos. Na forma óssea, a doença acomete a coluna em cerca de 50% dos casos, resultando na perda de um corpo vertebral, causando dentre outros aspectos desvio da coluna que varia de 30 a 35°.

⁶⁴ TEÓFILO, Rodolfo. **Varíola e vacinação no Ceará**.... Op. Cit. p. 11.

⁶⁵ TEÓFILO, Rodolfo. **História da seca do Ceará** (1877-1880). 1922. Op. Cit. p. 111.

⁶⁶ TEÓFILO, Rodolfo. **História da seca do Ceará** (1877-1880). 1922. Op. Cit. p. 111.

⁶⁷ GURGEL, Cristina: **Doenças e curas**... Op. Cit. p. 43.

O termo tuberculose como conhecemos teve origem em 1839 por Schoenlein, baseado no nome dado em 1860 por Sylvius à lesão nodular, o tubérculo encontrado em pulmões de doentes⁶⁸. No que diz respeito à tuberculose em Sobral:

O Dr. Inspector da Hygiene, em um trabalho que está sendo publicado no jornal do Recife afirma que de 1852 a 1898 tem falecido nesta cidade 54.432 pessoas das seguintes moléstias zimóticas: a tuberculose produziu 20.747 óbitos; a varíola 14.001; a malária 6.497; O *cholera morbus* 3.469; a febre amarela. 2.614; a disenteria 2.160; a febre tifoide 2.010, o beribéri 1.129; o sarampo 720; a coqueluche 658; o croup 392; a escarlatina 179, e influenza 71. Deste quadro verifica-se que a tuberculose compreende por si só mais de um terço das moléstias zimóticas, [...] e essa mortalidade pela tuberculose é atribuída principalmente à falta de fiscalização nos matadouros e nos estábulos de vacas leiteiras, tomando o mal ainda maiores proporções por se o leite o alimento predileto das crianças, dos doentes e dos convalescentes, que são os mais aptos a adquirirem a moléstia.⁶⁹

Em Sobral, pode-se perceber que tal moléstia tomou dimensões maiores que qualquer outra doença, sendo responsável por mais de um terço do total de mortes do período apresentado. O mesmo quadro foi observado também em todo o Ceará, e provavelmente a importância da pecuária e o consumo de leite de vaca contaminada contribuíram para o expressivo número da tuberculose.

1.3 Combate às doenças: entre a higienização e o controle social

Não diferente das demais cidades do período, os centros urbanos do Ceará, como Fortaleza e Sobral, também estavam passando pelo processo de embelezamento, e disciplinarização dos espaços. Com o advento da grande seca, tal processo “civilizador” foi desequilibrado, gerando assim o caos nas cidades do Ceará com maior recurso. Diante da população de retirantes que se deslocava em busca de socorro, o desembargador Estellita tomou a seguinte medida que serviria de modelo para ampliar, ocupar e conter a invasão de flagelados e das doenças que os acompanhavam:

Crescendo sempre a calamidade, entendeu o desembargador Estellita ser preciso proporcionar o quanto antes aos retirantes a subsistência por meio do trabalho. Pensando assim, em 7 de setembro, fez assentar, n’um terreno próximo à povoação de Arronches, e para isso generosamente oferecido pelo comerciante Manoel Francisco da Silva Albano, a pedra fundamental do asylo de alienados. Entretanto

⁶⁸ GURGEL, Cristina. **Doenças e curas...** *Op. Cit.* p.44.

⁶⁹ **A Cidade**. Redactor-chefe Alvaro Ottoni. Sobral, 15 de novembro de 1889. Ano I. Acesso em 06 /07 /2018.

isso não impedia a emigração nem a insalubridade [...] Admira que a varíola não tivesse tomado caráter epidêmico, atendendo-se não só a aglomeração de indivíduos nos abarracamentos, como também o grande número de emigrantes não vacinados (sic).⁷⁰

Dessa forma, ocupar os retirantes, fazendo-lhes prover o próprio sustento, mantê-los longe do centro da Capital, que passava por seu processo de embelezamento, tratava-se também de uma medida criada para conter a população ociosa. Junto a esse processo vem o que Sidney Chalhoub⁷¹ apresenta como a criação do conceito de “classes perigosas”, termo que ganhou força a partir da justificativa de buscar novas formas de controle da população de cor (escrava ou liberta) da segunda metade do século XIX. Se na Capital do Império, tais povos eram tidos como responsáveis pelas mazelas sociais, no Ceará, tal termo será empregado aos retirantes:

Quem observar o quadro lastimoso de dezenas e dezenas de mendigos, que se apresentam diariamente em algumas ruas d’sta bela e florescente capital não pude deixar de lamentar a falta de uma casa onde só recolherão essas criaturas infelizes, muitas das quais entregues aos execrandos vícios da embriaguez e até da libertinagem! Braços que tratados e guiados convenientemente poderão prestar ainda bons serviços, produzindo vantagens para ajudar sua sustentação.⁷²

Além da disciplina por meio do trabalho, o poder público também estava atento ao crescente número de saques ou desvios de socorro:

Na primeira quinzena de novembro, foram remetidos gêneros e dinheiros para as localidades seguintes: Maranguape, Tucunduba, Imperatriz, S. Francisco, Sobral, Acarape [...] O governo enviava socorros até para os pontos mais centrais da província, alguns a mais de cem léguas da capital. [...] algumas d’essas remessas não chegavam a seu destino, porque ou eram roubadas pelos salteadores, ou subtraídas pelos próprios freiteiros.⁷³

Partindo da associação de epidemias e aglomeração de pessoas das classes populares ou perigosas, avançou ainda projeto de higienização. No que diz respeito a esse processo, Sidney Chalhoub apresenta a reorganização do espaço urbano e gestão de classes no Rio de Janeiro pautada entre vários aspectos como a idealização do conceito de classes perigosas. O termo buscava entre inúmeros aspectos depreciar os povos negros, criando uma espécie de ameaça social. Ao culpar a população negra (livre, fugitiva, trabalhadora ou marginal), criava-

⁷⁰ TEÓFILO, Rodolfo. **História da seca do Ceará** (1877-1880). 1922. Op. Cit. p. 113-114.

⁷¹ CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

⁷² **Relatório da Santa Casa do Ceará**. Maio de 1877, pelo vice provedor José Francisco da Silva Albano. p.6

⁷³ TEÓFILO, Rodolfo. **História da seca do Ceará** (1877-1880). Op. Cit. p. 125-126.

se uma justificativa para intervir junto aos espaços de habitações coletivas, estabelecendo assim novas formas de controle e intervindo no espaço urbano

Seja pela política idealizada no Rio de Janeiro ou pelo caos gerado pelas secas, o termo ‘classes perigosas’ foi empregado no Ceará ao ser referido à população de flagelados que desembarcavam nos grandes centros urbanos da época em busca de socorro. Os discursos e práticas que buscavam disciplinar retirantes por meio do trabalho acabaram tornando a vida dos migrantes ainda mais difícil, inclusive as possibilidades de trabalho oferecidas ajudavam a debilitar mais ainda a saúde da população pobre.

Os comissários, distribuidores de socorros, tinham ordem de dar ração ao retirante unicamente no dia da chegada. No dia seguinte, se queria ter o direito a socorro, devia ir à pedreira do Mucuripe, uma légua distante da Capital carregar pedras. Uma viagem de duas léguas com um peso de 15 quilogramas, [...] seria nada para um organismo são e vigoroso, mas para um enfermo, que tinha os membros tolhidos do cansaço de tantos dias de jornada, era bastante para acabar de extenuá-lo, roubando-lhe depois a vida. Tivemos ocasião de ver por muitas vezes essas vítimas, inânidas, trôpegas, escaveiradas e gemendo sob o peso de uma pedra, porque em casa a família se estorcia nas cascas da fome.⁷⁴

Tais condições levavam a um aumento da mortalidade por doenças e pela fome. Segundo Rodolfo Teófilo,⁷⁵ ao final do ano de 1877 houve um salto de 480 óbitos para 1.008, e 38 pessoas morreram exclusivamente de fome. Portanto, a população era tão dizimada pela fome ou insuficiência alimentar como por doenças.

Frente ao caos e ausência de políticas públicas voltadas para a saúde preventiva, Andre Bryam Lima Correia⁷⁶, apresenta os aspectos biopolíticos nas obras de Rodolfo Teófilo, bem como suas campanhas e processo de instauração do vacinogênico em Fortaleza.

Ainda caracterizando a saúde pública nesse contexto, frisamos que, ao final do século XIX, havia apenas dois lazaretos que tiveram longa duração (Jacarecanga e Lagoa Funda), com a função de isolar doentes de epidemias, como varíola, febre amarela e cólera; endemias como a lepra - embora em pequeno número.⁷⁷

⁷⁴ TEÓFILO, Rodolfo. **História da seca do Ceará** (1877-1880)...*Op. Cit.* p.132.

⁷⁵ TEÓFILO, Rodolfo. **História da seca do Ceará** (1877-1880)... *Op. cit* p.137.

⁷⁶ CORREIA, Andre Brayan Lima. “**O Ceará é uma terra condenada mais pela tirania dos governos do que pela inclemência da natureza**”: aspectos biopolíticos nas obras de Rodolfo Teófilo (1901-1922) Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades. Fortaleza (CE) 2016. 153f.

⁷⁷ CORREIA, Andre Brayan Lima. “**O Ceará é uma terra condenada mais...**” *Op. Cit.* p.15.

Como apresentado por André Brayan, a política de saúde pública desse período atuava a partir do processo de isolamento dos doentes em instituições como os lazarentos. Nessa perspectiva, Rodolfo Teófilo atuou denunciando as condições da saúde pública no Ceará e apontando aspectos biopolíticos frente às moléstias.

É a partir de 1877 que inicia sua atuação na área da saúde. Fez várias doações de medicamentos e mantimentos para os hospitais no período e foi responsável pela criação de um antídoto contraveneno de cobra cascavel, que era fornecido gratuitamente. No início do século XX, criou e passou a fabricar sua própria vacina contra a varíola, que era distribuída e aplicada gratuitamente por ele nas residências da capital e em seu vacinogênio montando no centro de Fortaleza, fornecendo também para o interior do estado.⁷⁸

Nesse contexto apresentado, pode-se perceber que, além da preocupação com a ausência de saúde pública preventiva, a partir do desenvolvimento da vacina contra a varíola, Teófilo passou a atuar na saúde pública por meio de campanhas de vacinação voluntárias. Apesar de sua limitação por causa do adoecimento, Teófilo apontou a necessidade de se olhar para as epidemias e secas como um fator social, frisando assim a necessidade de uma gestão política voltada pra a prevenção, vacinação e higienização. Portanto, a partir de seus escritos e ações, buscou conscientizar a população da importância da prevenção e higienização.

O problema de saneamento, pois consiste nas seguintes questões: abastecimento de água potável, serviço de esgoto de águas servidas e materiais fecais, dessecamentos de pântanos. [...] Nunca serão demasiados os sacrifícios feitos para defender a saúde, para preservá-la das mil causas de destruição que a ameaçam. Para o pobre ela é um capital precioso, toda a sua fortuna e nunca serão excessivos as precauções tomadas para o fim de conservá-la intacta.⁷⁹

A preocupação com o saneamento denuncia a preocupação com a saúde pública, como sendo um dos pilares para uma sociedade salubre e desenvolvida. Portanto, além de criticar, sua preocupação consistia em sugerir modelos de gestão a serem implantados.

Convencido de que nada podia o meu esforço no sentido de chamar a União ao cumprimento de seus deveres, e não querendo ser um inativo diante dos sofrimentos de meus infelizes patrícios, tive a ideia, de regressar ao Ceará, levar-lhes um alívio a seus males, a vacina antivariólica. Sabia que a

⁷⁸ CORREIA, Andre Brayan Lima. “ **O Ceará é uma terra condenada mais...** Op. Cit p. 17-18

⁷⁹ TEÓFILO, Rodolfo. **Seccas do Ceara**: segunda metade do século XIX. Fortaleza: Typ. Moderna a Vapor, 1901. p.13.

epidemia de bexiga, em Fortaleza aumentava, e para embarga-lhe, a marcha o governo não dispunha de meios.⁸⁰

No trecho, dois aspectos podem ser vistos: o primeiro refere-se à crítica à política do governo do Ceará, que continuava tratando o processo de adoecimento aos moldes da medicalização com os problemas infestados; o outro aspecto consiste no início do desenvolvimento das campanhas de vacinação voluntária iniciadas por Teófilo. Essa medida caracteriza-se como um dos modelos para o poder público atuar frente às epidemias, evitando assim gastos desnecessários, caso fosse implantado um modelo biopolítico.

Primeiramente, a quantidade de dinheiro gasto para remediar uma situação é superior à que seria gasta para prevenir, pois, é preciso aumentar a estrutura de atendimento, aumentar o fornecimento de medicamentos e materiais hospitalares necessários para os pacientes enfermos. Além do mais, as medidas profiláticas envolveriam aspectos simples como, vacinação e higienização da cidade, o que tornaria a cidade não só limpa, mas com caráter civilizado, já que tal lugar ficaria conhecido mundialmente por sua salubridade e falta de doenças. Por último, podemos destacar que ao ter uma epidemia, não só a sociedade era afetada, mas também a economia do estado, principalmente na diminuição de sua produção.⁸¹

Além de apresentar o modelo, Teófilo narra sobre sua campanha e os locais que percorreu:

[...] cinco crianças, de oito anos abaixo, todas nuas e encardidas de sujo olhavam-me espantadas. O ar que se respirava ali, embora renovado a cada instante, tinha um *fartum* especial, lembrando uma mistura de sebo, suor de negro e sarro de cachimbo. Pelas pequenas redes, armadas umas quase sobre as outras, podia se avaliar a porcaria do casebre. O sujo destas tipoias era tal que era impossível saber a cor primitiva do pano. Nunca, em minha vida, precisei de mais coragem e de mais paciência. Coragem para prosseguir naquele trabalho que estava me parecendo superior às minhas forças; paciência para suportar as investidas e os dislates da ignorância.⁸²

⁸⁰ TEÓFILO, Rodolfo. *Varíola e vacinação no Ceará...* 1997. *Op. cit.*, p. 70.

⁸¹ CORREIA, “ **O Ceará é uma terra condenada mais pela tirania dos governos do que pela inclemência da natureza**”..*op.cit.* p.38.

⁸² TEÓFILO, Rodolfo. *Varíola e vacinação no Ceará...* 1997. *Op. Cit* p.109.

Descritos como locais insalubres, os espaços narrados por Teófilo foram descritos pela saúde pública como focos de adoecimentos, em que se fazia necessária a intervenção do poder público. Nessa perspectiva, Teófilo desempenhou não um papel de caridade necessariamente, mas de higienista, pois, a partir do processo de vacinação, era possível o controle dos processos de infecção. Conforme Gilberto Hochman⁸³, tal atitude aponta o movimento sanitaria como uma consciência de interdependência, em que há a necessidade de uma autoridade capaz de agir sobre todo o território:

O cólera estabelecia elos de mútua dependência entre indivíduos, vizinhanças, cidades e regiões que inviabilizavam soluções isoladas. Essa configuração, fundada no caráter contagioso da doença, impunha a necessidade de uma autoridade capaz de agir sobre o território e sobre todos os indivíduos, impedindo que localidades e pessoas imputassem custos aos demais, necessitando assim liberdades individuais, alterar direitos de propriedade e violar autonomias políticas⁸⁴.

Das muitas questões apontadas, a mais pertinente trata-se de uma espécie de união por um bem comum em combate aos focos de adoecimento. Trata-se de cobranças por parte de determinados setores da sociedade em prol de uma atitude mais controladora por parte do Estado para combater os focos de adoecimento. O caráter social da doença tomou força a partir da difusão da ideia do micróbio:

Sob o sugestivo título de “O micróbio como nivelador social” o médico norte americano Cyrus Edson, superintendente sanitário da cidade de Nova York, publicou um artigo, em 1895, entusiasmado com as então recentes conquistas do conhecimento bacteriológico. Edson anunciava que a igualdade entre os homens, tão desejada pelos socialistas, estava sendo alcançada não mais por projetos ou por revoluções, mas por organismos vivos infinitamente pequenos, invisíveis ao olho humano: os micróbios, causadores de doenças infectocontagiosas. Os seres humanos seriam iguais ante a ameaça da doença, porque afinal, “o micróbio da doença não é respeitoso para com as pessoas.”⁸⁵

Conforme apresentado a partir de 1895, a questão microbiana tomou força e serviu como justificativa para os processos de isolamento de doentes, abarracamentos de retirantes nos períodos de secas e de controle social da vida e do corpo.

⁸³ HOCHMAN, Gilberto. A era do saneamento: as bases da política da saúde pública no Brasil. 3º ed.- São Paulo Hucitec, 2012. 253 p.

⁸⁴ HOCHMAN, Gilberto. A era do saneamento...*Op. Cit.* p.49.

⁸⁵ HOCHMAN, Gilberto. A era do saneamento...*Op. Cit.* p.51

Não obstante, mesmo com as mudanças ocorridas tanto no que diz respeito à institucionalização das secas e das doenças como na passagem para a república, as primeiras décadas do século XX em Sobral e no Ceará foram marcadas por epidemias provocadas pelos movimentos das multidões nos períodos de secas. Porém, tão importante quanto compreender a seca na perspectiva de clima, saúde e multidões é perceber sua sincronia com outros movimentos como a questão econômica internacional:

Como explicarmos o fato de que na metade do século, quando a fome em tempos de paz desapareceu para sempre da Europa ocidental, tenha aumentado de forma tão devastadora em grande parte do mundo colonial? Do mesmo modo, como pensarmos as presunçosas afirmações sobre os benefícios vitais do transporte a vapor e dos modernos mercados de grãos, quando tantos milhões, sobretudo na Índia britânica, morreram ao lado dos trilhos das ferrovias ou nos degraus dos depósitos de grãos?[...] em outras palavras, não estamos tratando de “terras de fome” paradas nas águas estagnadas da história mundial, mas do destino da humanidade tropical no exato momento (1870-1914) em que sua mão -de- obra e seus produtos eram dinamicamente recrutados para uma economia mundial centralizadas em Londres. Milhões morreram, não fora do “sistema mundial moderno”, mas exatamente no processo de violenta incorporação nas estruturas políticas desse sistema. Morreram na idade de ouro do capitalismo Liberal.⁸⁶

Se no início do capítulo foi apresentada a seca enquanto fenômeno climático, ao apontar o Imperialismo do Capital Inglês nas regiões afetadas pelo fenômeno da seca global, Mike Davis ajuda a compreender o porquê das secas iniciadas na segunda metade do século XIX tornarem-se tão marcantes, pois tratava-se do processo de transição relacionado à economia internacional, que, dentre outras mazelas, pregou falsas soluções como os processos migratórios, e as estradas de ferro, iniciando assim a abertura de tais regiões para a modernidade, porém como apontado, trouxe o fracasso e a exploração:

Um ilustríssimo vitoriano, o famoso naturalista Alfred Russel Wallace , co-descobridor com Darwin da teoria da seleção natural, concordou , exaltado. Assim como Digby, considerou a fome em massa uma tragédia política evitável não um desastre “natural”. Num famoso balanço da era vitoriana, publicada em 1898, definiu a fome na Índia e na China, além da pobreza dos cortiços das cidades industriais: como os mais terríveis fracassos do século.⁸⁷

Assim, o Ceará e a cidade de Sobral estavam em conexão com as transformação na sociedade e o avanço do liberalismo econômico no decorrer do século XIX. O avanço da

⁸⁶ DAVIS, Mike. *Holocaustos Coloniais*. Ed. Record: Rio de Janeiro; São Paulo. 2002. p.19

⁸⁷ DAVIS, Mike. *Holocaustos Coloniais... Op. Cit.* p. 18

agricultura comercial teve como impacto principal a enorme crise de segurança alimentar enfrentadas a partir de 1877.

1.4 A sincronia da seca

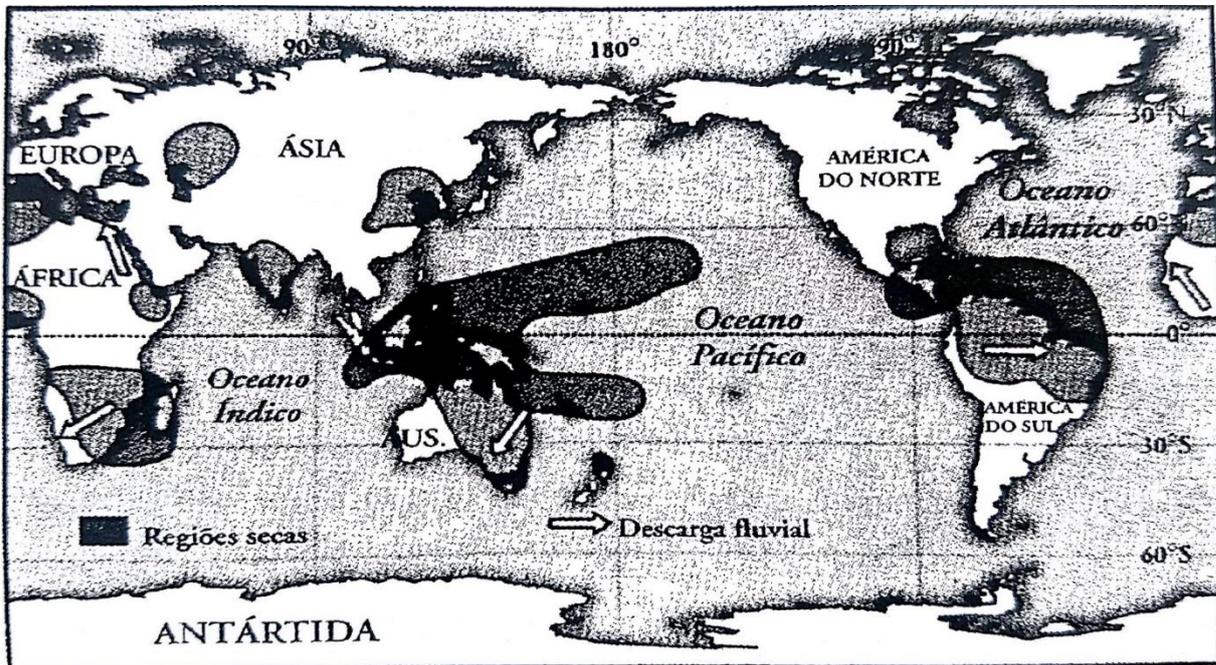
Como bem sabiam os leitores contemporâneos no *Nature* e de outros periódicos científicos, foi um desastre de magnitude verdadeiramente planetária, noticiando-se a seca e a fome também em Java, Filipinas, Nova Caledônia [...] Ninguém até então suspeitara ser possível tal sincronia na escala de todo o cinturão das monções tropicais mais o norte da China e o norte da África [...] mas a grande seca de 1876-1879 foi apenas a primeira de três crises de subsistência global na segunda metade do reinado de Vitória. Em 1898-91 anos secos mais uma vez trouxeram fome para a Índia, Coréia, Brasil, e Rússia, embora o pior sofrimento houvesse sido na Etiópia e no Sudão onde morreu talvez um terço da população [...] Epidemias mortais de malária, peste bubônica, varíola, disenteria dizimaram milhões entre os já debilitados pela fome.⁸⁸

Não é de se admirar que à época não se imaginasse um flagelo de tal magnitude, uma vez que atualmente ainda não se consegue ter uma visão clara da relação entre a seca enquanto fenômeno social e sua ligação com a fase de ouro do capitalismo e a exploração de mão de obra de retirantes por parte do Imperialismo Inglês.

Como apresentado, o cenário de fome, seca e pestes nesse período não foi exclusivo do Nordeste do Brasil. Esse mesmo fenômeno foi compartilhado por outros países e regiões tropicais, o que Mike Davis denominou de Seca Global 1876-1878. Diferente das secas anteriores, esta combinou com a conjuntura do mundo do trabalho de mão de obra de flagelados. Portanto, tal sincronia não foi somente da seca, mas de exploração pelo trabalho e morte em decorrência da insalubridade dos abarracamentos e debilitação do corpo pela fome.

⁸⁸ DAVIS, Mike. *Holocaustos Coloniais. ...Op. Cit.* p.16

Figura 8 - Regiões em escuro afetadas pela Seca Global



Fonte: DAVIS, Mike. *Holocaustos Coloniais*. Ed. Record. Rio de Janeiro. 2002. p. 74

Essa sincronia da seca afetou nordeste Brasileiro e locais como China, Índia e África do Sul.

A Índia não estava só em sua miséria. Embora seu destino surpreendentemente despertasse pouca atenção na Inglaterra, dezenas de milhares morriam de fome e cólera na Província Noroeste do Ceilão, sobretudo em Jafnapatan e Kadavely. Enquanto isso, eram relatados horrores comparáveis no norte da China, na Coreia, no sul de Java e em Bornéu, Visayas, Egito, Argélia, Marrocos, Angola, África do Sul e Nordeste do Brasil.⁸⁹

Conforme Mike Davis, a denominada Seca Global resultava de efeitos do fenômeno *El Niño*, que deixou um rastro de miséria, doenças e milhares de mortes, sendo a primeira das três crises de subsistência global, que deixariam um rastro de:

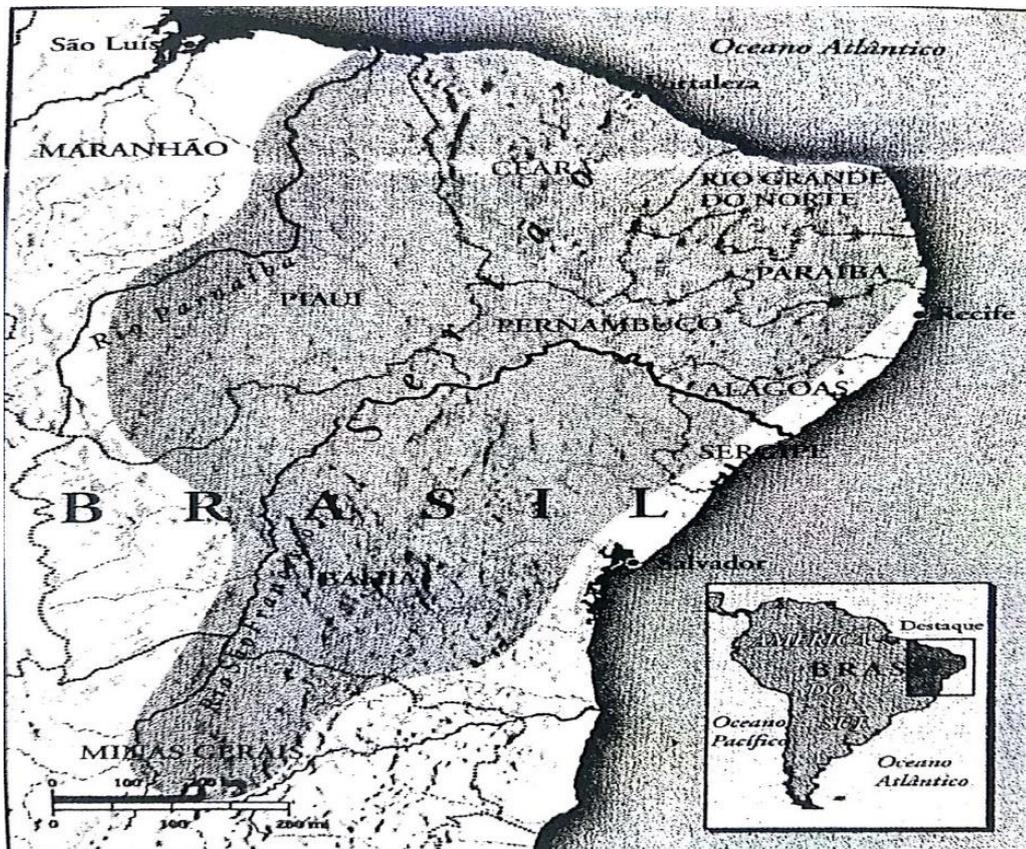
Epidemias mortais de malária, peste bubônica, varíola, disenteria e cólera dizimariam milhões entre os já debilitados pela fome. Os impérios europeus, juntamente com o Japão e os Estados Unidos, aproveitaram com ganância a oportunidade para criar novas colônias, desapropriar terras comunais [...] o

⁸⁹ DAVIS, Mike. *Holocaustos Coloniais*. Ed. Record: Rio de Janeiro; São Paulo. 2002. p. 73.

tributo total de seres humanos dessas três ondas de seca, fome e doença não poderia ter sido inferior a 30 milhões de vítimas.⁹⁰

Perceber-se que a seca desencadeou uma corrida de partilha por parte dos países imperialistas, em que o rastro da morte e da fome pode ser melhor compreendido a partir da análise da figura a seguir, que demonstra a região do Brasil em destaque afetada pela Seca Global.

Figura 9 - Região do Nordeste brasileiro em escuro afetada pela seca



Fonte: DAVIS, Mike. *Holocaustos Coloniais*. Ed. Record. Rio de Janeiro. 2002. p. 93

A falta das monções no decorrer dos anos de 1876 até 1879 resultou numa seca de rara intensidade em grande parte da Ásia. Foi imenso o seu impacto na sociedade agrícola da época. De tudo que se conhece até hoje, a fome que arrasou a região foi a pior a atingir a espécie humana.⁹¹

Assim como Jhon Hidore, Mike Davis une fenômenos meteorológicos, ambientais e históricos para desmistificar o ‘bode expiatório’ da seca enquanto fenômeno climático como

⁹⁰ DAVIS, Mike. *Holocaustos Coloniais*.... *Op. Cit.* p.16-17.

⁹¹ Jhon Hidore, *Global Environmental Change*. In: DAVIS Mike. **Holocaustos coloniais: Clima, fome e Imperialismo na formação do terceiro mundo**. Rio de Janeiro: 2002.

único responsável pela fatalidade das mortes por fome e doenças. Pode-se perceber que o rastro da fome, das pestes e da seca segue as regiões tropicais, e a política imperialista aproveitou mão de obra barata (entre outros aspectos) para explorar as regiões afetadas pela seca no cinturão tropical.

Um ano depois em Bombaim, Young constatou mais indícios que corroboravam sua tese de que a “influência inglesa no Oriente é apenas outro nome para a tirania inglesa”. Enquanto os *grants* se maravilhavam com a infinidade de empregados à disposição dos *sahibs*, Young avaliava os custos do Império com que arcavam os indianos. Não existe maior despotismo” [...] mais de 5 milhões de indianos, pelos cálculos oficiais, haviam morrido de fome nos três anos anteriores, Young salientava que o dinheiro que a Inglaterra tira da Índia todos os anos é um sério dreno no país, e está entre as causas da sua pobreza.⁹²

Seguindo o rastro da seca e da fome até a China:

Três anos de seca e fome no norte da China- em termos oficiais, o “mais terrível desastre em vinte e uma dinastias da história chinesa” – haviam matado recentemente matado algo entre 8 e 20 milhões de pessoas [...] em suas conversas com Li Hongzhang, Grant pregou-lhe um sermão com certa insolência, dizendo que as vias férreas talvez houvessem evitado aquela catástrofe: Quanto à fome, da qual ouvira tantas histórias infelizes desde que chegara à China, seria uma benção para o povo a existência de comunicações ferroviárias. Na América do norte não poderia haver fome como a vista nos últimos anos na China.⁹³

Com base na obra de Mike Davis, Henrique Carneiro aponta a seca como um fenômeno econômico de inclusão e exclusão na nova ordem econômica mundial.

Três aspectos da nova relação entre a periferia colonial e o centro europeu do sistema foram decisivos para os terríveis resultados ocorridos: a incorporação forçada da produção de pequenos proprietários de terra nos circuitos financeiros e de mercadorias controlados do exterior; a queda nos preços mundiais dos produtos da agricultura tropical; e a confiscação pelo imperialismo da autonomia fiscal local, que impediu a manutenção de políticas tradicionais de proteção aos camponeses em épocas de seca, especialmente com o colapso dos sistemas de abastecimento de água e irrigação. O advento das fomes provocou aumento de preços agrícolas que levaram os comerciantes indianos a escoarem a produção das áreas mais afetadas, onde inexistia poder de compra, para estocar nas cidades ou até mesmo exportar⁹⁴

⁹² DAVIS Mike. *Holocaustos coloniais*. Op. Cit. p. 14

⁹³ DAVIS Mike. *Holocaustos coloniais*. Op. Cit. p.15

⁹⁴ CARNEIRO, Henrique. *Resenha Holocaustos Coloniais. Outubro* (São Paulo), São Paulo, v. 8, p. 117-122, 2003.

Esses exemplos mostram o aumento de preços dos produtos agrícolas e demais questões apontadas por Mike Davis, como o Imperialismo Inglês, o negócio lucrativo da Seca com as estradas de ferro, a mão de obra dos flagelados, as pestes e o deslocamento da população rural em processos migratórios internamente e emigratórios para as províncias do norte e sudeste.

motivado sobretudo por temores de revolução e epidemias” o novo presidente liberal do Ceará, José Albuquerque prosseguiu com os carregamentos de mão de obra por navio para o Amazonas e Pará, [...] seguindo, consciencioso o exemplo do governo britânico na Índia, deu ordens para que os comitês de socorros iniciassem projetos adequados para a mão de obra não qualificada e só prestassem socorro em troca de trabalho.⁹⁵

Mais uma vez, percebe-se com base no trecho citado que a sincronia da seca não se limitou somente aos fenômenos climáticos, mas à implantação de modelos adotados na Índia sobre políticas de socorros a partir do trabalho, e, por “coincidência”, parte dos navios que transportavam alimentos passaram a transportar carga humana. A respeito deste último:

A emigração para a Amazônia surgiu, para setores do poder, como uma possibilidade de desviar tensões e conflitos que assolavam o território do Ceará no último quartel do século XIX. A Amazônia vivia o primeiro ciclo da borracha, seiva natural que era encontrada somente nesta região. O surgimento da indústria automobilística apresentava-se como um dos elementos impulsionadores da necessidade de aumentar a produção da borracha. *O Eldorado* terra que prometia trabalho e acúmulo de riqueza, era uma possibilidade para os desbravadores que se propusessem enfrentar a Floresta Amazônica [...] os presidentes da província utilizavam o recurso imediato do estímulo à emigração como forma de se livrarem dos flagelados da seca [...] A situação dos trabalhadores nos seringais não eram das melhores, a adaptação destes à nova vida no inferno verde era bastante difícil: doenças alimentação precária e a exploração extrema de sua força de trabalho.⁹⁶

Além de discorrer sobre as formas de incentivo para os retirantes emigrarem para a Amazônia, Edson Holanda Lima Barboza apresenta uma possibilidade de complementar a ideia acerca dos interesses econômicos tanto das elites locais preocupadas com uma possível escassez de mão de obra como o recrutamento dos retirantes como soldados da borracha para

⁹⁵ DAVIS Mike. *Holocaustos Coloniais. Op. Cit.* p. 99

⁹⁶ BARBOZA, Edson Holanda Lima. **Ida ao Inferno Verde: Op. Cit.** p. 29.

abastecer o mercado automobilístico. Esse momento demonstra as demandas do capital internacional, a exploração de mão de obra farta e disponível dos flagelados das secas. Portanto, possíveis socorros conforme a citação, estavam ligados à ideia de trabalho, em que o retirante fornecesse o próprio sustento. Esse modelo foi implantado pelo governo britânico na Índia e que será abordado mais detalhadamente no capítulo seguinte. Por hora, *O Eldorado* apontado por Edson Holanda referia-se:

A ida para a Amazônia apresentava-se, nos momentos de seca, como um dos únicos recursos para aqueles que não recebiam socorros nas cidades ou para aqueles iludidos com a possibilidade de fazer riqueza com a extração da borracha. Estes últimos tinham como incentivo o alto preço da borracha e o monopólio que o vale amazônico manteve até 1913, quando corporações da Inglaterra traficaram mudas para a Ásia e outras colônias. A partir de então essas corporações inglesas começaram a produzir a seiva da borracha de forma racionalizada, permitindo uma produção muito superior à do vale amazônico.⁹⁷

Se tal acúmulo de riquezas gerado pela borracha já eram difíceis, a partir da racionalização tornou-se ainda mais inviável frente à produção de borracha na Ásia. Porém, mesmo durante o declínio da borracha, em que já não se mostrava mais tão viável a economia da borracha, em tempos de seca, o cearense já havia aprendido o caminho. No século seguinte, com o advento da seca de 1915, as formas de se chegar ao Norte ocorriam conforme apresentado por Edson Holanda⁹⁸, por meio das redes de aliciamento e redes de parentesco. Além disso, o controle dos Ingleses não se limitou ao controle da borracha.

Percebendo que lucrar com a miséria era melhor que resolver o problema da seca, surgiu o interesse de governantes e ingleses no Ceará, em que a indústria da seca realizou obras como o Porto do Mucuripe, em Fortaleza, estradas de ferro, açudes e pavimentações, além dos vapores que, conforme Mike Davis, transportavam alimentos e “cargas humanas” negócio mais interessante aos olhos das elites.

Mas alguns setores da classe governante do nordeste descobriram que a “indústria da seca” era mais lucrativa que os produtos básicos regionais, açúcar e algodão, em declínio. Foi sem dúvida o que ocorreu de fato com a Singlehurst, Brocklehurst and Company, o empório britânico em Fortaleza que forneceu imensas quantidades de mantimentos para o governo e transportou milhares de retirantes para a Amazônia em seus navios a vapor costeiros. [...] Estabelecia-se assim um precedente para permitir que os coronéis nordestinos saqueassem ajuda ao desastre. O “desenvolvimento”

⁹⁷ BARBOZA, Edson Holanda Lima. **Ida ao Inferno Verde**: *Op. Cit.* p. 30

⁹⁸ BARBOZA, Edson Holanda Lima. **Ida ao Inferno Verde**: *Op. Cit.* p. 31

tornou-se apenas um eufemismo para subsidiar uma ordem social reacionária, e durante o século seguinte grandes verbas do “socorro” à seca desapareceram no sertão, sem deixar atrás um único canal de irrigação ou açude adequado para a sofrida população.⁹⁹

Essas descobertas de uma parcela de políticos e empresas Inglesas apontadas por Mike Davis fizeram do Ceará (assim como em outras partes do mundo afetadas pela seca no mesmo período) uma indústria de exploração da miséria. Além da continuação da exploração da mão de obra de flagelados tratados como cargas humanas, triados e selecionados para os mais diversos serviços, a influência dos abarracamentos e recrutamentos continuaram como pontos de triagem, controle e, conseqüentemente, focos de epidemias e conflitos. As ondas de saques partiram não só dos coronéis, como apontado por Mike Davis, mas por uma leva de retirantes que se articularam em forma de multidão.

⁹⁹ DAVIS Mike. *Holocaustos coloniais...Op Cit.* P.101

CAPÍTULO II. SOCORRO PÚBLICO: TRABALHO E ADOECIMENTO.

2.1 O CEARÁ E A POLÍTICA DE SOCORRO: A INDÚSTRIA DA SECA.

A política de socorro aos flagelados das secas constituiu-se inicialmente no processo de socorro sem um planejamento estratégico. Ocorreram doações e repasses de verbas, e Fortaleza foi dividida em abarracamentos para abrigar os flagelados e distribuir donativos.

O primeiro donativo que n'esta capital recebeu o desembargador Estellita para as vítimas da seca foi o de quinhentos mil réis oferecido pelo coronel José Francisco da Silva Albano [...] proporcionou por intermédio da casa comercial Albano & Irmão [...] convencido de que seria de subida utilidade dar trabalho a milhares de mulheres que viviam ociosas, arriscou parte de seus capitães, dando-lhes algodão para fiarem e linhas para fazerem rendas. Recebido o fio, era-lhes de novo entregue para o tecido de redes, sem o menor interesse pecuniário, antes com prejuízo do juro do capital empatado.¹⁰⁰

Pode-se perceber que o trabalho não era articulado, mas semelhante a uma medida emergencial. Outras formas de trabalho como pequenas obras foram realizadas para ocupar alguns retirantes, também chamados de indigentes. A capital continuava a receber donativos, o que se pode definir como caridade, uma vez que eram ações da população civil.

Continuava a chegar de fora da província donativos para as vítimas da seca. De Pernambuco, a 7 de maio, chegou o vapor nacional *Jaguaribe*, trazendo a primeira remessa de gêneros, produto dos esforços de uma comissão agenciadora de donativos no Recife. Estes socorros foram recebidos pela comissão central, e constavam 290 sacas de farinha, 86 de milho, 43 de feijão, 30 de arroz, 64 barricas de bacalhau, 164 arrobas de charque e 25 barricas de bolachas. Da corte entrou, a 20 de maio o transporte Purus. Carregado pelo Governo de gêneros alimentícios, iniciando-se deste modo as remessas de viveres por conta do Estado. A 22 regressou para o sul, com escalo pelo Aracati, levando gêneros não só para aquela cidade como também para d'alli remetidos a alguns pontos do interior.¹⁰¹

No que diz respeito à distribuição de socorro, como citado anteriormente, não havia obediência a um plano inicial, porém, após uma conferência, em 2 de julho de 1877, ficou definido que:

¹⁰⁰ TEÓFILO, Rodolfo. **História da seca do Ceará** (1877-1880). [1883]. 2. ed. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922. p.87

¹⁰¹ TEÓFILO, Rodolfo. **História da seca do Ceará** (1877-1880). [1883] ...*Op. Cit.* P.93-94

D'essa conferência resultou ficar dividida em 3 de julho, a área da capital em quatro distritos, sendo nomeado para cada distrito um comissário. N'essa mesma ocasião, se assentou em distribuir dinheiro e roupa aos retirantes por meio de ordens pagas ao portador pelo tesoureiro da comissão central e sacadas pelos respectivos comissários.¹⁰²

O plano inicial foi de zoneamento para abarracamentos nos arrabaldes da cidade. Essa política de abarracamentos ocasionou inúmeros problemas sanitários, além de denunciar a preocupação da população da cidade (especialmente das elites) em frear o avanço dos flagelados para a cidade. Essa política de abarracamentos aliada a outros fatores foi uma medida muito cara. No primeiro ano de seca, após o processo de zoneamento:

Inauguraram-se os abarracamentos do Pajeú. São Luiz, Jacarecanga e S. Sebastião, ficando os dois primeiros a barlavento da capital. Esta imprevidência na escolha do local fez em breve sentir seus perniciosos efeitos o retirantes avaliados foram empregados na construção de novos abarracamentos, na limpeza das praças e ruas da cidade; os inválidos recebiam esmolas.¹⁰³

Esse cenário apresentado de recebimento de donativos, seleção e avaliação dos flagelados e emprego em pequenos serviços urbanos mudou drasticamente no ano seguinte, o que ficou popularmente conhecido como a indústria da seca, que, entre outros aspectos, consistia no processo de recrutamento dos retirantes como operários em obras de “Socorro Público”. Tal medida foi apresentada como uma forma de solução para o problema da miséria, atraso e socorro imediato à população, tirando assim a multidão de flagelados dos “vícios e ociosidade”,¹⁰⁴ direcionando-os para trabalhar em serviços urbanos e trazendo o discurso da inclusão por meio da valorização do trabalho.

Das obras públicas realizadas em Fortaleza, Pacatuba e Sobral durante o ano de 1877:

Capital - Paredão e aprofundamento dos açudes do Tauape, Maraponga e Alagadiço - Nivelamento da praça da Alfândega - Nivelamento da praça em frente ao cemitério - Nivelamento da praça do quartel e contorno da Fortaleza de N. S. d'Assunção - Destocamento e limpeza interna e externa do cemitério de São João Bapstista - Aterro do Maceió - Bueiro e Aterro da Lagoa do Garrote. – Rampa do Passeio Público - Aterro dos Barreiros da rua da Conceição - Principio de calçamento nas estradas de Soure e de Messejana - Dessecamento e escavação da Lagoa do Garrote - Limpeza geral

¹⁰² TEÓFILO, Rodolfo. **História da seca do Ceará** (1877-1880). [1883] ...*Op. Cit* p.102

¹⁰³ TEÓFILO, Rodolfo. **História da seca do Ceará** (1877-1880). [1883] ...*Op. Cit.*...p.102

¹⁰⁴ CÂNDIDO, Pontes Apollo Tyrone.. **Operário das secas: retirantes e trabalhadores de ofício em obras de socorro público (Ceará-1877-1919)**. Revista Mundos do Trabalho, Vol.3 n. 6, julho-dezembro de 2011, p.176-193

da cidade - Construção de palhoças e casas de telhas nos abarracamentos do Meirelles, Pajeú, Alto da Pimenta, S. Luiz, Calçamento, Tijubana, Soure Alto do Cemitério e Lagoa Seca - Ripões na ponte do Siqueira - Auxílios prestados à construção do novo paiol da pólvora - Obras do quartel de linha, ao asilo de mendicidade em via de construção.¹⁰⁵

Já em Pacatuba, houve outro importante ponto de concentração de obras e retirantes:

Açude já concluído e outro em construção - Aterro da Lagoa de Carapió – Cadeia em conclusão – Enfermaria para indigentes - Extração de pedras para obras na capital – Destocamento da nova estrada da rodagem de Monte-Mó. – Auxílio à Capela de N. S. do Carmo – Melhoramento na Matriz, interna e externamente - Nivelamento da Praça da Matriz - Roçados.¹⁰⁶

Em Sobral, os registros de Rodolfo Teófilo direcionaram-se à cadeia e ao açude em construção. Na perspectiva prática, a indústria da seca caracterizou-se:

Paradoxalmente a seca se tornou a partir de 1877 um meio para viabilizar o progresso do Ceará e do próprio Nordeste através da implantação do projeto Pompeu-Sinimbú. Esse projeto pretendeu corrigir o desequilíbrio econômico entre o Norte e o Sul a partir da proposta de aproveitar a força de trabalho disponível durante as secas para realizar obras públicas, haja vista que elas significavam progresso material. Para tornar exequível essa proposta foi necessária elaborar uma política de socorros públicos, caracterizada por uma estrutura de assistência aos desvalidos.¹⁰⁷

O trecho apresenta o meio para viabilizar o progresso e a forma pensada sobre o projeto Pompeu-Sinimbú, que enxergava na seca a possibilidade de superar os desequilíbrios entre norte e sul do país. Trata-se de um projeto proposto pelo senador Tomás Pompeu de Souza Brasil, implantado em 1878, quando o senador João Lins Vieira Cansanção de Sinimbú tornou-se presidente do Conselho de Estado da Coroa. Tal projeto destinava-se a obter, pela miséria, mão de obra para o trabalho em obras públicas. Entretanto, para receber auxílio de socorro, o retirante precisava trabalhar para o governo em contrapartida. Portanto, as obras de socorro público atuaram como agentes catalisadores de mão de obra de flagelados para a consolidação do projeto de modernização do Ceará.

Segundo José Weyne, os problemas dessa seca foram potencializados com o projeto Pompeu-Sinimbú, pois, ao se pensar numa política dessa natureza, aproveitando mão de obra de pessoas flageladas, debilitadas, desnutridas (depois de viajar léguas incontáveis), aglomerar esses povos e explorar seu trabalho em troca de socorro custa muito caro.

¹⁰⁵ TEÓFILO, Rodolfo. **História da seca do Ceará** (1877-1880). [1883] ...*Op. Cit* p.143-144.

¹⁰⁶ TEÓFILO, Rodolfo. **História da seca do Ceará** (1877-1880). [1883] ...*Op. Cit*. p.144.

¹⁰⁷ SOUSA, José Weyne Freitas. **Seca e Socorros no Ceará**. *Op. Cit* p.179.

No Ceará, a indústria da seca realizou obras como o porto do Mucuripe em Fortaleza, estradas de ferro, açudes e pavimentações, além dos vapores que, conforme Mike Davis, transportavam alimentos e “cargas humanas”, que era um negócio mais interessante aos olhos das elites:

Mas alguns setores da classe governante do nordeste descobriram que a “indústria da seca” era mais lucrativa que os produtos básicos regionais, açúcar e algodão, em declínio. Foi sem dúvida o que ocorreu de fato com a Singlehurst, Brocklehurst and Company, o empório britânico em Fortaleza que forneceu imensas quantidades de mantimentos para o governo e transportou milhares de retirantes para a Amazônia em seus navios a vapor costeiros. [...] Estabelecia-se assim um precedente para permitir que os coronéis nordestinos saqueassem ajuda ao desastre. O “desenvolvimento” tornou-se apenas um eufemismo para subsidiar uma ordem social reacionária, e durante o século seguinte grandes verbas do “socorro” à seca desapareceram no sertão, sem deixar atrás um único canal de irrigação ou açude adequado para a sofrida população.¹⁰⁸

O trecho demonstra que a ‘indústria da seca’ foi mais do que um processo de obras de socorro público. Foi uma nova forma de enriquecer as elites, além de denunciar a sincronia da seca com questões econômicas.

Entre as obras realizadas, as estradas de ferro foram pensadas dentro do projeto Sinibú-Pompeu, que foi inicialmente a Estrada de Ferro de Baturité, que ligava a capital à cidade de Humaytá, com percurso de 297 quilômetros em tráfego, arrendada ao engenheiro Alfredo [...] e a estrada de Ferro de Sobral¹⁰⁹.

De acordo com Glória Giovanna, as Estradas de Ferro no Ceará foram criadas:

Em 1870 um grupo de cinco empresários firmara um acordo, para com um ramal Maranguape [...] foram eles Thomaz Pompeu de Sousa Brasil, Joaquim da Cunha Freire, (Barão de Ibiapaba), Henrique Brocklehurst, Gonçalo Batista Vieira (Barão de Aquiraz), José Pompeu de Andrade Cavalcante. [...] logo o governo constituiu uma sociedade anônima, “Companhia Cearense de Via Férrea de Baturité” a 25/07/1878[...] de 1870 a 1878. [...] com o decreto 56.940, de 19/06/1878 foram autorizados os estudos da Estrada de Ferro de Sobral, sob declaração de ser uma estrada geral.¹¹⁰

Na capital, funcionavam *trainways* pertencentes a três empresas diversas: a Ferro Carril do Ceará, a Ferro Carril do Outeiro e Ferro Carril de Porangaba. Várias linhas de

¹⁰⁸ DAVIS Mike. *Holocaustos coloniais*. Op. Cit. p.101

¹⁰⁹ REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ. Sob a direção do Barão de Studart. TOMO XXVII. ANNO XXVII. 1º, 2º 3º E 4º trimestres. CEARÁ-FORTALEZA. 1913.P. 238-239. Acesso em: 20 /05 /2018

¹¹⁰ MONT’ALVERNE. G. S. A. – **A Ferrovia e a Cidade**: Desafios da Modernidade em Sobral. Sobral-CE Instituto ECOA, 2015. 188 p.

vapores, nacionais e europeias mantiveram comunicações entre o porto de Fortaleza e os mercados externos.¹¹¹

Já na cidade de Sobral, entre as obras realizadas com as verbas destinadas aos socorros públicos, Theófilo apresenta outra grande obra que gerou polêmicas quanto ao desenvolvimento do seu projeto e emprego, que foi a Estrada de Ferro de Sobral:

Por decreto de 1º de junho. Por acto d'aquella data, foi aberto um credito de nove mil contos de reis, não só para ocorrer ás despesas com o prolongamento da estrada, como também para construção de uma via-férrea do Camocim: a cidade de Sobral [...] Sobre a de Sobral divergiam opiniões: judiciosamente julgavam-na de futuro muito remoto: pois, segundo o traçado atravessaria terrenos férteis, é verdade, porém ainda incultos. Teria sido de muito mais alcance o emprego d'esse capital na construção de uma linha Baturité a Quixadá, ficando para mais tarde a construção da estrada de Sobral. Esta fonte de trabalho, no qual deviam ser aproveitados milhares de braços, que viviam ociosos, infelizes que mendigavam, veria impedir a emigração. p. 200-201.

Figura 10 - Estação da Estrada de Ferro de Sobral



Fonte: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/fotografias/GEBIS%20-%20RJ/ce37035.jpg>

¹¹¹ REVISTA- DO INSTITUTO DO CEARA. Sob a direção do Barão de Studart. TOMO XXVII. ANNO XXVII. 1º, 2º 3º E 4º trimestres. CEARÁ-FORTALEZA. 1913. P. 239. Acesso em: 10 /06 /2018

Figura 11 - Estrada de Ferro de Sobral. Estação Camocim



Fonte: Arquivo pessoal.

Ainda com o fim de empregar os indigentes, o governo ordenou que começasse a construção da Estrada de Ferro de Sobral, nomeando pelo Decreto de 9 de junho uma comissão de 14 engenheiros para o serviço. A população do interior continuava a se deslocar sempre. Quanto às formas de trabalho e tentativas de limpeza do espaço urbano, entre as medidas empregadas pelo poder público:

A população da capital continuava a ser dizimada pela febre biliosa [...]. O presidente acreditando ser devido à aglomeração de retirantes a alteração do estado sanitário da capital, resolveu criar mais dois abarracamentos: um em Mucuripe e outro em Pajuçara, na fábrica de tijolos, destinados às obras que estavam fazendo. O transporte de gêneros do depósito central para os abarracamentos era feito pelos retirantes. (p. 194)

No que concerne a participação do clero:

Fortunato Alves Linhares (padre) [...] durante a seca de 1915 que devastou o Ceará, tomou a iniciativa de pedir ao governo o prolongamento da estrada de ferro de Sobral, a construção da Estrada de Rodagem para a Meruoca e a construção do açude da Forquilha, em prol de cuja ideia há oito anos trabalhava. E sócio fundador do Tiro Sobralense e como propagandista da agricultura iniciou a plantação de maniçoba, a podagem do algodão e fez duas barragens subterrâneas na fazenda Mombaba.[...]Nelson terceiro (padre) [...] Durante a seca de 1915 e nas inundações de 1917, os necessitados encontraram nele um amigo de angelical bondade [...] no ano de 1917 em

Agosto foi nomeado pelo presidente do Estado Dr. João Thomé de Saboya e Silva prefeito municipal, e no desempenho deste cargo tem prestado relevantes serviços, como sejam: o alinhamento das ruas, a limpeza pública, a construção do matadouro e obteve a criação de uma lei municipal em proteção da lavoura e outra criando uma aula noturna municipal que em 1917 atingiu a matrícula de 87 alunos pobres.¹¹²

Além da referência às ações de Nelson Terceiro, natural de Santa Quitéria, nascido em seis de maio de 1881¹¹³, filho de José Ribeiro de Farias e Maria Terceiro de Farias, que, a partir de seu prestígio e ações pelos os flagelados da seca, foi convidado pelo então presidente do Estado do Ceará Dr. João Thomé de Saboya e Silva¹¹⁴, a citação apresenta aspectos importantes como o fato de um padre ser convidado para exercer a função de prefeito, e a preocupação com a ordenação e disciplinarização dos espaços e pessoas em Sobral, o que na figura do Padre Nelson Terceiro representava a preocupação da Igreja com a disciplina dos espaços e a figura do ser “angelical”, a figura paterna, o ser que ampara.

2.2 A micropolítica do retirante e a mecânica do poder

Na trajetória da pesquisa, algumas reflexões e autores foram fundamentais, como Frederico de Castro Neves¹¹⁵, que discorreu sobre as características da seca no Ceará e a fragilidade das estruturas organizacionais que influenciam as relações da população do sertão frente a uma economia vulnerável e pobre. Portanto, Frederico de Castro apresenta as relações entre a sociedade cearense e a natureza do semiárido, passando pelas formas de resistência à estiagem, assim como as transformações na estrutura econômica e social a partir da lei de terras de 1850, alterando as formas tradicionais de enfrentamento da seca com a retirada do gado e de algumas famílias para as regiões úmidas, além de fazer da seca um fenômeno social, pois modificou as formas de assistência, sendo pautadas nas relações paternalistas ou de caridade e, posteriormente, obrigando a população desassistida a procurar socorro nos pequenos centros nas margens dos rios e na capital do Ceará.

¹¹² REVISTA TRIMESTRAL DO INSTITUTO DO CEARÁ. Sob a direção do Barão de Studart. TOMO XXXIV. ANNO XXXIV. Notas biográficas do CLERO SOBRALENSE elo Padre Vicente Martins do INSTITUTO DO CEARÁ. 1º, 2º 3º 4º trimestres. CEARÁ-FORTALEZA. 1920.p. 159-161. Acesso em: 10/06/2019

¹¹³ <http://www.arquidiocesedefortaleza.org.br/wp-content/uploads/2011/02/PADRES-NOMES-ORDENA%C3%87%C3%83O-NASCIMENTO-ORIGEM.pdf> acesso: 25 /06 /2018

¹¹⁴ Presidente do Ceará de 1916-1919. E senador durante o período de 1921-1930.

¹¹⁵ NEVES, Frederico de Castro. A seca na história do Ceará. In: SOUSA, Simone de (org.). **Uma nova história do Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000; NEVES, Frederico de Castro. Seca, Estado e Controle Social: as políticas públicas de combate às secas no Ceará. In: BRAGA, E.F. (org) **América Latina: Transformações Econômicas e Políticas**. Fortaleza: Edições UFC, 2003; NEVES, Frederico de Castro. **A multidão e a história**: saques e outras ações de massa no Ceará. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

Considerando que poder não é algo suscetível a ser dado nem trocado, mas exercido por meio de uma mecânica¹¹⁶, é inevitável lançar um olhar sobre o retirante como um sujeito que recebe e que é vítima, além de ser aquele que, por pequenas ações desenvolvidas no cotidiano, faz-se como agente e sujeito político, como:

Os conflitos havidos entre os soldados e os retirantes, provocados muitas vezes por parte d'aquelles provam ainda contra a disciplina do batalhão. Foi assim que, a 20 de agosto, as turmas empregadas nos transportes de pedras do Mucuripe, não havendo recebido suas rações na pagadoria do Três - Cajueiros, revoltaram-se contra os comissionários. A força interveio e travou-se a luta. Chegando o facto ao conhecimento do delegado da polícia, dirigiu-se ele, acompanhado de um piquete de cavalaria de 40 praças de infantaria [...] dispersos os retirantes, ficaram alguns feridos a bala e arma branca.¹¹⁷

Essas ações cotidianas e as atitudes conflituosas de controle e contracontrole ficam mais nítidas na narrativa de Rodolfo Theófilo, em que se percebe uma articulação com característica de protesto, de paralisação frente à falta de pagamento. O trecho também revela o emprego da força como forma de conter “os conflitos”, o que leva à dedução de que havia uma certa constância nos protestos por parte dos retirantes.

A essa articulação, Tyrone Apollo Pontes Cândido¹¹⁸ apresenta as experiências de trabalho dos retirantes e oficiais na seca de 1877-1879. As relações cotidianas problematizadas por Tyrone Apollo e vividas por tais trabalhadores (bem como as experiências e articulações dos retirantes frente aos trabalhadores qualificados) proporcionam uma maneira de pensar as formas cotidianas de resistências desses povos frente ao processo de controle a partir do mundo trabalho, em que foi desenvolvida uma espécie de teia de solidariedade entre os retirantes, como uma forma de sobrevivência no dia a dia.

O transporte de gêneros do depósito central para os abarracamentos era feito pelos retirantes. N'esse trajeto, furtavam quanto podiam, usando de meios mais astuciosos. Muitos iludiam a vigilância a mais severa do chefe de turma que os acompanhava! Com a *russega* furavam a saca que levavam aos ombros, colocando depois na abertura um tubo de taboca, pondo assim em comunicação o seu conteúdo com um pequeno saco, escondido sob a camisa.¹¹⁹

¹¹⁶ FOUCAULT, Michael. **Microfísica do poder...** *Op. Cit.* p. 7.

¹¹⁷ TEÓFILO, Rodolfo. **História da seca do Ceará** (1877-1880). [1883]. 2. ed. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922. p. 215.

¹¹⁸ CÂNDIDO, T. A. P.. Operários das secas: retirantes e trabalhadores de ofício em obras de socorro público (1877-1919). **Revista Mundos do Trabalho**(online), v. 3, p. 176-193, 2011.

¹¹⁹ TEÓFILO, Rodolfo. **História da seca do Ceará** (1877-1880). [1883]. 2. ed. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922. p.194.

As ações dos retirantes¹²⁰ frente à seca, as formas cotidianas de resistências pautadas por saques e invasões e as demais articulações do conjunto de ações desenvolvidas pelos retirantes passaram então a ser notadas. Observar a experiência dos excluídos do processo de formação da sociedade moderna foi determinante para a delimitação da questão-problema desta pesquisa, em que busquei um lugar para problematizar um assunto tão vasto e tão relevante a nível estadual e nacional.

Somado aos pontos apresentados por Frederico de Castro, na obra de José Weyne¹²¹, comecei a compreender a relação entre a seca e sua institucionalização a partir da visão histórico-econômica que permitiu a criação de uma relação entre a perspectiva com a fome e o surgimento das epidemias. Portanto, ao apresentar os socorros públicos como uma política assistencialista que visava à exploração de mão de obra retirante, as pontas começaram a se conectar.

James Scoot¹²² apresenta os termos resistência invisível e formas cotidianas de resistência, o que leva a entender os aspectos de dissimulação, falsa submissão, sabotagem etc. Entendo que essa definição vai ao encontro direto do que Foucault define como micropolítica, sendo aquela forma de resistência cotidiana (aquela que parte do individual), pois de certa forma é uma consciência por parte do retirante de quais armas, dispositivos e possibilidades ele tem a seu favor.

Nessa perspectiva, as turmas de trabalho¹²³ funcionaram como uma espécie de teia de grupos solidários, em que os retirantes entendiam que o apoio mútuo e manter uma rede de acordo com graus de parentescos são formas de melhor lutar e se impor diante das estruturas oficiais. Entende-se que os grupos solidários, as fugas dos postos de trabalho e o seu abandono dão início ao fazer político do retirante.

As formas de resistência não se limitaram somente ao campo do trabalho. No processo de tentativa de vacinação, as populações reagiam, entre outras maneiras:

A 16 de junho, [...] o desembargador Estellita, temendo que a varíola tomasse caracter epidêmico, ordenou ao Dr. João da Rocha Moreira, inspetor da saúde pública, que propagasse a vacina o quanto antes possível. A solicitude do Dr. Moreira no cumprimento d'esta ordem foi impotente

¹²⁰ A denominação “retirante” tinha um sentido pejorativo, fazendo alusão à retirada dos rebanhos de gado, sendo atribuída a todos os desvalidos socorridos fora dos seus municípios de origem, o que incitava a animosidade local

¹²¹ SOUSA, José Weyne Freitas. Seca e Socorros no Ceará. **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 52, pp. 178-219, Jan.-Abr. 2015.

¹²² .SCOOT, James C. **Formas cotidianas de resistência camponesa**. Raízes, Vol.21, nº 1, jan-jun. 2002

¹²³ CÂNDIDO, Pontes Apollo Tyrone.. Operário das secas:...*Op. Cit.* p.176-193.

ante a repugnância dos retirantes. Por mais que se mostrassem as vantagens da vacina, não se convenciam: - Deus nos livre de meter a peste no corpo.¹²⁴

O processo de vacinação encontrou barreiras, como a resistência cultural à campanha de vacinação, associando-a ao próprio processo de adoecimento. Vale ressaltar que tal atitude por parte dos retirantes faz sentido, uma vez que muitos casos de adoecimento devido ao emprego da vacina contra varíola foram registrados e apresentados por Rodolfo Teófilo. Portanto, compreende-se o medo e a reação das camadas populares ao associar a vacina com a própria peste. A resistência à medicina oficial pode ser percebida pela permanência de saberes populares.

As moléstias que então grassavam, e de preferência nos emigrantes, eram febres remitentes e intermitentes, disenteria e a terrível inchação (anasarca) na maioria dos casos devida ao envenenamento pela mucunã. Para curar esta enfermidade o povo, em sua medicina, aplicava o cozimento de laranja da terra com mel de furo, e o chamam caco. Davam neste último na dose de uma pitada em uma xícara d'água morna ao deitar-se [...] quando a moléstia não estava muito adiantada, conseguia-se restabelecer o doente com drásticos tônicos.¹²⁵

Mesmo Rodolfo Teófilo não relacionando as formas de tratamento às práticas de cura da medicina popular, Mayara Martins apresenta os traços da presença negra na religiosidade e nas práticas de cura das rezadeiras, curandeiros e feiticeiros:

Não queremos aqui afirmar que estes rituais são estáveis em sua prática. Eles podem acontecer de maneira diferente conforme as rezadeiras, curandeiros e videntes pensarem necessários para realizar a cura; esta que pode acontecer na casa da rezadeira, onde é comum ter um espaço especial para isso, com flores, imagens de santos e geralmente, uma mesa, que serve de altar para as imagens. Ou no seu quintal, local de conservação da natureza voltado para a cultura de ervas medicinais. Nesses espaços é observável a invocação da Santíssima Trindade antes do ritual, como um pedido indispensável para realizar o procedimento de cura, seguido da reza específica para cada mal.¹²⁶

Portanto, percebe-se que as práticas de cura apresentadas por Mayara Martins aconteceram de inúmeras formas, envolvendo crenças, religiosidades, ervas medicinais e demais elementos da natureza. Também se percebe a partir de Teófilo o quanto tais práticas de cura que envolviam tradição, religiosidade e fé eram presentes em detrimento da ineficiência da medicina científica. Portanto, Mayara Martins vem confirmar que o trecho apresentado por Teófilo para explicar o tratamento dos efêmeros era carregado de tradições e

¹²⁴ TEÓFILO, Rodolfo. **História da seca do Ceará** (1877-1880). *Op. cit.*, p. 99.

¹²⁵ TEÓFILO, Rodolfo. **História da seca do Ceará** (1877-1880). *Op. cit.*, p. 111.

¹²⁶ SILVA, Mayara Martins de Lima. **A Presença Negra em Aratuba: Memórias e Práticas de Cura /...Op. Cit.** p.68-69.

conhecimentos populares. A medicina popular ou a oficial não eram suficientes, pois a mudança para regiões serranas foi recurso para busca da cura.

O beribéri que ceifou tantas vidas na capital, Aracati e outras localidades, especialmente Sobral, onde se pronunciara com maior gravidade e se tornara rebelde a toda a aplicação terapêutica, matando quase repentinamente, tomou caráter benigno e era combatido com a simples mudança de clima para as serras de Maranguape, Aratânia, Baturité Ibiapaba e até mesmo sob regime de uma nutrição reconstituente unida ao uso de leite e banhos frios.¹²⁷

Além da mudança de clima, em que os doentes eram enviados para as regiões de clima ameno, em Sobral foi empregada uma forma de “cura” para a moléstia do beribéri: “No interior, os que foram atacados de beribéri morriam completamente à mingua! [...]. Na cidade de Sobral, onde foram dizimadas famílias inteiras, descobriu-se um meio de combater o mal. Consistia no uso do leite pela manhã, e em banhos frios.¹²⁸”. Compreendendo que o beribéri em Sobral tomou proporção epidêmica, percebe-se que, frente à ineficiência da medicina científica do período, as práticas populares de cura foram determinantes e atuantes para a cura dos males.

No que diz respeito ao tratamento das febres remitentes e intermitentes, disenterias e inchação, enfermidades que caminharam lado a lado com a varíola e a tuberculose, uma forma de curar da medicina popular empregada pelo povo foi:

O cozimento de torem, árvore silvestre. A limonada de laranja da terra com mel de furo, e o tabaco, fumo torrado e reduzido a pó, que vulgarmente chamam caco. Davam este último na dose de uma pitada em uma xícara d’água norma ao deitar-se. Todos estes meios de cura eram improfícuos. Quando a moléstia não estava muito adiantada, conseguia-se restabelecer o doente com drásticos tônicos, ajudados pelos meios higiênicos.¹²⁹

Quanto ao tratamento e assistência aos varilosos:

Imagine-se um corpo em carne viva, que custa a suportar imóvel o contato de folhas de bananeiras humedecidas em óleo, atirado, sem caridade, dentro de uma rede de pano grosso, e depois levado aos trambolhões por homens aguardentados a uma distância de mais de três quilômetros [...]. A medicina, penso, pouco faria em favor do enfermo de semelhante moléstia [...] para a bexiga que vem pra matar não há medicina.¹³⁰

¹²⁷ BRASIL, Thomaz Pompeo de Sousa. Salubridade. In: O CEARÁ NO CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL. Fortaleza. Tip. Minerva. 1922. P. 473-562. p. 31.

¹²⁸ BRASIL, Thomaz Pompeo de Sousa. **Salubridade...** *Op. Cit.* p. 30

¹²⁹ TEÓFILO, Rodolfo. **História da seca do Ceará (1877-1880)**... *Op. Cit.* p. 110-111.

¹³⁰ TEÓFILO, Rodolfo. **História da seca do Ceará (1877-1880)**. *Op. Cit.* p. 21-25.

O trecho citado aponta tanto para a ineficiência da medicina científica frente à forma de tratamento da varíola como o processo de remanejamento de populações, o que se caracteriza como gestão de classes perigosas, além de apresentar que a forma de tratamento consistia numa prática popular, em que era empregado o uso de folha de bananeira embebida em óleo. Quanto às medidas da medicina científica frente à varíola:

O governo havia contratado todos os médicos de Fortaleza, postos a disposição dos indigentes todas as, pharmarcias da cidade, mas todas estas providencias se annullavam em face da grandeza da epidemia. Os médicos cuidavam apenas, trabalhando noite e dia, dos quatro a cinco mil enfermos recolhidos aos lazaretos; os outros em numero mutissimo superior se acabavam no mais completo abandono. (...) Para dar mais carregados tons de tristeza, a cidade, à noite accendiam-se em todas as ruas vasos com alcatrão para que o fumo do pixe desinfectasse a atmosphaera viciada pelos micobrios da peste. Este singular modo de desinfecção foi ordenado pela ingênua Camara Municipal, que pensava por este modo sanear a cidade. Os poderes públicos só podiam ter suffocado à epidemia se dispozessem de um instituto vacinogênico onde fosse preparada a vaccina animal. Assim em poucos dias seria vaccinada e revaccinada toda a população de Fortaleza.¹³¹

Observamos que a ação do poder público de contratar todos os médicos disponíveis de Fortaleza, além de insuficiente, debilitava a possibilidade de assistência às cidades do interior, que ficavam mais vulneráveis com a ausência de profissionais de saúde.

Como citado inicialmente, a indústria da seca trouxe “trabalho” por meio do alistamento em frentes de obras públicas, como as estradas de ferro, açudes, praças, calçamento das ruas etc.

Porém, o que de fato tem-se tornado pertinente e incomoda é a capacidade que esses empreendimentos tiveram de forjar uma ideia de verdade na sociedade “civilizada”, e o caráter de verdade e opulência que paira no imaginário local, fazendo com que a parte visível da macropolítica de dominação, de contenção, de domínio e disciplinarização do corpo pautada na exclusão ganhe um novo significado. Não se trata de buscar apenas uma, pois, conforme Foucault, a noção de “verdade” procura:

Por "verdade", entender um conjunto de procedimentos regulados para a produção, a lei, a repartição, a circulação e o funcionamento dos enunciados. A "verdade" está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem. “Regime” da verdade [...] .Não se trata de libertar a verdade de todo sistema de poder que seria quimérico na medida em que a própria verdade é poder – mas de desvincular o poder da verdade das formas de hegemonia (sociais, econômicas, culturais) no interior das quais ela funciona no momento.¹³²

¹³¹ TEÓFILO, Rodolfo. **Varíola e vacinação no Ceará**. [1904. *Op. cit.* p.18.

¹³² FOUCAULT, Michael. **Microfísica do poder**. *op. cit.* p.11.

Diante disso, surge o questionamento sobre como podem espaços hierarquizados e excludentes construídos em plena seca, pelas mãos de retirantes, conseguirem ao longo do tempo criar um discurso de verdade e se firmar como um ícone de progresso e pompa. Para problematizar essa questão, é necessário discorrer sobre a genealogia de tal discurso de poder e verdade.

Cabe ressaltar que não se deve tentar encontrar um ponto de origem, mas ir contra um discurso unitário; buscar por meio do discurso não oficial e dos saberes não legitimados, e assim ir contra os efeitos de poder impregnados nos discursos. Trata-se de buscar compreender em vestígios do cotidiano a mecânica desse poder que lhe torna capaz de se colocar e se reinventar como oficial. Porém, dentro de uma perspectiva interdisciplinar de se entender a mecânica do poder, as únicas formas existentes de encontrar outros indícios surgem da interpretação dos discursos oficiais e periódicos de circulação local, de cunho oposto ao discurso oficial e concomitantemente analisar o oficial.

Diante da problematização sobre as diversas formas de caridade como forma de socorro desenvolvidas tanto por parte da sociedade em geral como Igreja Católica, ligas e irmandades, que serão apresentadas posteriormente, é necessário transitar pela questão das Misericórdias, que teve a primeira Casa de Misericórdia fundada em Lisboa ano de 1498, sendo independentes em relação ao poder eclesiásticos. De modo geral as Misericórdias serviram de modelo para a fundação de rede de Hospitais. Mesmo depois da independência eram independentes em relação ao poder eclesiástico e autônomas em relação à coroa e representavam o poder, recebendo recursos das elites locais e reempregaram no social, fundamentando assim sua existência na caridade. Quanto ao processo de fundação da primeira Misericórdia em Lisboa no ano de 1498, há algumas divergências quanto à origem:

Cabe aos estudiosos da teoria literária e aos antropólogos o mérito de terem sublinhado a importância dos mitos fundacionais[...] acredita-se que emanaram de uma figura real feminina, D. Leonor. Rainha, esposa de rei, mãe de um príncipe herdeiro tragicamente falecido, rainha viúva, “rainha velha”, mãe de misericórdia: os paralelismos com a figura de Maria, virgem santíssima, mãe de Cristo.

Já em outro momento:

Mesmo admitindo a importância da regente na criação da Misericórdia de Lisboa enquanto mito fundacional, a sua história ignora muito do que vinha se passando em Portugal em matérias de prática de caridade, tanto a nível

individual como institucional, mais do que isso concebidas isso, concebidas isoladamente.

Se a primeira citação busca associar à D. Leonor a fundação da primeira Misericórdia, a segunda aponta que já eram práticas recorrentes frente às desigualdades da época, portanto, mesmo sendo “independentes” do Clero e da Coroa, a citação denota uma relação de fundamentação associada à Coroa.

O fato é que as Misericórdias penetraram inúmeros espaços, controlado e disciplinando a partir do negócio da fé inserido numa gramática da salvação em que, de um lado, havia validação da riqueza “Devoção Leiga e purgatório de um lado a validação da riqueza; do outro a máquina da salvação. Negócio que tinha como principais atores os crentes e as diferentes instituições que nos habituamos a designar Igreja.”¹³³

Portanto, as Misericórdias surgiram num período em que houve: aumento de pobres na Europa ocidental do Séc. XV para o XVI; alterações demográficas e alterações econômicas com o crescimento das cidades; mudanças nas atividades econômicas tradicionais; estruturação e aumento dos hospitais urbanos destinados em sua maioria aos pobres; aumento da massa de pedintes; preocupação das autoridades urbanas com possível caos; mudanças de atitudes para com a pobreza e a potencialização da reorganização; legitimação da esmola e quem merecia ou não. Diante desse contexto, surge o questionamento sobre a quem caberia a responsabilidade institucional da Caridade: autoridades eclesíásticas ou leigas. Lutero, Calvino e as novas ideias sobre Caridade de apoio aos pobres nas áreas de “zonas de experimentação”, surgiram uma vez que em todos os países protestantes era proibido mendigar além de as confrarias serem abolidas, forçando a ideia de cada um prover seu sustento por meio do trabalho.

2.3 Doença, cura e fé: A disciplina e a Santa Casa de Misericórdia em Sobral

Durante os períodos de estiagem, a população era mais acometida por surtos recorrentes de pestes como a Gripe Espanhola, tuberculose¹³⁴, sífilis, hanseníase, peste

¹³³ SÁ, Isabel dos Guimarães. **As misericórdias portuguesas**, séculos XVI A XVIII/ . Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013. P.13-14.

¹³⁴ A TUBERCULOSE em Sobral. **Correio da Semana**. Sobral, 31 de dezembro de 1920. O Correio da Semana é de propriedade da Cúria Diocesana de Sobral, fundado no dia 31 de março de 1918, estando o mesmo em circulação atualmente.

Bubônica e Thypho, dentre outras¹³⁵. Assim como outras cidades do interior, Sobral não contava com espaços para os doentes, sendo estes na maior parte dos casos tratados com repouso e remédios caseiros.

A preocupação com os casos de doenças na cidade de Sobral eram registrados regularmente no Jornal *Correio da Semana*, com destaque para os casos de tuberculose: “Disse-me uma vez o Exmo. Bispo de Sobral (...) teve a paroca de tomar nota das moléstias que mais dizimam nossa população e com assombro verificou que os adultos mais de 50% morriam tísicos. Isso nas classes pobres”.¹³⁶

É importante frisar que os surtos de tuberculose na maioria dos casos acometiam a população de baixa renda, uma vez que a proliferação da doença está ligada a moradias insalubres (não sendo regra), acometendo de maneira mais voraz as classes pobres, pois a contaminação se dava pelas vias aéreas. A sífilis foi outra doença de grande repercussão na imprensa em Sobral. A seguir, a forma que o jornal denunciava as condições da saúde pública na cidade:

Vai entrando numa fase de violento declínio nesta cidade, a terrível gripe que há feito mais vítimas na humanidade do que o dantesco incêndio europeu, com todas as suas malinas de infernais destruições. Infelizmente não se realizaram as nossas tristes previsões [...]. O Sr. Dr. José Jacome de oliveira [...] estabeleceu um plano de ataque à sua horrorosa propagação além da campanha sustentada contra a hespanhola manteve-se nesta cidade uma larga prophylaxia contra a Syphilis.¹³⁷

Além das doenças citadas, outro fator de insalubridade foi o crescimento acelerado da população. Houve grande mudança do campo para a cidade, em que as pessoas buscavam recursos e alistamento nas obras de combate às secas. Nesse momento, Sobral experimentou uma profunda explosão demográfica gerada pela migração do campo para a zona urbana, com a chegada em massa de pessoas das mais diversas localidades da região norte, que buscavam recursos para escaparem das secas¹³⁸. Esse acelerado crescimento populacional somado à desnutrição impulsionou a expansão de pestes, além de tornar expressiva a quantidade de pessoas mendigando esmolas e empregos.

Não somente no ano de 1915, mas a recorrência das secas tornou-se presente em anos seguintes. No ano de 1920, predominou uma situação de miséria e fome, formando-se

¹³⁵ A MORPHEA em Sobral. **Correio da Semana**. Sobral, 31 de dezembro de 1910

¹³⁶ CONSULES. A Tuberculose em Sobral. **Correio da Semana**. Sobral, 17 de julho de 1920.

¹³⁷ BARRETO, Deolindo. A Peste. **A Lucta**. Sobral. 5 de fevereiro de 1919.

¹³⁸ NEVES, Frederico de Castro. Caridade e controle social na Primeira República (Fortaleza, 1915) Est. Hist., Rio de Janeiro, vol. 27, nº 53

multidões de famintos que recorriam aos alistamentos no período de secas¹³⁹, apadrinhamentos, ou mesmo medidas desesperadas para escaparem: “A última hora fomos informados de que os famintos que demoram por traz da Fábrica de Tecidos, devoraram a carne de um burro que morrera”.¹⁴⁰

Vejamos a situação dos flagelados a partir de suposto diálogo entre um coronel e um flagelado:

- Por que você não procura serviços nestas comissões do governo?
- Já fui em todas, Seu Coronel [...]
- E no forquilha?
- De lá eu vim. Está como sardinha em lata. Os que não encontram serviço estão se acabando de fome e de sede, e si não saírem de lá como eu fiz, têm de esticar a canela.¹⁴¹

Percebe-se que, na seca de 1919, assim como nas anteriores, além de insuficiência de postos de trabalho, a vulnerabilidade também era gerada por agentes como a fome, sede e doenças, o que agravava ainda mais a situação.

Nesse contexto, doenças como a tuberculose (na maioria dos casos) acometia a população de baixa renda, uma vez que a proliferação da doença está ligada a moradias insalubres das classes pobres, e a contaminação ocorria pelas vias aéreas.

Os projetos do poder público e privado diante do risco constante de epidemias exigiram a legitimação das ações a partir de discursos supostamente científicos. Assim, a chamada medicina social deve ser compreendida a partir de três subdivisões: a medicina de Estado, a medicina urbana e a medicina do trabalho. Nessa perspectiva, a medicina oficial passou a legitimar os processos de limpeza do espaço urbano e gestão de populações de riscos, ou classes perigosas em várias regiões do país tendo o Rio de Janeiro como modelo a ser seguido:

As classes pobres e viciosas, diz um criminalista notável, sempre foram e hão de ser a mais abundante causa de todas as sortes de malfeitores: são elas que se designam mais propriamente sob o título de – classes perigosas –; pois quando o mesmo vício não é acompanhado pelo crime, só o fato de aliar-se à pobreza no mesmo indivíduo constitui justo motivo de terror para a sociedade. O perigo social cresce e torna-se de mais a mais ameaçador, à medida que o pobre deteriora a sua condição pelo vício e, o que é pior, pela ociosidade.¹⁴²

¹³⁹ Dados de censos populacionais: no senso de 1872, a população geral de Sobral era de 29.658 habitantes.

¹⁴⁰ FERNANDES, Leopoldo, Pe. **Correio da Semana**. Sobral, 26 de julho 1920, p.3.

¹⁴¹ *Idem*. **Correio da Semana**. Tardança dos Socorros. Sobral. 12 de Janeiro de 1919

¹⁴² CHALOUB, Sidney. **Cidade febril ...op. cit** p. p.21

Entende-se que essas medidas de gestão de populações e a denominação de classes perigosas dialoga com aquilo que Foucault apresenta como a medicina do Estado e o processo de gestão do espaço da cidade, que pode ser percebido ao observar os modos que a medicina urbana sugere a segregação dos espaços e classes e a criação dos leprosários e hospitais. No caso de Sobral, a disciplinarização dos espaços ganhou nova dinâmica a partir do fortalecimento do controle da igreja sobre a população, cuja qual tinha à frente o primeiro Bispo de Sobral, Dom José Tupinambá da Frota¹⁴³.

A igreja católica exercia rígido controle sobre a sociedade sobralense. Controle que ia da vida sexual à atividade política, da frequência aos clubes ao comportamento dos assalariados. Quem não obedecesse aos padres, seus decretos proferidos do alto dos púlpitos ou no silêncio dos confessionários ia para o inferno. Antes disso, porém, sofria pavorosos castigos terrenos. Esta atmosfera de domínio facilitava seu domínio e sua ascendência. p.¹⁴⁴

Além de Dom José estar à frente da Igreja em Sobral, o seu espírito pomposo vem a ser expresso no processo de embelezamento da cidade:

Aluno brilhante no vaticano, ainda como vigário, Dom José empreendia obras que valorizavam a urbe sobralense. Tudo leva a crer que dom José projetou Sobral como um príncipe faria em seus domínios. Localizou prédios de forma estratégica, marcando a presença da Igreja em todos os pontos focais da cidade.¹⁴⁵

Fortalecendo a imagem de Dom José, foi construída uma memória que destaca seu protagonismo individual “a ele são creditadas obras como: a santa casa de misericórdia, o Seminário diocesano (hoje Universidade Estadual Vale do Acaraú), escolas, bancos de crédito e etc”.¹⁴⁶

A construção da Santa Casa de Sobral deve ser pensada de duas formas: a primeira consiste no processo de higienização da sociedade sobralense e reorganização do espaço urbano, algo que tomou impulso a partir da ação de combate às doenças. A segunda forma consiste na segmentação da sociedade e na retirada de circulação da população doente do contato direto com as elites e sua circulação pelos espaços públicos da cidade. Dessa forma, a

¹⁴³ Dom José assumiu a Diocese de Sobral em 10 de novembro de 1916, e exerceu a função de Bispo até sua morte em 25 de setembro de 1959. Ver mais em: FREITAS, Nilson Almino de. Sobral: “Opulência e Tradição”. Edições UVA. 2000.

¹⁴⁴ COSTA, Lustosa da. Sobral que não Esqueço. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2010. p. 85

¹⁴⁵ ROCHA, Herbert. O Lado Esquerdo do Rio. - São Paulo: Hucitec: Secretaria de Desenvolvimento da Cultura e do Turismo, Sobral: Escola de Formação em Saúde da família Visconde de Sabugosa, 2003. p.91

¹⁴⁶ FREITAS, Nilson Almino de Sobral: “Opulência e Tradição”. Edições UVA. 2000

medida consistia em mantê-los afastados da cidade numa espécie de leprosário, caracterizando-se assim como uma medida biopolítica.

A construção da Santa Casa de Misericórdia de Sobral levou um período de treze anos de trabalho e foi inaugurada em 24 de maio de 1925¹⁴⁷. Durante a construção da Instituição Hospitalar, a igreja estava sempre à frente e sua ação em parceria com setores das elites da sociedade e a população foram os responsáveis pela consolidação do primeiro hospital localizado no interior do Ceará. O objetivo era edificar um espaço dedicado ao tratamento da enfermidade e do espírito a partir do discurso cristão. “Esta Casa é filha da caridade. É o reflexo da miséria de um povo sobre uma alma compadecida do infortúnio deste mesmo povo abandonado a uma sorte ingrata e sofredora.”¹⁴⁸

Figura 12 - Santa Casa de Misericórdia de Sobral



Fonte: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/fotografias/GEBIS%20-%20RJ/ce37032.jpg>

A ação da Santa Casa em Sobral não difere das demais práticas surgidas nas demais regiões do Brasil, pois segue a mesma perspectiva das práticas de Misericórdias em Portugal, cujo objetivo expresso pela irmandade¹⁴⁹ era de assistência material e espiritual aos

¹⁴⁷ FERNANDES, Leopoldo Pe. Inauguração da Santa Casa de Misericórdia de Sobral. **Correio da Semana**. Sobral, 27 de Maio de 1925

¹⁴⁸ FERNANDES, Leopoldo. "Leproso". **Correio da Semana**, Sobral, 19 de junho de 1918.

¹⁴⁹ A Irmandade da Santa Casa de Misericórdia foi fundada em 8 de dezembro de 1923, era uma sociedade civil sem fins lucrativos, beneficente, filantrópica e de assistência social. Ver mais em: SOARES, Maria Norma Maia; GIRAO, Glória Mon't Alverne. **Sobral História e Vida**. Edições UVA, 1997. P.75 à 77.

necessitados.¹⁵⁰ Entende-se assim que o espaço da Santa Casa era destinado principalmente aos pobres e doentes na cidade de Sobral, que causavam certo incômodo às elites e aos transeuntes nas ruas.

Compreende-se que o envolvimento de agentes como a igreja e a sociedade na construção de um espaço dedicado ao tratamento de enfermos projeta a cidade no discurso da cidade moderna e salubre, em que o poder e o povo unem-se no combate à insalubridade.

A arrecadação de renda para a construção da estrutura física ocorreu a partir da participação da sociedade em bingos, rifas, quermesses, doações em dinheiro, joias e bens. Os eventos envolviam Sobral e cidades circunvizinhas: “Amanhã 11 do corrente, realizar-se-á no Externato d’Assunção um mimoso festival em benefício da Santa Casa desta cidade.¹⁵¹

O tratamento dos doentes na Santa Casa iniciou-se a partir do apelo da Igreja à sociedade, em que foi solicitada a comoção pela situação dos menos favorecidos. Nessa perspectiva, formou-se a liga Feminina Pró-Flagelados¹⁵²: “Gripados, já na convalescença, foram encontrados numa angústia crise de fome, prostrados pela debilidade extrema: morriam, assim, como morreram muitos outros, si a mão caridosa da liga feminina não lhes levasse logo socorro”.¹⁵³

Tão indispensável para compreender os processos relacionados às secas e adoecimento é entender que as ações de caridade sempre estiveram presente nos períodos de seca, configurando-se assim como uma política paralela à política de Estado:

Na quadra calamitosa da secca, que tão lúgubres traços deixou em sua passagem desoladora, não cruzou os braços diante da geral calamidade, mas recorreu á filantropia das outras províncias do sul e norte do império e collocou-se ao lado dos representantes do poder público para auxiliá-los na distribuição de socorros[...] O impulso da caridade manifestou-se por toda parte e sob todos os aspectos[...] Subiram a 34 contos e seiscentos mil réis (34:600\$000) os donativos recebidos que foram distribuídos com máximo escrúpulo em matar a fome e a abrigar innumerados desgraçados, cumprindo observar que d’aquella somma foram retiradas a quantia de 6:000\$000 que foi posta a disposição da administração, e outras somas, que foram distribuídas pelas localidades do interior mais assoladas pela secca.¹⁵⁴

¹⁵⁰ RUSSEL-WOOD. A. Jr. **Fidalgos e Filantropos: A Santa Casa de Misericórdia da Bahia, 1950/1975.** Brasília: EDUnb, 1981. P.67

¹⁵¹ FERNANDES, Leopoldo Pe. Lista de donativos da Misericórdia de Sobral. **Correio da Semana.** Sobral, 29 de junho de 1918

¹⁵² O surgimento de ligas era comum nesse período. Havia também em Fortaleza e diversas cidades e Estados. Como exemplo a Bahia.

¹⁵⁴ REVISTA TRIMESTRAL DO INSTITUTO DO CEARÁ: Sob direção do Barão de Studart. TOMO XXXIX-ANOXXXIX. 1925. Ceará-Fortaleza. TYP. MINERVA, ASSIS BEZERRA Rua Major Facundo, 111 e 113. p..315. Acesso em: 10/06/2018

Como citado anteriormente, as ações de caridade ganharam maior destaque nas primeiras décadas do século XX. Pautadas nos valores cristãos, buscavam por meio da sensibilização arrecadar recursos para desenvolver uma política de organização e controle social pelas práticas de caridade.

CAPÍTULO III. CARIDADE E CONTROLE SOCIAL: A IGREJA CATÓLICA E O COMBATE ÀS EPIDEMIAS EM SOBRAL

Diferente das secas ocorridas no final do XIX, quando a relação da população com a seca ocorreu em um contexto marcado pelas ações centralizadas na corte imperial, da intervenção do governo provincial e da completa falta de planejamento das autoridades para tratar com o problema das multidões e das epidemias, principalmente em 1877, a Seca de 1915 mostrou outras formas de tratar a população diante da intempérie. A experiência das secas anteriores e a autonomia decorrente do regime republicano possibilitou a tomada de uma série de iniciativas, inclusive da igreja, no combate às doenças, campo em que a ação de médicos, padres, jornalistas e autoridades políticas visavam ao controle e ao disciplinamento de corpos e mentes.

Em 1915, outras formas de combate às doenças e ao caos foram configuradas e reguladas a partir de dogmas religiosos e discursos de caridade disseminados na sociedade. A partir disso, novas formas de controle social, supostamente mais racionais, foram baseadas não apenas no discurso da caridade, mas no saber médico-higienista, que buscava determinar como as pessoas deveriam viver, adoecer e morrer, em um processo de (re)afirmação de hierarquias sociais e do poder.

Assim, devem-se analisar as medidas de controle social sobre o trabalho de retirantes e da população pobre, que, nas primeiras décadas do século XX, foi legitimada pelas pautas médico-higienistas. Nessa articulação, os debates em torno do combate às doenças e epidemias surgiram nas vozes de autoridades políticas e eclesiásticas como estratégia de dominação. Surgem então questões sobre a forma como pobres e retirantes enfrentavam em seus cotidianos as demandas dos novos tempos e quais mecanismos as autoridades utilizavam para o esforço de disciplinamento e controle dos corpos.

O processo de “modernização” no Ceará ocorreu à custa do flagelo das secas, da Indústria da Seca e das relações entre a sociedade e as intempéries no semiárido. Portanto, a seca foi um fator importante de integração política e do imaginário que se tem do Ceará.

Ao analisar a seca como um fenômeno social, tem-se o primeiro marco pautado na cotonicultura, que teve forte atuação a partir da segunda metade do século XIX, modificando até então as relações paternalistas, ocupando parte das terras com plantações de algodão para o mercado externo, levando ao abandono da agricultura de subsistência e por consequência

tornando a população pobre cada vez mais dependente em relação aos grandes proprietários de terra e comerciantes.

Com a República e o início do século XX, a articulação da indústria da seca¹⁵⁵ ocorreu a partir da relação do Estado com as oligarquias estaduais, principalmente, com a liberação de recursos financeiros por parte do governo federal para a construção de açudes construídos em fazendas e propriedades privadas, o que na prática acabava mantendo as relações de dependência nos sertões afetados pela seca e pela ganância oligárquica.

A política de socorro público surgiu na segunda metade do século XIX como política oficial de Estado, por meio do processo de recrutamento dos retirantes como operários em obras públicas, em que tal medida foi apresentada como uma forma de solução para o problema da estiagem e socorro imediato à população, tirando assim a multidão de flagelados dos vícios e ociosidade, levando-os para trabalhar em serviços urbanos.

Foi nesse cenário que, em 1915, as cenas de invasão de retirantes voltaram a ocorrer em todo o Ceará, inclusive na área de influência da Estrada de Ferro de Sobral.

O povo e o comercio de Ipu, além do mais estão sofrendo a invasão das populações flageladas pela sêcca, cujos famintos, tendo passagens grátis concedidas pela estrada de ferro de Sobral, se estão localizando exclusivamente naquella cidade, já atingindo seu número a mais de mil emigrantes. Este facto acarreta em verdadeiro perigo para a indefesa população de Ipu que, (...) clama de V. Exc. providências imediatas, no sentido de evitar sobretudo, a ininterrupta emigração dos milhares de retirantes que ali se está observando.¹⁵⁶

Diante da correspondência enviada ao presidente do Ceará, percebe-se, dentre outros aspectos, que o incentivo à emigração causara transtornos à ordem e ao bem-estar social no período de 1915, que já funcionava de uma forma diferente, necessitando de outras medidas que fossem além daquelas estabelecidas pela política de Estado.

Se as ações exclusivas do Estado nunca foram suficientes para combate aos efeitos das secas, a emergência do período republicano e a separação entre a Igreja Católica e o Estado brasileiro permitiu uma maior atuação da igreja no campo de políticas públicas, sem falar no movimento de romanização e das orientações do Vaticano para a igreja ter uma interferência direta na sociedade pela participação de movimentos católicos na política ou por ações de

¹⁵⁵ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. A invenção do Nordeste e Outras Artes. Recife, Massagana, São Paulo, Cortez, 1999.

¹⁵⁶ Correspondência do presidente da associação Comercial do Ceará, José Gentil de Carvalho enviada ao presidente do Estado do Ceará Benjamim Liberato Barroso. Anexado cópia de um telegrama do corpo comercial do município de Ipu. Fortaleza, 26 de março de 1915.

caridade promovidas. Nessa perspectiva, emergiu a rearticulação social, que possibilitou ao catolicismo ocupar um papel de protagonista nas ações de combate às secas ou às epidemias.

A caridade reafirmava princípios de manutenção da ordem política tradicional, e ao mesmo tempo, a despolitização do empobrecimento por meio da privatização da assistência social e/ou sua vinculação aos valores cristãos defendidas pela Igreja Católica¹⁵⁷.

Apresentados por Frederico Neves, esses valores cristãos foram disseminados também na população sobralense como uma espécie de comoção e estímulo para os irmãos assolados pela seca. Na medida em que se praticava a caridade, evitava-se o caos. Assim, a Igreja utilizava os meios de comunicação e os sermões pregados para mobilizar a população em prol da ordem na cidade, reivindicando junto à população pela construção de um Leprosário e da Santa Casa de Misericórdia, para que, por essas instituições, controlassem a ameaça epidemiológica potencializada pelos efeitos da seca.

3.1 Epidemias e isolamento

Surtos recorrentes de pestes como a Gripe Espanhola, tuberculose¹⁵⁸, sífilis, hanseníase, Peste Bubônica e Thypho, entre outras¹⁵⁹, traziam um alerta constante para a população de forma geral, pois a cidade de Sobral não contava com espaços para os doentes, sendo esses na maior parte dos casos, tratados com repouso e remédios caseiros. As justificativas para se explicar o adoecimento recaiam sobre a população pobre e o processo de reformas urbanas, tão comuns em várias capitais brasileiras naquele contexto, pois apontavam as chamadas classes perigosas, como sendo a origens de todos os males.

Chalhoub destacou a preocupação com a ociosidade no caso do Rio de Janeiro com o fator que estava ligado aos espaços de habitação e aglomerações em cortiços, elementos que associados disseminavam doenças nas cidades. Aglomerações e ociosidade foram problemas que a seca de 1915 trouxe novamente para o cotidiano sobralense. As preocupações em

¹⁵⁷ NEVES, Frederico de Castro. Caridade e controle social na Primeira República (Fortaleza, 1915) Est. Hist., Rio de Janeiro, vol. 27, nº 53, p. 115-133, janeiro-junho de 2014, p. 117

¹⁵⁸ A TUBERCULOSE em Sobral. **Correio da Semana**. Sobral, 31 de dezembro de 1920. O *Correio da Semana* é de propriedade da Cúria Diocesana de Sobral, fundado no dia 31 de março de 1918, estando o mesmo em circulação atualmente. Disponível na sede do Correio da Semana, localizado na Cúria Diocesana de Sobral, e no Núcleo de Estudos e Documentação Histórica (NEDHIS) da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA).

¹⁵⁹ A MORPHEA em Sobral. **Correio da Semana**. Sobral, 31 de dezembro de 1910

relação aos casos de doenças em Sobral eram registradas com regularidade no Jornal *Correio da Semana*: “Disse-me uma vez o Exmo. Bispo de Sobral (...) teve a paroca de tomar nota das moléstias que mais dizimam nossa população e com assombro verificou que os adultos mais de 50% morriam tísicos. Isso nas classes pobres”.¹⁶⁰

Na maioria dos casos, a tuberculose acometia a população de baixa renda, uma vez que a proliferação da doença estava ligada a moradias insalubres e a contaminação acontecia pelas vias aéreas. A gripe espanhola contou com 7.795 casos no Ceará, dos quais 33 resultaram em morte, e continuou a vitimar a população pelo ano de 1919,¹⁶¹ quando o número de vítimas só aumentou. A proliferação de doenças era justificada pelo poder público local, pelas moradias insalubres, pela falta de higiene e pela estrutura precária das habitações.

Além da gripe espanhola, da tuberculose e da sífilis, a presença de outra doença era bastante temida: a lepra.

Ainda não tínhamos visto um leproso [...] nesta cidade. Impressão desagradável [...] digno de comisseração!!! Há dias assombra na porta da nossa redação um pobre homem inteiramente desconhecido com feições horripilantes: orelhas compridas, língua descomunalmente comprida e putrefacta, coberto de andrajes e olhar fugitivo como de um criminoso [...]. Pedia uma esmola [...] não por amor de Deus [...] mas por amor do Diabo. Coitado! Certamente o desespero invadira sua infeliz alma [...] por espírito de comisseração e caridade, demos lhe uma gorda esmola declarando lhe porém que aquela ia por amor... ao próximo, não por amor ao diabo.¹⁶²

O caso de Lepra anunciado pelo *Correio da Semana* (periódico católico) não era um relato isolado, além do problema ser agravado com a ausência de espaços de tratamento apropriado para os enfermos. Em 1918, O Relatório do Presidente do Ceará, João Thomé Saboya e Silva, alertava a necessidade de “hospitalização systemica” como medida de prevenção à Lepra, reconhecia a ausência de um Leprosário na capital e a iniciativa da prefeitura de Sobral em organizar a construção de um Lazareto no interior:

Como perfeitamente sabeis, só a hospitalização systematica, prevenindo as causas da lepra, pode assegurar um resultado apreciável de medidas postas em pratica para sua debellação. Foi atentando a essas considerações que o Governo acaba de commissionar o Dr. Joaquim Anselmo Nogueira para que, estudando a moléstia nos logares de seu desenvolvimento, levante uma estatística dos casos existentes e escolha um local apropriado á construção do Lazareto que o Governo pretende instalar. A Prefeitura de Sobral, indo ao

¹⁶⁰ CONSULES. A Tuberculose em Sobral. *Correio da Semana*. Sobral, 17 de julho de 1920.

¹⁶¹ *Pátria*. Sobral, 18 de maio de 1918.

¹⁶² *Correio da Semana*. Sobral, 29 de junho de 1918.

encontro desse objectivo, trata de organizar um projecto para construcção do edificio, e de sua collaboraçãõ, que o Governo acceitou de bom grado espero resulte amplo beneficio.¹⁶³

A imprensa católica sobralense repercutiu a notícia de fundação de um espaço para isolamento de leprosos na cidade:

Leprosaria

Perante a resolução do Exmo. Sr. Presidente do Estado de fundar nesta cidade para recolher os morpheticos, consta nos que o Sr. Dr. Prefeito municipal resolveu escolher o local onde foi o paiol da pólvora.(...) Este local talvez dite uns tres quilômetros da cidade e consideramos amás considerável para o isolamento.¹⁶⁴

Ainda não temos muitos dados sobre o Leprosário de Sobral, mas a articulação entre o governo do Ceará e a prefeitura local demonstra que o combate ao problema da lepra envolvia, além do poder público, a imprensa em geral e a católica em particular.

Figura 13 - Diocese de Sobral. Sede do Jornal Correio da Semana



Fonte: <http://www.avozdesantaquiteria.com.br/2016/12/bispo-anuncia-transferencias-de-padres.htm>

¹⁶³ Mensagem do Presidente de Província do Ceará de 1918, p. 51

¹⁶⁴ **Correio da Semana**. Sobral, 25 de maio de 1918.

Sabe-se que, com a inércia do poder público e talvez certa desconfiança da população pobre em relação aos saberes médicos instituídos, receitas baseadas nos saberes populares ainda persistiam em setores da imprensa:

Usa-se no interior de Minas o seguinte remédio contra o mal de S. Lázaro: tira-se o inhame da terra no minguate da Lua. Posto no Sol para secar a humidade, corta-se em cascas e leva-se ao forno para serem as cascas torradas até que fiquem da consistência do café. Pila-se e o enfermeiro usará todas as manhãs e à noite, ao deitar-se (...) no fim de pouco tempo, com o uso deste remédio, as chagas desaparecerão, cicatrizando-se.¹⁶⁵

Apesar de a receita popular para tratamento da lepra ter sido publicada em 1914, portanto, poucos anos antes do debate sobre a criação do Leprosário, a situação não se modificou muito até o fim da década, e as práticas de cura baseadas em saberes populares foram encaradas pelo saber médico oficial como um obstáculo e constata rival.

3.2 A Santa Casa de Misericórdia de Sobral

Tendo em vista o perigo iminente de novas epidemias, a Igreja utilizava-se dos dogmas cristãos e iniciou junto à população sobralense uma série de medidas voltadas à assistência social, em um contexto de maior autonomia após o processo de separação da Igreja em relação ao Estado.

A principal medida encabeçada pela Igreja em Sobral foi a mobilização para fundação da Santa Casa de Misericórdia. O processo de construção da Santa Casa deve ser pensado a partir do processo de higienização da sociedade sobralense e reorganização do espaço urbano, algo que tomou impulso a partir da ação de combate às doenças. Trata-se de uma empreitada que exigia a retirada de circulação da população doente e pobre do contato direto com as elites e restrição de sua presença em espaços públicos. Dessa forma, a medida consistia em mantê-los isolados da cidade, caracterizando-se assim como uma medida de impacto social.

A construção da Santa Casa de Misericórdia de Sobral levou um período de treze anos de trabalho, com início em 1912 e inauguração em 24 de maio de 1925.¹⁶⁶ Durante a

¹⁶⁵ **A Lucta**, Sobral. 9 de junho de 1914. Disponível no Núcleo de Documentação Histórica (NEDHIS) da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA).

¹⁶⁶ FERNANDES, Leopoldo Pe. Inauguração da Santa Casa de Misericórdia de Sobral. **Correio da Semana**. Sobral, 27 de Maio de 1925

construção da instituição, a igreja esteve sempre à frente, marcando sua ação social em parceria com a população, firmando-se como a responsável pela consolidação da Casa de Misericórdia. O objetivo era edificar um espaço dedicado ao tratamento da enfermidade e do espírito a partir do discurso cristão. “Esta Casa é filha da caridade. É o reflexo da miséria de um povo sobre uma alma compadecida do infortúnio deste mesmo povo abandonado a uma sorte ingrata e sofredora”.¹⁶⁷

A ação social ocorreu com a participação da sociedade em bingos, rifas, quermesses, doações em dinheiro, joias e bens. Os eventos envolviam Sobral e as cidades circunvizinhas, sempre articuladas por um discurso religioso pautado na caridade com os pobres. Nesse trecho de 1914, percebe-se o envolvimento das senhoras católicas empenhadas em prol da caridade:

KERMESSE

Por iniciativas das Exmas. Sras. Donas Funny Almeida, Arolysa Quixada Aragão, Maria Olívia, Adalgisa Frota Parente e Yaya Monte, a realizar-se domingo, 2 de agosto, às 16 horas (...) uma grande kermesse. Em benefício das obras da Santa Casa em construção nesta cidade. As pessoas que desejarem levar o seu contingente à essa feira de caridade, desde já poderão entender-se com distintas e incansáveis promotoras de kermesse que tanto têm trabalhado em prol da nossa indigência desamparada.¹⁶⁸

Percebe-se que, aproximadamente quatro anos depois, a campanha em prol dos recursos financeiros para edificação da Casa de Misericórdia ainda continuava, pois em julho de 1918, o *Correio da Semana* comunicava: “Amanhã 11 do corrente, realizar-se-á no Externato d’Assunção um mimoso festival em benefício da santa casa desta cidade”¹⁶⁹. Alguns meses depois, em setembro de 1918, a campanha persistia.

Fará parte do programa da Exposição uma kermesse Colossal com uma grande variedade de diversões. Pois será a festa das moças. Todo o rendimento da kermesse será aplicado em benefício da santa casa de Misericórdia de Sobral que é um momento que honra os sobralenses.¹⁷⁰

Fortalecer o discurso da caridade e da misericórdia era uma tarefa contínua, e a ordem e o bem-estar não deveriam mais esperar somente pela política desenvolvida pelo Estado. Era

¹⁶⁷ FERNANDES, Leopoldo Pe. Leproso. *Correio da Semana*, Sobral, 19 de junho de 1918.

¹⁶⁸ *A Lucta.*, Ceará. Sobral. 16 de junho de 1914.

¹⁶⁹ Lista de donativos da Misericórdia de Sobral. *Correio da Semana*. Sobral, 29 de junho de 1918

¹⁷⁰ A Kermesse. *Correio da Semana*. Sobral, 14 de set. de 1918

preciso se valer da narrativa do sacrifício, da salvação e piedade para se conseguir de forma efetiva realizar o processo de destinar um lugar para cada um.

Por meio do Jornal *Correio da Semana*, a Igreja encarregava-se de prestar contas junto à sociedade dos valores arrecadados, bem como das pessoas que doavam e respectivas quantias, a procedência e como os gastos eram empregados por meio de uma lista de donativos.¹⁷¹

Quotas lotéricas dadas pelo presidente Coronel Franco Rabello (1913) 7.000\$000.
 Subvenção votada pela Assembléia Estadual (1913). 4.000\$000
 Quota lotérica dada pelo presidente Dr. João Thomé (1916) 2.000\$000
 Dado pelo Excmo. Snr. D. Joaquim José Vieira (de 3 casas pertencentes a Diocese) 10.700\$000.
 Por conta da verba de de 500\$000 (...) votada pela Camara municipal, em 1917. (...) 300\$000
 Das esmolas enviadas pelo Snr. D. Manoel da Silva Gomes, aplicadas em serviços de operários retirante, em compra de pedras, areia etc, aos mesmos. 1.400\$000
 (...) os 200\$000 restantes imcompressível [...]
 Idem de 1 cinema obtido por D. Marietta Figueiredo 233\$000
 Clube dos Democratas de Sobral 1.140\$000
 Importância Haveria dos cartões com esmolas de 200 réis 2.190\$000
 Resultado de 1 anel, rifado pelo senr. Deolindo Barreto 109\$000
 Idem rifa de 1 rede bordada 200\$000(...)
 Idem. De um drama produzido por D. Lau Rodrigues 50\$000
 Idem do circo San-Suny 1915. 30\$000
 Oferecido pelas senhoras sobralenses à Capella da Santa Casa entregue D. Anna Evangelista de P. Pessoa 40\$000
 Angariado por D. Francisca C. Santos (Rio de Janeiro) 80\$000
 Idem por D. Maria Sancha Cavalcante 73\$500
 Idem. Pelo major Francisco X. Nogueira 265\$000
 Idem. Por José Diogo de Siqueira 28\$120

A lista apresentada segue uma ordem decrescente de valores no primeiro momento, seguido do tipo de evento e arrecadação, e posteriormente as doações e esmolas de pessoas da comunidade em geral. Na lista, percebe-se a participação das mais diferentes pessoas e formas de doações como casas, esmolas, clubes, peças de teatro etc. Ao mesmo tempo, consta na lista de doadores um modo de afirmação da posição de destaque na sociedade sobralense, podendo resultar inclusive em dividendos políticos.

O processo de campanhas em prol da caridade para a construção da Santa Casa se estenderia pelo restante da década de 1920: “Quem não pode contribuir com menos de 2\$000

¹⁷¹ Publicada no ano de 1918 nas edições número 12 e 13 no mês de junho de 1918, referente às doações do período de (1910-1918)

por mês para uma instituição de tanta necessidade?”¹⁷². Tendo a Casa de Misericórdia sua inauguração somente em 24 de maio de 1925, contou com a presença do Senador João José Thomé de Saboya e Silva, ficando a cargo das filhas de Sant’Ana.

É importante frisar que a disciplinarização dos espaços ganhou mais força a partir do fortalecimento do controle da igreja sobre a população, tendo à frente o primeiro Bispo de Sobral, Dom José Tupinambá da Frota:

Figura 14 - 1º Bispo de Sobral Dom José Tupinambá da Frota



Fonte: <https://sobralonline.com.br/primeiro-bispo-de-sobral-hoje-10-e-aniversario-de-nascimento-de-dom-jose-tupinamba-da-frota/>

¹⁷² FERNANDES, Leopoldo Pe. Inauguração da Santa Casa de Misericórdia de Sobral. *Correio da Semana*. Sobral, 27 de maio de 1925.

Além de Dom José estar à frente da Igreja em Sobral, o seu espírito pomposo veio a ser expresso no processo de embelezamento da cidade. Ainda sobre as iniciativas de Dom José, Nilson de Freitas destacou que “A ele é creditada obras como: a santa casa de misericórdia, o Seminário diocesano (hoje Universidade Estadual Vale do Acaraú), escolas, bancos de crédito e etc”¹⁷³. Mesmo que Dom José tivesse todo o poder que a historiografia local atribuiu a ele, o processo de construção da Santa Casa não foi uma empreitada simples, pois dificuldades como a “desmobilização” da população local provocaram demora nas obras de construção do primeiro hospital de Sobral por mais de uma década para serem finalizadas.

3.3 Apelo contra a “apathia” ou sobre as formas ocultas de resistência

Em junho de 1918, seis anos após o início das obras de construção da Santa Casa de Misericórdia, o periódico católico *Correio da Semana* argumentava a necessidade de “transpor obstáculos” e embaraços, evitando pessimismo em relação ao andamento das obras do hospital de caridade.

Santa Casa

Transpor obstáculos, vencer todos os embaraços, não ouvir a voz do pessimismo que emudece ao tropeço que surge – é a missão glorificadora dos apóstolos da caridade que converteram o mundo enxugando as suas lágrimas [...]. Bem haja o Exmo. Sr. D. José para quem não são estranhas as desventuras de uma grande parte da nossa já densa população, quando lhe veio ao espírito dotar esta cidade de uma Santa Casa para abrigo de tantos infelizes [...]. De facto, não fosse esta apathia que nos faz descrever de tudo já teríamos funcionando em Sobral desde aquela maravilhosa instituição que muitos benefícios somente nos poderá trazer. Não é inoportuno, pois que apelemos mais uma vez para os nossos distintos patrícios que de certo, não recusarão o seu concurso generoso e bem de nossa Santa Casa. Conhecemos nesta cidade almas largamente dedicadas a caridade para quem não será grande sacrifício um pequeno auxilio mais para a conclusão daquele edifício.¹⁷⁴

¹⁷³ FREITAS, *op. cit.* p. 86.

¹⁷⁴ *Correio da Semana*, Sobral, 8 de Junho de 1918.

Antes de exaltar os “distintos patricios” sobralenses e solicitar a continuidade de doações para a conclusão da Santa Casa, o *Correio da Semana* reconhece que a “apathia” poderia levar ao descrédito em relação ao efetivo funcionamento do hospital.

Mas, aquilo que o periódico católico classificou como apatia, poderia ser pensada como formas cotidianas de resistência, nos termos propostos por James Scott, percebidas por meio de resistências ocultas, sabotagens e indisciplina no trabalho. Fora o grupo das elites, que tinham recursos para doações, além de interesse político, boa parte da população pobre de Sobral não encampou o movimento de construção do hospital devido ao sentimento de insegurança causado pelos discursos e práticas médico-higienistas, tão comuns naquele período. Já os retirantes, que ocasionalmente trabalhavam nas obras, visualizavam a construção da Santa Casa, como mais uma obra pública, entre tantas em que costumavam ser explorados, longe do discurso de caridade que a igreja buscava adotar.

Além das dificuldades de construir as instituições pensadas para controlar as doenças e epidemias (Leprosário e Santa Casa), os próprios doentes devem ser considerados também entre os obstáculos para o reconhecimento da importância de espaços de tratamento ou isolamento. Inclusive a imprensa católica, pontualmente, trazia alguns indícios para analisarmos as sensibilidades de doentes. O *Correio da Semana* apresentou uma reclamação de um leproso que pedia esmolas na rua e estava reclamando da ameaça de prisão e isolamento, expondo sua opinião caso tivesse que deixar de transitar pelas ruas, estabelecendo uma relação de “afeto” com sua doença e criticando a proposta de leprosaria e a ação biomédica, demonstrando assim suas angústias e desejos: “Eu vivia tão sossegado com minha leprinha, agora querem me deslocar”.¹⁷⁵

¹⁷⁵ *Correio da Semana*, Sobral, 19 de Junho de 1918.

CONCLUSÃO

Diante do problemas apresentados como proposta de pesquisa, que envolvem a relação entre trabalho, secas e epidemias, é necessário ir à contramão do que dita a ciência moderna, que prega o máximo de isolamento possível. Porém, inevitavelmente, as vivências e a pesquisas direcionam à busca por uma melhor compreensão acerca da realidade na qual se está inserido, confirmando que objeto de pesquisa e pesquisador se misturam.

Exposto o problema, necessariamente, percebe-se a necessidade do emprego da Metodologia Interdisciplinar, pois se pensarmos a metodologia na perspectiva disciplinar, cada um dos problemas apresentados gera uma nova pesquisa. A intenção não é esgotar cada um temas apresentados (até pela inviabilidade), mas se trata de compreender fenômenos aparentemente distantes, que estão conectados entre si. Trata-se de um pesquisa de fronteiras desenvolvida a partir do Método Moreliano, que consiste em interpretar o que está posto atentando para os detalhes periféricos, aqueles menos visíveis. Conforme E. P. Thompson, significa lançar novos olhares sobre velhos problemas. Somente unindo interdisciplinaridade e paradigma indiciário, a partir dos discursos oficiais, pode-se buscar nas entrelinhas os silêncios que não estão postos; ou seja, reinterpretar periódicos, buscando pensar nas intenções postas e no que elas denunciavam indiretamente. Ademais, transitar por esses terrenos tão instáveis foi necessário para compreender a seca em diversos aspectos e sua relação com as questões econômicas, sociais e internacionais.

Pela observação dos aspectos analisados, conclui-se que, no que diz respeito ao estado, o Ceará assume aspectos singulares devido às particularidades de solo, geografia e recursos hídricos, tornando-o uma espécie de ilha regional em forma de coliseu, caracterizando a seca climática como baixos índices pluviométricos distribuídos de forma irregular. Diversas formas de enfrentar a seca foram desenvolvidos ao longo do tempo, como as Caridades da Igreja Católica, a estrutura patriarcal, o latifúndio e minifúndio e as retiradas do gado para as regiões úmidas e serras. A partir da lei de terras e da seca de 1877, a seca passou a ser também um fenômeno social de ordem econômica e institucionalizada, pois suas tradicionais formas de enfrentamento foram rompidas, visto que as recém-implantados até então não supriam a demanda. Tem-se portanto um flagelo sem medidas que, ligado ao mundo do trabalho, demonstra uma relação direta com o período áureo do capitalismo, mais precisamente o liberalismo.

O campo do trabalho na seca representou uma forma de contenção dos retirantes, copiando e reproduzindo o modelo das Colônias Inglesas de ajuda pelo trabalho implantado em locais como a Índia e outras partes acometidas pelas secas por meio das frentes de obras e campos de concentração. Portanto, além de haver uma contensão, foi gerado outro problema: o agrupamento de pessoas debilitadas e a ausência de condições sanitárias levou aos processos de adoecimento gerado pela fragilidade da saúde e esforços do trabalho e a fome.

Por meio dos processos migratórios para a Amazônia no primeiro ciclo da borracha, o capital inglês aproveitou-se da mão de obra de retirantes que, ao chegarem na Amazônia, além de se submeterem ao difícil processo de adaptação, eram acometidos por inúmeras enfermidades, dentre elas a malária. Além disso, contraíam uma dívida que se iniciava no processo de migração e só crescia. O capital inglês pelo transporte de retirantes e cargas atuava nos portos do Ceará.

As práticas de caridade e as ações da Igreja Católica estavam presentes durante os períodos de seca, medicalizando, reorganizando e disciplinarizando os espaços, unindo dogmas e caridade. Por meio dos hospitais de misericórdia cuidavam dos doentes e geriam a maior parte dos espaços. A medicina popular atuou como via para solucionar o problema da ineficiência da medicina científica frente às moléstias. Tais atitudes têm suas raízes nas Misericórdias Portuguesas, porém também atuavam como disciplinadoras dos espaços, uma vez que os centros urbanos passavam por processos de modernização durante o início do século XX

O saber médico atuava de uma forma geral isolando e medicalizando doenças infestadas, ou tentando uma estratégia de amenização pela divulgação de informações duvidosas, como o caso do falso beribéri e da falsa febre amarela. Os retirantes não foram responsáveis em si pela expansão das moléstias e das epidemias, mas as medidas adotadas pela gestão pública de abarracamentos frente ao caos. Além do estigma causado pela associação do caos aos retirantes, as doenças também agiram como marcadores sociais, marcas de distinção e preconceitos.

Conclui-se também que muito ainda falta a ser pesquisado no campo do trabalho e das secas, como: as ações das ligas femininas pró-flagelados; compreender melhor as formas de atuação do capital inglês no Ceará e em demais locais do Nordeste no período de secas; a Igreja e as instituições de cuidado e controle; o estigma social dos doentes, os quais tinham nos corpos as marcas das distinções sócias, as formas epidêmicas que variavam conforme a região. Se em Fortaleza a praga foi a varíola, em Sobral foi a tuberculose, que vitimou entre os anos de 1852 a 1848 cerca de 21.747 pessoas, seguido da varíola que, no mesmo período,

vitimou 14.001 pessoas. As formas de tratamento e isolamento compulsório dos doentes e até mesmo práticas de cura atuavam nos abarracamentos frente à fragilidade da estrutura médica vigente ou até mesmo a falta de compromisso com os flagelados pela seca.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

A) Documentação Oficial

Arquivo Público do Estado do Ceará

- Ofícios da Câmara Municipal de Sobral, 1855, 1856, 1873

- Ofícios da Câmara Municipal de Fortaleza, 1878.

Recenseamento IBGE anos de: 1872, 1890, 1900, 1920.

Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv25477_v4_ce.pdf

B) Biblioteca Nacional online

Relatórios referentes à saúde pública e caridade da Santa Casa de Misericórdia do Ceará. Ano de 1877.

Relatórios dos Anexos á falla com que o ex.mo sr. desembargador Caetano Estellita Cavalcanti Pessoa, presidente da provincia do Ceará, abriu a 2.a sessão da 23.a legislatura da respectiva Assembléa no dia 2 de julho de 1877. Fortaleza, Typ. do Pedro II, 1877.

C) Periódicos impressas e online:

A Cidade (1889-1904) (Sobral-CE)

A Ordem (Sobral)

O Cearense (1862-1881)

A República (1889-1911)

O Cearense (1862-1881)

Jornal do Ceará (1904-1907)

Diário do Ceará (1924, 1926, 1929)

Jornal Correio da Semana. Sobral: (1918-1926)

Jornal A Lucta. Sobral: (07 de julho de 1915 - 31 de dezembro de 1920.).

D) Revistas do Instituto do Ceará

Revista da Época:

Revista Trimestral do Instituto do Ceará, Ano III 1º trimestre de 1889, tomo III

Referências e fontes das casas de misericórdias: *A Revista do Instituto do Ceará*, TOMO XVII ANNO XXVII, ano de 1913. Artigo: “Ceará - do livro O Brazil Actual, 1904” de Arthur Dias.

Revista do Instituto do Ceará - ANNO XXIX – 1915. Artigo do Barão de Studart “Succinta Noticia Sobre a Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza”.

Revista do Instituto do Ceará - ANNO XXIX – 1915. Padre Ibiapina, Traços biográficos encontrados no archivo da Casa de Caridade de Santa Fé, em Araras. (D'A Imprensa, Jornal da Parahyba

Revista do Instituto do Ceará-. ANNO XXXIV-1920. Padre Vicente Martins. Notas bibliográficas do Clero sobralense. Sob a direção do Barão de Studart.

Revista do Instituto do Ceará-. ANNO XXVII -1913. Sob a direção do Barão de Studart. TOMO XXVII.. 1º, 2º 3º E 4º trimestres. CEARÁ-FORTALEZA.

Revista do Instituto do Ceará- ANO XXXIX. 1925. Sob direção do Barão de Studart. TOMO XXXIX-. Ceará-Fortaleza. TYP. MINERVA, ASSIS BEZERRA

Revista do Instituto do Ceará- ANNO e TOMO XXIX-1915. BRASIL, Tomaz Pompeu Sousa. Trechos do livro "O Ceará" no principio do Século XX. Revista do Instituto do Ceará.

Revista do Instituto do Ceará. TOMO ESPECIAL 1987 .BOTELHO, Caio Lóssio. Os desafio da posição e do espaço cearense. - 1º. Centenário do Instituto do Ceará.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida Filho, Naomar, 1952- **Introdução à epidemiologia**. 4º. Ed. Ver. E ampliada. – [Reimp.] Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2014.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e Outras Artes**. Recife, Massagana, São Paulo, Cortez, 1999.

BERMAM, Marshal. **Tudo o que é sólido desmancha no ar**. A Aventura da Modernidade. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

BARREIRA, César. **Poder e disciplina: diálogos com Hannah Arendt e Michel Foucault/ César barreira**. (org). Angela Pinheiro; et al. Fortaleza: EUFC, 2000.

BOLTANSKI, Luc. As classes sociais e o corpo. Tradução de Regina Maria A. Machado: Organização de Texto de maria Andrea Loyola Leblond e Regina A. Machado. São Paulo: Paz e Terra, 2004-3º edição.

BARBOZA, Edson Holanda Lima. **Ida ao inferno verde: experiências da migração de trabalhadores do Ceará para a Amazônia (1942/1945)**. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005. 189f.

BARBOZA, Edson Holanda Lima. **Da Diáspora Cearense: Classificações raciais e alianças em rotas entre o Ceará e a Amazônia**. Projeto História, São Paulo, n. 56, pp. 117-148, Mai.-Ago. 2016.

BRASIL, Thomaz Pompeo de Sousa. Salubridade. In: O CEARÁ NO CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL. Fortaleza. Tip. Minerva. 1922. P. 473-562. P. 31.

BANDEIRA, Francisca Gabriela. A lepra em Fortaleza por meio das páginas do jornal O Nordeste na década de 1920.

CORREIA, Andre Brayan Lima. **“O Ceará é uma terra condenada mais pela tirania dos governos do que pela inclemência da natureza”**: aspectos biopolíticos nas obras de Rodolfo Teófilo (1901-1922). Dissertação/Mestrado em História Cultural. Universidade Estadual do Ceará. UECE. Fortaleza .2016. 153 p.

CARNEIRO, Henrique. Resenha Holocaustos Coloniais. **Outubro** (São Paulo), São Paulo, v. 8, p. 117-122, 2003.

CORREIA, Andre Brayan Lima. **“O Ceará é uma terra condenada mais pela tirania dos governos do que pela inclemência da natureza”**: aspectos biopolíticos nas obras de Rodolfo Teófilo (1901-1922) [Recurso eletrônico] / Andre Brayan Lima Correia. 2016. 153 p.

CÂNDIDO, T. A. P.. Operários das secas: retirantes e trabalhadores de ofício em obras de socorro público (1877-1919). **Revista Mundos do Trabalho** (online), v. 3, p. 176-193, 2011.

COSTA, Lustosa da: **Sobral que não Esqueço**. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2010. 192p.

COSTA, Antonio Carlos Campelo; ROCHA, Herbert de Vasconcelos. **Sobral da Origem aos distritos**.

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril**: cortiços e epidemias na Corte Imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CHOAY, Françoise. **O urbanismo**: utopias e realidades. Uma antologia (1965). São Paulo: Perspectiva, 2003.

CORBIN, A. **Saberes e odores**: o olfato e o imaginário social nos séculos dezoito e dezenove. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

COSTA, Maria Clélia Lustosa. Influências do discurso médico e do higienismo no ordenamento urbano. **Revista da ANPEGE**, Uberlândia, v. 9

DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais**. 3. ed. São Paulo. Atlas, 2009.

DAVIS, Mike. **Holocaustos Coloniais**. Ed. Record Rio de Janeiro-São Paulo. 2002.

FREITAS, Nilson Almino de. **Sobral: Opulência e Tradição**. *Sobral*: UVA, 2000.

FOUCAULT, Michael. O nascimento da medicina social. In: _____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FRANCO, Roberto Kennedy Gomes. Trajetórias de Politização do viver com HIV/AIDS no Nordeste do Brasil. In: _____. **Uma história brasileira das doenças**. Belo Horizonte - MG. Argvmentvm, 2010.

FOUCAULT, Michel. Espaços e classes. In: _____. **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.

FOUCAULT, Michael. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. – 3. Ed.- Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FERREIRA, Luciana de Moura. **A Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza**: acolhimento de enfermos e educação para a saúde pública (1861-1889). Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2017. 126f.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GIL, A. CATEANO. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIRÃO, Raimundo. **Pequena História do Ceará.** 3º ed. Ver. Fortaleza Ceará. Imprensa Universitária, 1971.

GADELHA, Georgina da Silva. **Sob o signo da distinção:** formação e atuação da elite médica cearense (1913-1948) / Georgina da Silva Gadelha –Rio de Janeiro: [s.n.], 2012.346 f.

GURGEL, Cristina: **Doenças e curas:** O Brasil nos primeiros séculos. 1. Ed. 2º reimpressão. – São: Contexto, 2011.

GALEFFI, Dante; MACEDO, Roberto Sidnei., **Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa:** educação e ciências. Salvador: EDUFBA, 2009.

HARVEY, David. **A Condição Pós-Moderna:** Uma pesquisa sobre as origens da Mudança Cultural. São Paulo: Edições, 1992.

HOCHMAN, Gilberto. **A era do saneamento:** as bases da política da saúde pública no Brasil. 3º ed.- São Paulo Hucitec,2012. 253 p.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. 311 p.

MONT'ALVERNE G.G. S. A – Ferrovia e a Cidade: Desafios da Modernidade em Sobral. Sobral, Ce; Instituto ECOA, 2015. 188 págs.

OLIVEIRA, Carla Silvino de. **Cidade (in) salubre:** ideias e práticas médicas em Fortaleza (1838 – 1853). 2007. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007

KHOURY, Yara Aun. **Guia dos arquivos das santas casas de misericórdia do Brasil:** fundadas entre 1500 e 1900. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004. Macedo, Roberto Sidnei. Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciencias humanas/Roberto Sidnei Macedo, Dante Galeffi; prefácio Remi Hess. - Salvador: EDUFBA, 2009. 174. :il.

LE GOFF, Jacques. **O nascimento do purgatório.** Lisboa: Livraria Estampa, 1993.

MARX Karl; ENGELS Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista.** 1º edição. São Paulo: Expressão Popular, 2008

MENEZES, Marco Antonio de. **Narrativas Urbanas:** Gogól, Poe e Ginsberg. Caderno de pesquisa do CDHIS- n° 36/37 – p. 91 – 102- 2007.

MACEDO, Roberto Sidney. **Um rigor outro sobre a qualidade da pesquisa qualitativa:** educação e ciências humanas/ Roberto Sidney Macedo, Dante Galeffi, Álamo Pimentel; prefácio Remi Hess- Salvador:EDUFBA, 2009. 174 p.

MESQUITA, Teobaldo Campos. **Manual de Elaboração e Apresentação de Trabalhos Científicos** – 3º Edição (Revista e Atualizada) Teobaldo Campos Mesquita – Sobral- CE, Edições Universitárias, 2011.

MARQUES, Vera Regina Beltrão. **A medicalização da raça: médicos, educadores e discurso eugênico.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994. (Coleção Ciências Médicas).

MONT'ALVERNE. G. G. S. A. – **A Ferrovia e a Cidade: Desafios da Modernidade em Sobral.** Sobral,Ce Instituto ECOA, 2015. 188 págs.

SILVA, Mayara Martins de Lima. **A presença negra em Aratuba: Memórias e Práticas de Cura.** Dissertação/ Mestrado Interdisciplinar em Humanidades. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira-UNILAB. Redenção. 2018. 146 p

NEVES, Frederico de Castro. Caridade e controle social na Primeira República (Fortaleza, 1915) Est. Hist., Rio de Janeiro, vol. 27, nº 53, p. 115-133, janeiro-junho de 2014, p. 117.

NEVES, Frederico de Castro. Seca, **Estado e Controle Social:** as políticas públicas de combate às secas no Ceará. (org) América Latina: Transformações Econômicas e Políticas. Fortaleza: Edições UFC, 2003.

NEVES, Frederico de Castro. A seca na história do Ceará. In: SOUSA, Simone de (org.). **Uma nova história do Ceará.** Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000; NEVES, Frederico de Castro. Seca, Estado e Controle Social: as políticas públicas de combate às secas no Ceará.In: BRAGA, E.F. (org) **América Latina:** Transformações Econômicas e Políticas. Fortaleza: Edições UFC, 2003; NEVES, Frederico de Castro. **A multidão e a história:** saques e outras ações de massa no Ceará. Rio de Janeiro:Relume Dumará, 2000.

NEVES, Frederico de Castro. **A multidão e a história:** saques e outras ações de massa no Ceará. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

OLIVEIRA, Cláudia Freitas de. **O asilo de alienados São Vicente de Paula e a institucionalização da loucura no Ceará** (1817-1920). 2011. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

PENA-VEJA, Alfredo; ALMEIDA, Elimar Pinheiro de. (Org.). **O pensar complexo:** Edgar Morin e a crise da modernidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

RAMINELLI, Ronald, História da PUC. IN: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História.** Ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997.

RUSSEL-WOOD. A. Jr. **Fidalgos e Filantropos:** A Santa Casa de Misericórdia da Bahia, 1950/1975. Brasília: EDUnb, 1981.

ROCHA, Herbert. *O Lado Esquerdo do Rio.- São Paulo: Hucitec: Secretaria de Desenvolvimento da Cultura e do Turismo, Sobral: Escola de Formação em Saúde da família Visconde de Sabugosa, 2003.*

SOARES, Maria Norma Maia; GIRAO, Glória Mon't Alverne. **Sobral História e Vida.** Edições UVA, 1997

SILVA JUNIOR, Argenor Soares. **“Cidades Sagradas”** *A Igreja Católica e as Transformações Urbanas no Ceará (1870-1920).* Niterói: Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. (Tese de Doutorado), 2009.

SCOTT, James. C. “Formas cotidianas da resistência camponesa. **Raízes**, vol. 21, n. 01, 2002.

SCOTT, James. Exploração normal, resistência normal. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº5. Brasília, janeiro-julho de 2011, p.217-243.

SCOTT, James. **A dominação e a arte da resistência.** Lisboa: Livraria Terra Livre, 2013.

SÁ, Isabel dos Guimarães. **As misericórdias portuguesas**, séculos XVI A XVIII/ Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

SILVA, Mayara Martins de Lima. **A Presença Negra em Aratuba: Memórias e Práticas de Cura**. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Humanidades) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção 2018. 146f.

TEÓFILO, Rodolfo. **História da seca do Ceará (1877-1880).** [1883]. 2. ed. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922.

TEÓFILO, Rodolfo. **Libertação do Ceará: queda da oligarquia Accioly.** [1914]. Ed. fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001.

_____. **A seca de 1915.** Fortaleza: Tipografia Moderna, 1919.

_____. **A seca de 1919.** Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922.

_____. **Secas do Ceará** (segunda metade do século XIX). Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1901.

_____. **Variola e vacinação no Ceará.** [1904]. Ed. fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997.

_____. **Variola e vacinação no Ceará** (nos anos de 1905 a 1909). Fortaleza: Tipografia Minerva, 1910.

_____. **1853-1892.A fome: cenas da seca do Ceará;** organização e notas de Waldemar Pereira Filho; posfácio de Lira Neto.- São Paulo: Tordesilhas, 2011.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

TOLEDO, Júnior Antônio Carlos de Castro. **Pragas e Epidemias**: Histórias de doenças infecciosas. – Belo Horizonte: Folium, 2006. 152 p.

WEYNE, José de Freitas. Seca e Socorros no Ceará. **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 52, pp. 178-219, Jan.-Abr. 2015.